



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

**O QUANTIFICADOR FLUTUANTE *TODOS* NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO E NO INGLÊS: UMA ABORDAGEM GERATIVA**

Helena da Silva Guerra Vicente

2006

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E
VERNÁCULA**

**O QUANTIFICADOR FLUTUANTE *TODOS* NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO E NO INGLÊS: UMA ABORDAGEM GERATIVA**

Helena da Silva Guerra Vicente

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Lingüística da Universidade de Brasília, como requisito
parcial à obtenção do título de doutor em Lingüística

Brasília, 19 de maio de 2006

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E
VERNÁCULA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

Profa. Dra. Lucia Maria Pinheiro Lobato, UnB (professora orientadora)

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva, UnB (presidente)

Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão, USP (membro)

Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre, UnB (membro)

Profa. Dra. Ruth Elizabeth Vasconcellos Lopes, Unicamp (membro)

Prof. Dr. Sergio Menuzzi, UFRGS (membro)

Profa. Dra. Danielle Marcelle Grannier (suplente)

Brasília, 19 de maio de 2006

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva (presidente)

Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (membro)

Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre (membro)

Profa. Dra. Ruth Elizabeth Vasconcellos Lopes (membro)

Prof. Dr. Sergio Menuzzi (membro)

Profa. Dra. Danielle Marcelle Grannier (suplente)

Agradecimentos

À minha orientadora, Lucia Lobato (*in memoriam*), que sempre acreditou em meu potencial, mesmo antes de eu me apaixonar pela Teoria Gerativa. Seus exemplos de força, nobreza e profissionalismo sempre me inspiraram e irão continuar me inspirando.

À professora Heloisa Salles, que guiou meus primeiros passos na Teoria Gerativa e acompanhou de perto os momentos finais de meu doutorado. Não posso imaginar a finalização desta tese sem o seu auxílio e seus comentários sempre tão sensatos e pertinentes. Sua paixão pela Lingüística é contagiante!

A Acrisio Pires, pelos comentários, sugestões e palavras de encorajamento. Seu apoio durante a finalização desta tese foi crucial.

Ao meu orientador americano, Grant Goodall, pelo interesse e entusiasmo demonstrados pela minha pesquisa desde nossos primeiros contatos por e-mail. Hoje não posso me imaginar realizando esta tese ou qualquer outra pesquisa sem que a sua influência seja percebida.

Aos meus colegas e amigos da pós-graduação em Lingüística da UnB, em especial, Adriana Viana (*in memoriam*), Eloisa Pilati, Marcus Lunguinho, Poliana Rabelo e Rozana Naves.

Aos professores da pós-graduação em Lingüística da UnB, em especial, Denize Elena Garcia da Silva, Hildo Honório do Couto, Lucília Garcez e Marta Scherre, que contribuíram diretamente para meu crescimento pessoal e profissional.

Aos professores Denize Elena Garcia da Silva, Danielle Grannier, Esmeralda Negrão, Marta Scherre, Ruth Lopes e Sergio Menuzzi, por terem aceito o convite para compor a banca examinadora.

Aos colegas da University of California, San Diego, que, de uma maneira ou de outra, tornaram a minha passagem por aquela instituição ainda mais agradável e proveitosa, em especial, Angie Barry, Josée Poirer e Shin Fukuda. À secretária do departamento de Lingüística, Catherine Alioto, pela sua eficiência e atenção. Ao professor John Moore, por ter me aceito como aluna em um de seus cursos.

A todos aqueles que contribuíram com palavras de encorajamento, comentários, julgamentos de dados e envio de textos, em especial, Ana Müller, Ana Paula Gomes,

Carlos Miotto, Charlotte Galves, Cilene Rodrigues, Evani Viotti, Eytan Zweig, Gabriela Alboiu, Jairo Nunes, Nicoleta Bateman, Sergio Menuzzi, Simona Herdan.

Aos amigos Bia Carvalho, Marc Muendler, Marius Rodriguez e Jennifer Poole, por terem nos recebido tão bem em San Diego.

Aos colegas e amigos Alexandre Muniz, Ana Lomonaco, Bia Carrato, Camila Maricato, Caroline Rodrigues, David Fraley, Edilene Dias, Fabiana Leite, Luciana Cunha, Nívia Lucca, Paulo Medeiros, Rosângela Macia e Simone Salles, que, mesmo longe, continuaram mantendo contato, seja por telefone, *e-mail* ou *messenger*.

À CAPES, por ter patrocinado meu doutorado e a minha estada de dez meses em San Diego, Califórnia, onde realizei meu estágio de doutorando.

À amiga Heloise, por me hospedar em sua casa em Brasília, e, simplesmente, por ser... Heloise!

Aos meus pais, Cecília e Guerra, e a meu irmão, Augusto, por seu apoio incondicional, e à Norma também.

À minha sogra, Mariza, cujo apoio emocional e logístico foi fundamental na fase de elaboração da tese.

À minha família, Victor e Heloísa, por seu amor, carinho, paciência e muita compreensão. Esta tese é dedicada a vocês.

Para Victor e Heloisa

“A simplicidade é o último grau de sofisticação.”
Atribuída a Leonardo da Vinci

SUMÁRIO

Capítulo 1	1
O Fenômeno de <i>Q-float</i> no PB e no Inglês: apresentação do problema e fundamentação teórica da tese	1
1.0 Introdução	1
1.1 Apresentação do fenômeno de <i>Q-float</i>	2
1.2 A fundamentação teórica e o ponto de partida para a reflexão	7
Capítulo 2	18
Teorias sobre Q-Float e Questões Remanescentes	18
2.0 Introdução	18
2.1 Teorias sobre Q-Float com Deslocamento do Quantificador	19
2.1.1 Kayne (1973): A Transformação Q-Post (Posposição do Quantificador)	19
2.1.2. Postal (1974): ainda a Posposição do Quantificador	26
2.1.3 McCawley (1993): Transformações e Ciclicidade	31
2.2 Q-Float com Deslocamento do DP	36
2.2.1 Sportiche (1988): Deslocamento do DP com Encalhe do Quantificador	36
2.3 Análises Recentes	39
2.3.1 Bobaljik (1995): quantificadores flutuantes são advérbios	39
2.3.2 Baltin (1995): FQs, PRO e predicação	44
2.3.3 Torrego (1996): Ainda PRO e Quantificadores Flutuantes	49
2.3.4 McCloskey (2000): Q-Float e Movimento Wh- em uma Variedade do Inglês Irlandês	51
2.3.5 Bošković (2004): Quantificadores Flutuantes e Posições Temáticas	57
2.4 Considerações sobre as análises apresentadas	66
Capítulo 3	71
O Quantificador <i>TODOS</i> no DP do PB	71
3.0 Introdução	71
3.1 Apresentação da questão-problema	73
3.1.1 Diferenças estruturais	73
3.1.2 A assimetria na distribuição de DPs pronominais e DPs lexicais	76
3.1.2.1 Koopman (1999): DPs pronominais e DPs lexicais no inglês e nas línguas célticas	76
3.1.2.2 Bošković (2004): estendendo o espírito da análise em Koopman (1999) ao estudo de Q-float	81
3.1.3 Os fatos do PB frente aos fatos de outras línguas	84
3.1.3.1 Os fatos do PB frente aos fatos do inglês	84
3.1.3.2 Os fatos do PB frente aos fatos do romeno	86
3.2 Por uma análise com movimento	91
3.2.1 A caminho da proposta: o quantificador “todos” no DP do PB	92
3.2.3 DPs lexicais e DPs pronominais: assimetria também no PB?	99
3.2.4 Justificando o traço-EPP	107
3.3 Conclusões parciais	109
Capítulo 4	111
O Quantificador <i>TODOS</i> e a Estrutura Oracional	111
4.0 Introdução	111
4.1 Pressupostos teóricos: movimento do verbo e do objeto	113
4.1.1 Movimento do verbo no PB e no inglês, e apresentação do fenômeno de Object Shift	113

4.1.2 Object Shift restrito no PB.....	124
4.2 Análise das sentenças do PB	131
4.2.1 Sentenças inacusativas.....	132
4.2.2 Sentenças passivas.....	134
4.2.3 Sentenças transitivas.....	137
4.2.4 Sentenças inergativas.....	139
4.2.5 Construções remanescentes	141
4.3 Uma análise alternativa	143
4.3.1 Inadequação da proposta de Bošković.....	144
4.3.2 Mais uma vez a assimetria entre o PB e o inglês.....	145
4.3.3 Uma generalização	148
4.3.4 Justificando os movimentos.....	149
4.3.5 Algumas especulações translingüísticas.....	154
4.4 Conclusões parciais	157
Considerações finais	161
Referências bibliográficas	164

RESUMO

O ponto de partida para a presente análise foi a constatação, a partir da leitura de Sportiche (1988), de um contraste entre o português brasileiro, doravante PB, e o inglês, dizendo respeito ao posicionamento do quantificador “todos” (*all*) na sentença, a saber, o fato de o PB permitir a derivação de sentenças como “As crianças vieram todas” e “As sentenças foram decoradas todas”, agramaticais no inglês: **The children came all* e **The sentences were memorized all*. É nosso objetivo, portanto, explicar por que em determinada língua, ao contrário de outra, é admitido o encaixe do quantificador em posição pós-verbo-lexical. Também crucial para a discussão é a observação de outro contraste entre o PB e o inglês, ilustrado em “A Maria odeia os alunos todos” / **Mary hates the students all*, o qual conduz à hipótese, formulada neste trabalho, segundo a qual todos os contrastes citados remontam, por hipótese, a uma diferença estrutural nos DPs das duas línguas. Em relação ao contraste “A Maria odeia os alunos todos” / **Mary hates the students all*, testes de constituintes nos revelam que, no PB, mas não necessariamente no inglês, o quantificador tem de ser gerado em posição bem baixa na sentença, isto é, uma posição- Θ , pois se demonstra que, naquela, mas não nesta língua, quantificador e DP formam um constituinte. A partir dessa constatação, pressupomos, segundo propostas disponíveis na literatura, haver a possibilidade de, no inglês, o quantificador ser inserido tardiamente em uma derivação, diretamente no local em que ocorre na superfície, o mesmo não ocorrendo em línguas como o PB. Com essa análise, não podemos aceitar a generalização segundo a qual quantificadores não podem flutuar em posição- Θ , a qual sustenta análises prévias sobre o inglês, já que, partindo-se do pressuposto de que o verbo do português apenas se move até T, existe a possibilidade de quantificadores estarem encaixados nesse tipo de posição no PB. Concluindo, pressupondo-se a inserção tardia do quantificador no inglês, e do movimento curto do verbo no PB, examinamos a hipótese de explicar os referidos contrastes entre as duas línguas sob a forma de generalização, a saber, a de que línguas cujos quantificadores formam constituinte com o DP que quantificam, como é o caso do PB, mas não o do inglês, permitem que aqueles fiquem encaixados em posição pós-verbo-lexical na estrutura sintagmática, sejam essas posições internas ou externas ao âmbito- θ .

ABSTRACT

The starting point for the present analysis was the observation, following Sportiche (1988), of a contrast between Brazilian Portuguese, henceforth BP, and English, concerning the positioning of the quantifier “all” (*todos*) in the sentence, that is, the fact that BP allows the derivation of sentences such as *As crianças vieram todas* and *As sentenças foram decoradas todas*, ungrammatical in English: “*The children came all” and “*The sentences were memorized all”. Therefore, it is our aim to explain why one language, as opposed to another, allows the stranding of a quantifier in a post-lexical-verb position. The observation of another contrast, that is, *A Maria odeia os alunos todos* / “*Mary hates the students all”, is crucial to our argumentation towards the hypothesis that all the above contrasts are due to a structural difference between the BP DP and the English DP. As for the contrast *A Maria odeia os alunos todos* / “*Mary hates the students all”, constituency tests show that in BP, yet not necessarily in English, the quantifier must be inserted in a very low position – a Θ -position – since in BP, but not in English, quantifier and DP make up a constituent. Thus, according to proposals available in the literature, we assume that the English quantifier might be acyclically inserted in a derivation directly in its surface position, which, we will argue, does not occur in BP. As a result, we will not be able to accept the generalization that quantifiers cannot be floated in Θ -positions, since, assuming that the Portuguese verb only raises up to T, there would be a chance that quantifiers get stranded in a thematic position. In conclusion, assuming that the quantifier can be acyclically inserted in a derivation, and that the BP verb undergoes short movement to T, we propose the following generalization: languages such as BP, whose quantifiers and DPs make up a constituent, allow their quantifiers to get stranded in post-lexical-verb positions in the phrase structure, regardless of whether those are Θ -positions or not.

Capítulo 1

O Fenômeno de *Q-float* no PB e no Inglês: apresentação do problema e fundamentação teórica da tese

1.0 Introdução

Este capítulo objetiva situar o leitor em relação ao fenômeno estudado, a saber, *Q-float*, ou “flutuação de quantificadores”, e aos pressupostos teóricos utilizados na tese. A exposição se encontra dividida do seguinte modo: em 1.1, apresentamos ao leitor o fenômeno de *Q-float* de um modo geral, mas procuramos tecer também algumas considerações mais específicas em relação ao PB. A seção 1.2 apresenta a abordagem utilizada nesta tese, a saber, a da gramática gerativa, mais especificamente, a teoria dos Princípios e Parâmetros, na versão desenvolvida a partir de Chomsky (1995). Nessa mesma seção, apresentamos o ponto de partida para nossa reflexão sobre o fenômeno de *Q-float* no PB, ou seja, os problemas impostos por certos fatos do inglês à famosa proposta com encaixe em Sportiche (1988). É a partir desse dilema, mais minuciosamente contemplado a partir do capítulo 2, que se desenvolve esta tese. A tese como um todo se encontra estruturada da seguinte forma: no capítulo 1, apresentamos o fenômeno de *Q-float* e a questão-problema que motivou nossa análise, além da abordagem teórica utilizada, a saber, a teoria gerativa em seus desenvolvimentos mais recentes (Chomsky 1995 em diante). No capítulo 2, resumimos algumas das propostas para o fenômeno, e tecemos comentários a respeito das mesmas. O capítulo 3 é dedicado ao quantificador “todos” no âmbito do DP. De acordo com o que estamos propondo, a análise do DP da língua que se quer examinar é imprescindível. Por fim, o capítulo 4 trata do quantificador no âmbito oracional. É nesse capítulo que se encontra a nossa alternativa de análise.

1.1 Apresentação do fenômeno de *Q-float*

A literatura gerativa tem utilizado a expressão “quantificador flutuante” para se referir a palavras como *all*, *both* e *each*. Como se vê nos exemplos abaixo, tais palavras tanto podem aparecer adjacentes ao DP que modificam, como “deslocadas”, “flutuando”, à direita:

- (1) a. All the students went to the library.
todos os alunos foram à biblioteca
'Todos os alunos foram à biblioteca.'
- b. The students all went to the library.
os alunos todos foram à biblioteca
'Os alunos todos foram à biblioteca.'
- (2) a. Both girls have made mistakes.
ambas garotas têm feito erros
'Ambas as garotas cometeram erros.'
- b. The girls have both made mistakes.
as garotas têm ambas feito erros
'As garotas têm, ambas, cometido erros.'
- (3) a. Each of the mothers will get a special present.
cada das mães irá ganhar um especial presente
'Cada uma das mães irá ganhar um presente especial.'
- b. The mothers will each get a special present.
as mães irão cada ganhar um especial presente
'As mães irão, cada uma, ganhar um presente especial.'

Nesta tese, trataremos exclusivamente das construções com o quantificador flutuante “todos” (*all*, no inglês). A análise levará em consideração crucialmente construções do PB (em contraste com o inglês) de diferentes tipos, a saber, inergativas, inacusativas, transitivas, passivas e com o objeto quantificado, ilustradas de (4) a (8):

- (4) (Todas) as meninas (todas) telefonaram (todas).
- (5) (Todos) os pacotes (todos) chegaram (todos).
- (6) (Todos) os convidados (todos) comeram (todos) o bolo.
- (7) (Todos) os documentos (todos) foram (todos) enviados (todos).
- (8) A criança pegou (todos) os brinquedos (todos).

Observamos que certos ambientes favorecem a inversão do tipo [DP Q] (seja em posição de sujeito seja em posição de objeto) no PB. A inversão ocorre, principalmente, mediante a presença, no DP, do quantificador no diminutivo, de um pronome demonstrativo, como “esses”, “aqueles”, ou de um pronome adjetivo, como “meus”, “seus”, respectivamente:

- (9) a. As crianças comeram os brigadeiros **todinhos**.
b. **Essas** coisas todas a que venho me referindo.
c. Telefonamos para os **nossos** amigos todos.

Não estão no escopo do presente trabalho questões relativas à aquisição da linguagem, mas é plausível afirmar que, desde muito cedo, o falante sabe reconhecer tais ambientes favoráveis à flutuação. Uma criança brasileira de três anos e nove meses produziu, espontaneamente, as seguintes sentenças:

- (10) a. Pega os meus brinquedos todos?
b. Eu quero essas bonecas todas.

Saindo do âmbito morfossintático e passando para um nível mais semântico/pragmático, notamos, em um trabalho anterior (Vicente, 2003), que a inversão pode ser favorecida em ambientes nos quais há intenção de se indicar referencialidade ou resumitividade:

- (12) *Inversão indicando referencialidade*
a. Eu tive esses filho todo.¹
b. Eu quero essas bonecas todas
- (13) *Inversão indicando resumitividade*
a. ... de uma cidade que já foi capital da república... pretensamente o centro cultural do país... essas conversas todas.²
b. Já saímos de melindrosa. De Pedrita, de (...) Que mais? Essas bestera toda.³

Quando passamos à análise de Q-float no âmbito da estrutura oracional, observamos – e vamos argumentar a favor dessa hipótese – que a flutuação se dá com o

¹ Extraído de Pinto (1996).

² Extraído de Callouh & Lopes (1993).

³ Extraído de Pinto (1996).

intuito de se focalizar o elemento mais à direita na oração. Assim, as diferentes disposições dos constituintes, como podemos ver a seguir, indicam diferentes objetos de focalização:

- (14) a. Todas as baratas **foram mortas**.
b. As baratas foram todas **mortas**.
c. Foram mortas **todas as baratas**.
d. Foram mortas **as baratas todas**.
e. As baratas foram mortas **todas**.

No que diz respeito aos casos que nos interessam mais especificamente, por envolverem o quantificador “todos”, pode-se dizer que, em (14c-d), a informação nova compreende o complexo “todas as baratas” / “as baratas todas”,⁴ e, em (14e), a informação nova se restringe a “todas”. Podemos pensar que, em (14c-d), temos o conjunto de todas as baratas que se pretendia exterminar *versus* o conjunto das outras pragas que, igualmente, assola(va)m uma determinada vizinhança. Ou seja, a informação nova que se quer transmitir é a de que, das pragas em questão, apenas as baratas, e todas, foram mortas. Em relação a (14e), pode-se dizer que havia uma possibilidade de nem todas as baratas serem mortas. Assim, a informação nova é a de que, sim, *todas* foram mortas.

Tradicionalmente, os quantificadores flutuantes têm sido usados em testes para diagnosticar e solucionar problemas relacionados a outros tipos de fenômenos, como, por exemplo, o de identificar a posição do sujeito (Figueiredo Silva, 1996; Costa & Galves, 2002) e do objeto (Alboiu, 1999) na oração, e a posição em que são gerados os sujeitos (Koopman & Sportiche, 1991), para citar alguns trabalhos. O objetivo maior desta tese é o de colocar o quantificador flutuante, usualmente tratado como coadjuvante, em uma posição de destaque, isto é, de objeto de estudo, tendo como enfoque principal o PB, em contraste com o inglês – uma empreitada no estilo do que se vê para o francês, o inglês e outras línguas em Sportiche (1988), Bošković (2004) e Herdan (2005), por exemplo – tendo como enfoque principal o português brasileiro, doravante PB, em contraste com o inglês. Desse modo, o enfoque principal do trabalho é o fenômeno referido na literatura como *Q-float*, ou seja, a flutuação de quantificadores, cuja manifestação evidencia contrastes translingüísticos relevantes

⁴ Estamos cientes, porém, da existência de um contraste de interpretação entre “todas as baratas” e “as baratas todas”, à qual daremos um tratamento teórico posteriormente, no capítulo 3.

para a discussão a respeito de um conjunto de propriedades das línguas em estudo, em particular no que se refere à estrutura oracional e à estrutura do sintagma nominal. Acreditamos que o presente estudo se justifique a partir do momento em que, até onde sabemos, uma análise nesses moldes ainda não foi realizada para o PB.

Nosso interesse pelo tema surgiu a partir da observação de um contraste estrutural entre o PB e o inglês, a saber:

- (14) a. Os mágicos chegaram todos.
b. Os votos foram contados todos.
- (15) a. *The magicians have arrived all.
b. *The votes have been counted all.

Nosso objetivo, desde então, tem sido o de explicar o porquê de o PB, mas não o inglês, permitir a geração de sentenças com o quantificador ocupando a posição mais à direita da sentença. Por outro lado, o inglês permite a derivação de sentenças com o quantificador ocupando uma posição pós-verbo-lexical, desde que haja material após o mesmo:

- (16) a. The magicians have arrived all at the same time.
os mágicos têm chegado todos ao mesmo tempo
'Os mágicos chegaram todos ao mesmo tempo.'
- b. The votes have been counted all very carefully.
os votos têm sido contados todos muito cuidadosamente
'Os votos foram contados todos com muito cuidado.'

A constatação desse fato levou alguns autores a concluir que o quantificador “todos” tem comportamento adverbial, sendo, de acordo com certas análises (Bobaljik, 1995, por exemplo), gerado na base como um advérbio adjungido a XP, ou seja, a uma projeção máxima. Os trabalhos seguindo essa abordagem adverbial (ver também Baltin, 1996; Torrego, 1996) surgem como reação à proposta clássica – porém inovadora, à época – de Sportiche (1988), segundo a qual quantificadores flutuantes assinalam vestígios de argumentos, somente podendo ocorrer adjacentes a uma posição a partir da qual um DP tenha se deslocado. Em conseqüência, um quantificador flutuante tem, necessariamente, de poder ocorrer adjacente a uma posição de vestígio de DP. É essa generalização, entretanto, o maior alvo das críticas à proposta. Se voltarmos aos fatos do

inglês em (15), notaremos que, de acordo com a generalização de Sportiche, o inglês seria capaz de gerar as sentenças ilustradas. O raciocínio é simples: se o sujeito das passivas e inacusativas é gerado em posição pós-verbal, e se ele se move para [Spec, IP], deixando um vestígio em sua posição de origem, por que, então, o encalhe do quantificador é proibido naquela posição? A solução *ad hoc* sugerida por Sportiche, ou seja, a de que os sujeitos das passivas e inacusativas seriam gerados em [Spec, VP], não é considerada convincente na literatura. Ao problema das passivas e inacusativas, Bošković (2004) acrescenta ainda o de construções como (17), com encalhe do quantificador em consequência do movimento do DP (*the students*) para uma posição externa ao VP ([Spec, AgrOP], se se pressupõe a ocorrência de *Object Shift* manifesto no inglês):

(17) *Mary hates [_{AgrOP} the students [_{VP} all]]

A análise em Bošković (2004), segundo explica o autor, é uma tentativa de resgate da proposta de Sportiche (1988), e o seu objetivo, colocado de forma bastante explícita, é o de resolver os problemas da análise deste último e explorar as consequências teóricas e empíricas da solução proposta. A solução de Bošković é lançada sob a forma de uma generalização, a saber, a de que quantificadores não podem flutuar, isto é, estar encahados, em posições temáticas. Podemos dizer que, a partir do descarte das propostas adverbiais e da proposta de Sportiche – sem, contudo, em relação a esta última, abandonar o espírito da análise com encalhe – nosso trabalho passa a ser uma tentativa de se verificar se a proposta de Bošković faz as previsões corretas para o PB. As conclusões apresentadas ao final do capítulo 3, dedicado à estrutura do DP, levam-nos a crer que sim, já que, devido a uma diferença estrutural entre as duas línguas, o quantificador, em um exemplo como “A Maria odeia os alunos todos”, “todos”, de acordo com a nossa argumentação, não estaria *encalhado* em posição- Θ (como ocorre, por hipótese, com a contraparte inglesa, agramatical, **Mary hates the students all*), em observância à generalização de Bošković.

Somente no capítulo 4, dedicado à estrutura oracional, é que apontamos problemas na análise do autor. Em princípio, a proposta de Bošković parece bem-sucedida, já que, a partir da nossa constatação de que o DP-sujeito das passivas e inacusativas do PB, gerado em posição de complemento do V, sofre movimento intermediário para [Spec, AgrOP], concluímos que o quantificador, em exemplos como

(14), encontra-se enclachado em posição não- Θ . Ao estendermos a análise a outros tipos de construção, tais como transitivas e inergativas, porém, notamos que a generalização de Bošković não mais se sustenta. Pressupondo-se, para o PB, que o verbo somente se desloca até T (Costa & Galves, 2002), e que o objeto não sofre *Object Shift* manifesto, concluímos que, em exemplos como (18), gramaticais, o quantificador encontra-se enclachado em posição- Θ :

- (18) a. As crianças sorriram todas.
b. Os meninos leram todos a revista.

Assim, tendo notado que a generalização de Bošković não pode ser estendida ao PB, já que, por hipótese, essa língua permite a derivação de sentenças com o quantificador “todos” em posição temática, sugerimos uma análise alternativa para explicar os contrastes entre o PB e o inglês que motivaram a realização deste trabalho. A nosso ver, a análise do autor sobrecarrega o âmbito temático e sequer leva em consideração o alcance de certas operações nas línguas, como veremos adiante. Lançamos a explicação para esses contrastes sob a forma de uma generalização – a de que línguas cujos quantificadores formem constituinte com o DP que quantificam, como é o caso do PB e do romeno, por exemplo, permitem que aqueles fiquem enclachados em posição pós-verbo-lexical na estrutura sintagmática, sejam essas posições temáticas ou não-temáticas.

1.2 A fundamentação teórica e o ponto de partida para a reflexão

A Teoria Gerativa se caracteriza por uma busca pelos processos mentais utilizados pelo cérebro humano, tanto do ouvinte como do falante, para processar ou produzir o que se conhece por “língua”. Como é impossível fazer um registro do que se passa na mente humana no momento em que a língua é decodificada ou produzida, a investigação das propriedades da língua requer que o pesquisador recorra aos enunciados produzidos pelo falante, referidos como os dados do *desempenho*, o qual se distingue da *competência*, também designada *gramática ou língua internalizada* (LI). A competência confere ao falante nativo da língua a intuição para emitir julgamentos em relação à (a)gramaticalidade dos enunciados que se pretende

examinar. Os dados para a análise podem proceder, basicamente, de três fontes: (i) *corpora* preexistentes, como é o caso do *corpus* do Projeto NURC, (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil), entre outros, (ii) coleta de dados em meios impressos e em situações do dia-a-dia, (iii) sentenças elaboradas pelo pesquisador a serem julgadas por falantes nativos das línguas em estudo e (iv) as intuições do próprio pesquisador. Com relação a este trabalho, serão adotados os quatro tipos de procedimento.

A Teoria Gerativa, introduzida por Chomsky em meados do século XX, postula a existência da Gramática Universal, ou seja, um sistema de princípios rígidos que prevê uma mesma base gramatical para todas as línguas naturais. Apesar das diferenças entre as línguas, pode-se afirmar que algumas características parecem ser universais a todas elas. Ioup (1975, apud Brooks, Braine, Jia & Dias, 2001), por exemplo, afirma que todas as línguas assinalam a distinção entre representações coletivas e distributivas, e que para cada uma dessas representações é utilizado um quantificador diferente; no caso das primeiras, algo correspondente a *all*, e no caso das segundas, a *every* e *each*, do inglês.⁵ Por outro lado, como explicar as citadas diferenças entre as línguas em relação à sintaxe dos quantificadores, como se vê, por exemplo, no contraste entre o PB e do inglês, em (19)?

- (19) a. Os mágicos chegaram **todos**.
b. Os votos foram contados **todos**.
a'. *The magicians have arrived **all**.
b'. *The votes have been counted **all**.

É aí que entram os chamados parâmetros da Gramática Universal: ou seja, apesar de as duas línguas admitirem o uso de um quantificador universal coletivo, há indícios de que o PB admite o seu uso em uma posição que não é licenciada no inglês.

Nesta tese, adotaremos os pressupostos teóricos dos estágios mais recentes do modelo gerativo de Princípios e Parâmetros, a saber, aqueles contidos no Programa Minimalista, conforme formulados por Noam Chomsky, em diferentes obras publicadas entre 1995 e 2005. O Programa Minimalista surge no cenário de Princípios e Parâmetros

com o intuito de responder a seguinte questão: “*How ‘perfect’ is language?*”⁶ (Chomsky, 1995:221). Antes de tudo, é indispensável deixar bem claro o que se entende por “perfeito” nesse contexto. Ao colocar a questão acima, Chomsky não está interessado no estudo do uso da linguagem para fins comunicativos. Obviamente, essa seria uma questão interessante de se estudar, mas não é o recorte proposto por ele.⁷ A questão que o Programa Minimalista se propõe responder é: “(*...*) *is it [language] well designed with regard to the internal systems with which it must interact?*”⁸ (Chomsky, 2002:108). A tese explorada pelo Programa Minimalista é a de que as línguas devem ser sistemas perfeitos, com *design* ótimo para satisfazer condições impostas por outros sistemas cognitivos, ou seja, o articulatório-perceptual e o conceito-intencional, com os quais a Faculdade de Linguagem interage. Desse modo, até mesmo as “imperfeições” do sistema (e.g. marcas de plural em verbos e em adjetivos, pelo fato de trazerem informação redundante) são apenas aparentes, pois, certamente, estão ali por algum motivo, a saber, a implementação de deslocamentos.

De acordo com Chomsky, o sistema cognitivo da Faculdade de Linguagem é composto por duas partes: (i) o Léxico, considerado, em termos tradicionais, como uma lista de exceções, e (ii) um Componente Computacional, responsável pela derivação de sentenças.

O sistema enxuto proposto por uma abordagem minimalista não permite a inclusão de níveis que não sejam os de LF (Forma Lógica) e PF (Forma Fonológica), em interface com os sistemas conceito-intencional e articulatório-perceptual (ou sensorio-motor), respectivamente. Digamos que π seja a representação de PF e que λ

⁵ Esmeralda Negrão (c.p.) lembra que, muitas vezes, essa delimitação de significados não é tão clara. O quantificador *every*, do inglês, por exemplo, pode, dependendo do contexto, ser traduzido para o português como *todo* ou *cada*.

⁶ Tradução livre: “O quão ‘perfeita’ é a linguagem?”.

⁷ A título de explicar a delimitação desse recorte, Chomsky (2002) faz uma analogia interessante entre o órgão destinado à linguagem e um órgão do corpo humano:

“Take some other organ of the body, say, the liver. You may discover that the liver is badly designed for life in Italy because people drink too much wine and they get all sorts of diseases of the liver; therefore, the liver wasn’t well designed for function. On the other hand, the liver might be beautifully designed for interaction with the circulatory system and the kidney and so on, and those are just different things (...) a totally separate question is: forgetting the use to which the object is put, is it [language] well designed from the perspective of internal structure?” (p. 107).

Tradução livre: “Tomemos algum outro órgão do corpo, como, por exemplo, o fígado. Podemos descobrir que o fígado é mal projetado para a vida na Itália porque as pessoas tomam vinho demais e têm todos os tipos de doença do fígado; portanto, o fígado não foi bem projetado para aquela função. Por outro lado, o fígado pode ter sido belamente projetado para uma interação com o sistema circulatório, os rins, e assim por diante, e essas são duas coisas diferentes (...) uma pergunta totalmente à parte é: esquecendo a questão do uso, será que a linguagem é bem projetada de uma perspectiva da estrutura interna?”.

seja a representação de LF. L , uma língua particular, constrói, de modo recursivo, pares (π, λ) , ou seja, “objetos sintáticos”, que satisfaçam condições de saída nas interfaces de PF e LF. O Componente Computacional, C_{HL} , mapeia um arranjo de escolhas lexicais ao par (π, λ) . Esse arranjo lexical A deve indicar, por meio de um conjunto de pares (LI, i) , ou “numeração”, tanto as escolhas lexicais quanto o número de vezes em que estas devem ser selecionadas. Para que uma computação construída por C_{HL} seja considerada uma derivação, é necessário que todos os índices sejam “zerados”, pela aplicação de uma operação chamada *Select* (“selecionar”). Outra operação que, assim como *Select*, não traz custo algum para o sistema é *Merge* (“concatenar”), e, por isso, as duas não fazem parte do rol das chamadas “imperfeições” do sistema. *Merge* simplesmente toma dois objetos sintáticos α e β e forma o novo objeto $\gamma = \{ \alpha, \beta \}$. Quaisquer outras operações, como *Move* (“mover”) e *Agree* (“concordar”) precisam ser justificadas, ou seja, precisam apresentar motivação explícita para ocorrer, e é isso que as caracteriza como “imperfeições”, pelo menos à primeira vista. Vejamos de que maneira são implementadas essas duas operações.

Uma relação de *Agree*, ou seja, de concordância, estabelece-se entre α e β , em que α possui traços formais interpretáveis e β , em contrapartida, possui traços formais não-interpretáveis, que devem ser apagados/valorados. Tomemos um exemplo prático, em que α é um DP plural, e β , um verbo com flexão de plural. Diz-se que o traço de número de α é interpretável, pois, nesse caso, a distinção entre singular e plural faz-se de fato necessária. Por outro lado, não se pode dizer o mesmo em relação ao traço de plural em β , pelo fato de essa informação – flexão de número – ser redundante, isto é, não-interpretável (e, portanto, outra aparente “imperfeição” do sistema). A relação que se estabelece entre os dois elementos, um DP (α) e T (β), é o que vai eliminar os potenciais traços indesejáveis, não-interpretáveis, em T. Um traço não-interpretável em T atua como uma “sonda”, *Probe*, em busca de um outro elemento, no caso um traço do DP, um “gol”, *Goal*, o qual pode realizar a tarefa de apagar/valorar os traços não-interpretáveis de T por meio do movimento para uma posição-alvo, disponibilizada para pouso. Entram aqui, também, as noções de traço-EPP⁹ e Caso estrutural. É o traço-EPP em T que determina a projeção de uma posição de especificador para abrigar o elemento

⁸ Tradução livre: “Será a linguagem bem projetada no que diz respeito aos sistemas internos com os quais tem de interagir?”.

⁹ Em estágios anteriores da teoria de Princípios e Parâmetros, o EPP (*Extended Projection Principle*, “Princípio de Projeção Estendida”, introduzido em Chomsky (1982)) simplesmente estabelecia que toda e qualquer sentença deveria projetar uma posição de sujeito.

movido, e é o traço de Caso estrutural (e, portanto, não-interpretável) do DP que torna este último ativo para o movimento. Em uma relação *Spec-Head*¹⁰ que se estabelece por meio de *Move*, que se dá o apagamento/valoramento dos traços não-interpretáveis de um e de outro elemento. Assim, traços não-interpretáveis e *Move* justificam-se mutuamente, pois são os traços não-interpretáveis que implementam o deslocamento, e, inversamente, é por meio do deslocamento que se apagam/valoram esses traços não-interpretáveis. Como se vê, se a hipótese minimalista estiver correta, então traços não-interpretáveis e as operações de *Agree* e *Move*, apesar das aparências, não são imperfeições de fato.

Em estágios mais recentes da teoria (Chomsky, 2000-2005), relações de concordância podem ser estabelecidas sem a necessidade de movimento: traços não-interpretáveis de número, pessoa e gênero (os chamados traços- ϕ) e traços de Caso estrutural (nominativo e acusativo) podem ser apagados/valorados *in situ*. Sendo assim, *Agree* se torna um tipo de “precursor” de *Move*. Nesse tipo de modelo, apenas o traço-EPP, não-interpretável, na “sonda”, é capaz de forçar um deslocamento, determinando a projeção de uma posição de especificador para servir como local de pouso para um elemento capaz de checar/valorar traços não-interpretáveis.

No modelo de Chomsky, uma vez que o sistema computacional tenha se livrado dos indesejáveis traços não-interpretáveis, não é possível acioná-los novamente:

If their [the uninterpretable features’s] job is to implement dislocation, then, when they have done it, eliminate them (...) So, once these features have done their job, they can’t do it again: once structural Case has been satisfied, you can’t satisfy it again somewhere else. With agreement it’s a little more tricky, because there are internal reasons why the system seems to be doing it many times, but *once you have taken care of an agreement feature, it can’t agree with something higher*, for example.¹¹ (Chomsky, 2002:116, grifos nossos).

Por outro lado, a idéia em Pesetsky & Torrego (2004), que vamos adotar nesta tese, é uma tentativa de se fornecer uma alternativa a esse argumento, que o próprio

¹⁰ Nesse caso, a relação que se estabelece entre o núcleo T e o DP movido para uma posição de especificador.

¹¹ Tradução livre: “Se a tarefa dos traços não-interpretáveis é a de implementar deslocamentos, então, quando eles tiverem feito isso, elimine-os (...) Então, uma vez que esses traços tenham realizado a sua tarefa, eles não o podem fazer novamente: uma vez que o Caso estrutural esteja satisfeito, não se pode satisfazê-lo novamente em algum outro lugar. Com a concordância é um pouco mais complicado, porque há razões internas pelas quais o sistema parece estar realizando-a muitas vezes, mas uma vez que se tenha resolvido o problema do traço de concordância, este não pode concordar com mais nada em uma posição mais alta, por exemplo”.

Chomsky não considera final: “*I don’t think this is a knock-down argument*” (Chomsky, 2002:116). Um dos pontos-chave da proposta de Pesetsky & Torrego é a noção de “compartilhamento de traços”. Os autores argumentam que, indiscutivelmente, a concordância é estruturalmente condicionada, mas que se pode propor uma alternativa ao destino sintático dos traços não-interpretáveis. O modelo proposto pelos autores sugere que a valoração dos traços em β pelos traços em α cria um elo que é acessível a processos subseqüentes. A versão para *Agree* de Chomsky, em (20), é substituída pela versão em (21), em Pesetsky & Torrego (2004:2, 4):

- (20) *Agree* (versão com atribuição de traços, segundo Chomsky (2000, 2001))
- (i) Um traço não-valorado F (uma “sonda”) em um núcleo H escaneia seu domínio de c-comando em busca de uma outra instância de F (um “gol”) com o qual possa concordar.
 - (ii) Se o “gol” tem um valor, seu valor é atribuído como o valor da “sonda”.
- (21) *Agree* (versão com compartilhamento de traços)
- (i) Um traço não-valorado F (uma “sonda”) em um núcleo H em um local sintático α (F_α) escaneia seu domínio de c-comando em busca de uma outra instância de F (um “gol”) em um local sintático β (F_β) com o qual possa concordar.
 - (ii) Substitua F_α por F_β , de modo que o mesmo traço esteja presente em ambos os locais.

Os autores argumentam que se o “gol” é valorado, a substituição da “sonda” pelo “gol” resulta em uma instância de traço valorado (o “gol”) ocupando a posição previamente ocupada por um outro não-valorado (a “sonda”). Até aqui, o *output* da versão com compartilhamento de traços de *Agree* é o mesmo da versão com atribuição de traços, ou seja, um núcleo H contém, agora, um F valorado. A diferença é que, tendo-se criado uma nova instância¹² de traço valorado, este pode servir de “gol” para uma posterior operação de *Agree*, acionada por uma instância não-valorada, em posição mais alta, atuando como uma nova “sonda”.

Nesta tese, buscaremos implementar um modelo que concilie as propostas dos autores supracitados (Chomsky; Pesetsky & Torrego) no que diz respeito à valoração e à

¹² Pesetsky & Torrego explicam que, nesses termos, um traço que tenha sofrido *Agree* terá mais de uma “instância”: *Agree* toma duas “ocorrências” (isto é, dois traços distintos com a possibilidade de entrarem em uma relação de *Agree*, mas que ainda não o fizeram) de F e transforma-as em duas instâncias de F.

interpretação de traços. Por um lado, estamos pressupondo o princípio de economia, em Chomsky (2001), que estabelece que uma sonda pode ter um traço-EPP, desde que este seja requisitado a fim de produzir um resultado de interpretação diferente decorrente do movimento. Nesta tese, estaremos defendendo a idéia de que a interpretação de uma sentença (em nosso caso mais específico, estamos nos referindo a sentenças envolvendo o quantificador “todos”) está condicionada ao posicionamento de seus constituintes. Iremos enfatizar, basicamente, a questão do foco, dizendo que é o constituinte mais à direita o portador do foco da sentença. Por outro, aceitamos a idéia, acima resumida, em Pesetsky & Torrego, da possibilidade de certos traços continuarem ativos, isto é, acessíveis a processos subseqüentes, ao longo de uma derivação. Como vimos, essa idéia vai contra o pressuposto em Chomsky (1995 em diante) de que, uma vez eliminados, traços não-interpretáveis não podem ser novamente acionados pelo sistema. A idéia de Pesetsky & Torrego será de utilidade quando da necessidade de se justificarem os movimentos múltiplos sofridos pelo DP sujeito das orações em análise.

O ponto de partida para nossa reflexão sobre o fenômeno de Q-float foram os problemas impostos por certos fatos do inglês à proposta com enclhe em Sportiche (1988). Como veremos no capítulo seguinte, em 2.2.1, a proposta desse autor, segundo a qual é o DP modificado que se move para a esquerda, deixando o quantificador enclhado na posição em que foi inserido na derivação,¹³ está basicamente calcada em dois pressupostos, a saber, (i) o de que, se um quantificador não puder ocorrer em uma determinada posição, então é porque não há, adjacente a esta, uma posição de DP vazia, e, inversamente, (ii) o de que, se houver uma posição de vestígio de DP, então um quantificador *tem de poder* ocorrer adjacente a esta. O problema – apontado pelo próprio Sportiche – é que, então, de acordo com o pressuposto em (ii), as derivações de sentenças como essas em (22), do inglês, deveriam ser permitidas, já que sujeitos de passivas e inacusativas seriam gerados em posição pós-verbal:

(22) a. *Construção passiva*

*The children were seen all.
as crianças foram vistas todas
'As crianças foram (todas) vistas (todas).'

b. *Construção inacusativa*

¹³ Ou seja, de acordo com essa proposta, a flutuação do quantificador, para a direita, seria apenas uma ilusão de ótica.

*The children have arrived all.
as crianças têm chegado todas
'As crianças chegaram todas.'

Os fatos acima são trazidos pelo próprio Sportiche, que, ciente do problema, sugere uma possível solução para este. Apoiado no pressuposto em Sportiche (1987) de que todo XP possui uma posição de especificador autorizada a conter um NP, o autor propõe que, pelo menos no inglês, os sujeitos das passivas e das inacusativas seriam gerados não em posição pós-verbal, mas, nessas posições de especificador. Assim, não havendo vestígios pós-verbais, quantificadores flutuantes não teriam a permissão para ocorrer em posição pós-verbal nessa língua. Essa solução tem sido ora criticada, ora ignorada pela literatura, mas, o fato é que, até onde sabemos, outras propostas sobre o fenômeno de *Q-float* não adotaram esse aspecto da análise de Sportiche.

A partir de uma falha como essa, vários autores preferem trilhar por caminhos totalmente opostos, como é o caso de Bobaljik (1995), Baltin (1996) e Torrego (1996), que optam por apresentar análises com abordagens adverbiais. Por outro lado, temos o exemplo de Bošković, que, em sua análise (Bošković, 2004), convencido da eficiência do espírito da proposta de Sportiche, opta por dar continuidade a esta, sugerindo pequenos “reparos” na estrutura da mesma. De acordo com Bošković, a análise de Sportiche é bem-sucedida, mas o problema gerado pelos fatos do inglês apontados em (15) precisa de uma solução mais eficiente: “*The ungrammaticality of [15] represents a serious, in fact the most serious, problem for the otherwise very succesful stranding analysis of Q-float which must be resolved before the analysis can be accepted*”¹⁴(Bošković, 2004:682-684). Aos problemas das passivas e inacusativas, Bošković acrescenta ainda o das construções como a em (23):

(23) *Mary hates the students all.
A Maria odeia os alunos todos
'A Maria odeia (todos) os alunos (todos).'

Pressupondo-se que o inglês apresenta *Object Shift* manifesto, ou seja, movimento manifesto do objeto para [Spec, AgrOP], então *all* deveria poder flutuar na posição

¹⁴ Tradução livre: “A agramaticalidade de [15] representa um sério problema, na verdade, o mais sério problema, para a bem-sucedida análise com encaixe para o fenômeno de Q-float, que deve ser solucionado antes que esta possa ser aceita”.

adjacente ao vestígio do objeto movido. No entanto, a ocorrência do quantificador naquela posição não é atestada no inglês. O que nos chamou a atenção foi o fato de todas essas construções, como se pode observar pelas glosas, serem gramaticais no PB, o que, pelo menos em princípio, deporia a favor de uma análise como a de Sportiche. Decidimos, no entanto, partir direto para uma investigação da análise de Bošković pelo fato de esta se apresentar como uma versão “aperfeiçoada”¹⁵ daquela. Não nos sentiríamos à vontade para adotar à risca uma proposta como a de Sportiche, que sugere a geração de sujeitos de passivas e inacusativas – ainda que somente em línguas como o inglês – em [Spec, VP], acreditando as razões para essa rejeição estarem belamente colocadas em Baltin (1996), resumidas nesta tese em 2.3.2. Como veremos mais adiante, em 2.3.5, a solução de Bošković (2004:685) para os problemas em Sportiche (1988) pode ser resumida em uma generalização: “*Quantifiers cannot be floated in θ -positions*”.¹⁶

A partir do momento em que descartamos as análises que consideram o quantificador um tipo de advérbio (ver a argumentação no capítulo 3) e passamos a considerar a proposta de Bošković, deparamo-nos com o seguinte problema: à primeira vista, parece plausível afirmar que o quantificador “todos”, nos exemplos abaixo, encontra-se flutuando, encaixados em posição- θ :

- (24) a. *Construções passivas*
As crianças foram vistas **todas**.
- b. *Construções inacusativas*
As crianças chegaram **todas**.
- c. *Construções com objeto quantificado*
A Maria odeia os alunos **todos**.

Veremos, no entanto, em nosso capítulo dedicado ao posicionamento do quantificador “todos” na estrutura oracional do PB (capítulo 4), que essas são as construções que, justamente – mas apenas aparentemente –, parecem corroborar a generalização de Bošković. Nessas construções, de acordo com as nossas conclusões, o quantificador apenas aparentemente se encontra encaixado em posição- θ . Nossa hipótese é a de que,

¹⁵ “Aperfeiçoada” porque propõe uma solução para o problema imposto pelas construções passivas e inacusativas do inglês para Sportiche (1988). Veremos adiante, contudo, que a proposta de Bošković não faz previsões corretas para o PB.

para os casos em (24a) e (24b), o complemento do verbo, isto é, o complexo quantificador + DP sofre um movimento intermediário para [Spec, AgrOP]. Em seguida, haveria a opção de o DP se mover sozinho para a posição final de sujeito, deixando o quantificador enclachado em [Spec, AgrOP], uma posição não- θ . No que diz respeito a (24c), observamos um fato interessante sobre o DP do PB: nessa língua, ao contrário do que acontece no inglês, em exemplos como esse em (24c), observa-se, a partir de testes de constituintes, que o movimento que posiciona o DP à esquerda do quantificador é interno à projeção nominal que os contém. Ou seja, ao contrário do que acontece no inglês, o DP “os alunos” não sofre *Object Shift*, formando um constituinte com o quantificador que o modifica. Dessa forma, a favor de Bošković, não se pode dizer que o quantificador esteja enclachado, flutuando em posição- θ . Os problemas para a proposta de Bošković, no entanto, ficam por conta de sentenças inergativas e transitivas, que nem mesmo são contempladas pelo autor. Nessas, nossa hipótese é a de que o quantificador fica enclachado em posição- θ , o que constitui um sério problema para a proposta desse autor.

A partir dessas conclusões, a questão a que se chega é: das análises para Q-float disponíveis na literatura, nenhuma é capaz de explicar, a um só tempo, os fatos do inglês e do PB. A análise de Bošković (2004), que parecia tão promissora para o inglês (e para tantas outras línguas, de acordo com o autor), simplesmente não pode ser estendida aos fatos do PB. Inversamente, a análise de Sportiche (1988), que parecia promissora para o PB, não pode ser estendida aos fatos do inglês. Sendo assim, ao final do capítulo 4, a partir da observação de certas características estruturais das línguas – como, por exemplo, o alcance do movimento verbal e a estrutura interna do DP – lançamos uma proposta alternativa de explicação para os contrastes que motivaram a elaboração desta tese.

Em resumo, a presente tese se encontra estruturada da seguinte forma: no capítulo 2, avaliamos algumas das principais análises para o fenômeno de Q-float; no capítulo 3, fazemos uma análise das estruturas dos DPs quantificados do inglês e do PB e notamos que uma assimetria entre as duas instâncias pode ser a chave para a solução de nossa questão-problema; no capítulo 4, analisamos o fenômeno de Q-float no nível da oração e chegamos à conclusão de que nenhuma das propostas para o fenômeno é capaz de explicar, simultaneamente, os fatos do inglês e os fatos do PB. Ainda no

¹⁶ Tradução livre: “Quantificadores não podem flutuar em posições- θ ”.

capítulo 4, apresentamos nossa alternativa de análise. Basicamente, diremos que uma explicação para os contrastes em questão deve, necessariamente, estar relacionada a certos parâmetros das línguas. Nossa explicação se resume na generalização de que línguas cujos quantificadores formem constituinte com o DP que quantificam (como é o caso do PB e do romeno, como veremos), permitem que aqueles se encontrem encaixados em posição pós-verbo-lexical na estrutura sintagmática, sejam essas posições internas ou externas ao âmbito- θ .

Capítulo 2

Teorias sobre Q-Float e Questões Remanescentes

2.0 Introdução

Antes do advento da hipótese do sujeito interno ao VP, introduzida em meados dos anos oitenta, mas apenas publicada no início dos anos noventa (Koopman & Sportiche, 1991), a visão predominante (Kayne, 1973; Postal, 1974, e outros) para o fenômeno da flutuação de quantificadores, ou Q-float, era a de que os quantificadores deslocavam-se dos DPs por eles modificados, flutuando para a direita.

Sportiche (1988), então, seguindo a linha de raciocínio que o levou a divulgar a idéia de que o sujeito é gerado internamente ao VP, para depois mover-se para o [Spec, IP] (Koopman & Sportiche, 1991), sugere que é o DP modificado (e não o quantificador, como defendiam aquelas análises anteriores) que se desloca, deixando o quantificador encaixado na posição em que foi gerado. De acordo com essa proposta, os quantificadores flutuantes assinalam os vestígios dos argumentos e, portanto, somente podem ocorrer adjacentes a uma posição da qual um DP tenha se deslocado.

Depois da proposta de Sportiche, surgiram novos estudos (Baltin, 1995; Bobaljik, 1995; Torrego, 1996), todos retomando a idéia de Kayne de que os quantificadores flutuantes são (ou pelo menos se comportam como) advérbios. Além dessa, outra questão crucial é a de que os quantificadores flutuantes podem ocorrer em posições às quais não esteja associado um vestígio, observação que parece depor totalmente contra a proposta clássica de Sportiche.

Em um estudo mais recente, Bošković (2004) retoma a análise de Sportiche, propondo uma solução – que ele considera definitiva – para os problemas acarretados por dois pressupostos básicos da análise de Sportiche: (i) o pressuposto de que os quantificadores flutuantes assinalam os vestígios dos argumentos, somente podendo ocorrer adjacentes a uma posição da qual um DP tenha se deslocado e (ii) o pressuposto de que, se um quantificador não puder ocorrer numa determinada posição, então é porque não há, adjacente a ele, uma posição de DP vazia. Essas afirmações são

problemáticas no que diz respeito aos dados do inglês, língua que não permite a ocorrência de quantificadores flutuantes nas posições de vestígios do sujeito de orações inacusativas e passivas, como veremos mais adiante. Em sua retomada da análise de Sportiche, Bošković propõe a seguinte generalização: *Os quantificadores não podem flutuar em posições- θ* . De acordo com esse autor, isso explicaria a agramaticalidade, no inglês, de sentenças como **The students arrived all*, **The students were arrested all*, e **Mary hates the students all*, nas quais teria havido o movimento do DP *the students* para uma posição mais alta, com conseqüente encalhe do quantificador em posição- θ .

Este capítulo se encontra dividido da seguinte maneira. Primeiramente, em 2.1, são apresentadas as propostas de Kayne (1973), Postal (1974) e McCawley (1993), segundo as quais o fenômeno de Q-float decorre do deslocamento, para a direita, do quantificador propriamente dito. A apresentação dessas três propostas tem mero caráter histórico/ ilustrativo, pois estaremos pressupondo que movimentos para a direita somente são permitidos em situações muito especiais – como as que serão descritas no capítulo 4. Vale salientar, também, que vários casos de flutuação possíveis no francês não têm contraparte direta no PB, e que esta tese não propõe uma análise para esses contrastes, concentrando-se mais especificamente nas distinções entre o inglês e o PB. A seguir, em 2.2, é apresentada a proposta de Sportiche (1988), na qual se argumenta que o deslocamento para a direita não passa de uma mera ilusão de ótica. Sob o título “Análises Recentes”, em 2.3, são apresentados os estudos de Bobaljik (1995), Baltin (1995) e Torrego (1996), cujas análises resgatam a idéia de que os quantificadores flutuantes se comportam como advérbios (introduzida por Kayne, 1973), além dos estudos de McCloskey (2000) e Bošković (2004), que optam por seguir e desenvolver o raciocínio proposto em Sportiche (1988). Por fim, em 2.4, fazemos uma síntese das análises apresentadas e tecemos comentários sobre as mesmas.

2.1 Teorias sobre Q-Float com Deslocamento do Quantificador

2.1.1 Kayne (1973): A Transformação Q-Post (Posposição do Quantificador)

As propostas pioneiras para Q-float sugerem o deslocamento dos quantificadores para fora dos DPs por eles modificados, flutuando para a direita. Kayne (1973:1), tomando os exemplos a seguir, argumenta que *tous* é gerado por regras da estrutura

sintagmática como parte da estrutura do NP, e postula uma transformação capaz de movê-lo, opcionalmente, para a direita, para uma posição externa ao NP sujeito:

- (1) a. Les garçons sont *tous* partis à la guerre.
os rapazes são todos partidos para a guerra
'Os rapazes partiram todos para a guerra.'
- b. Les garçons sont partis *tous* à la guerre.
os rapazes são partidos todos para a guerra
'Os rapazes partiram todos para a guerra.'

Sob essa hipótese, por ele denominada “hipótese transformacional”, teríamos, tanto para (1a) como para (1b), a mesma estrutura profunda subjacente a (2):

- (2) Tous les garçons sont partis à la guerre.
todos os rapazes são partidos para a guerra
'Todos os rapazes partiram para a guerra.'

Uma sentença como (3) seria automaticamente excluída da gramática devido ao fato de uma transformação por movimento não ser capaz de produzir uma sentença com mais de um *tous*:

- (3) *Les garçons sont tous partis tous à la guerre.
os rapazes são todos partidos todos para a guerra

Para Kayne, uma hipótese transformacional é perfeitamente justificável no sentido de que preserva (i) a representação semântica da sentença – já que *tous* claramente exerce um papel de quantificador do NP sujeito – e (ii) a relação de concordância entre o quantificador e o NP, mesmo que ambos estejam estruturalmente separados.

Há, porém, que se cogitar uma segunda hipótese, a saber, uma em que o componente da estrutura sintagmática seria estendido a fim de se analisar o quantificador como um tipo de elemento adverbial gerado diretamente em sua posição de superfície por regras da estrutura sintagmática. Ao se assumir essa segunda possibilidade, a que o autor denomina de “hipótese da estrutura sintagmática”, é preciso também postular-se uma regra especial especificando que o *tous* em posição adverbial pode ser interpretado como quantificador de um NP sujeito. Além do mais, essa regra teria de ser refinada a ponto de nunca associar *tous* a um NP singular, e de proibir sentenças com um NP sendo associado a mais de um *tous* (a fim de não gerar sentenças

como (3)). Seria necessária, também, a postulação de uma regra especial de concordância, já que, no francês, *tous* concorda em gênero com o NP que modifica: *Les filles sont toutes / *tous parties à la guerre / Les garçons sont partis tous / *toutes à la guerre*. Pois bem, essa regra especial seria aplicada aos exemplos “adverbiais” de *tous* depois que estes tivessem sido associados a um dado NP, ou, ainda, poder-se-ia permitir que *tous* e *toutes* fossem gerados na base e especificar que a derivação fosse bloqueada caso o quantificador e o NP modificado por ele não concordassem em gênero.

Uma hipótese transformacional, por outro lado, poderia dar conta de todos esses fatos automaticamente, sem a necessidade de se postularem tantas regras adicionais. Contudo, Kayne não acha sensato escolher uma das duas hipóteses apenas baseado no fato de uma ser mais simples do que a outra, pois uma hipótese com uma estrutura sintagmática estendida seria perfeitamente compatível com as teorias de Chomsky (1970) e Jackendoff (1972), ambos citados pelo autor. Dessa maneira, o autor decide que uma escolha justa tem de ser feita com base em fatos empíricos.

Com o fim de mostrar que a hipótese transformacional é realmente a que dá conta de um número maior de fatos empíricos, Kayne propõe uma tentativa de se estenderem as duas hipóteses colocadas acima ao caso mais complicado dos objetos, para voltar, mais adiante, ao caso dos sujeitos.

Um dos argumentos apresentados pelo autor em favor de uma hipótese transformacional tem a ver com dois contextos diferentes nos quais o *tous* associado a um objeto pode ocorrer deslocado da posição de objeto: orações relativas explicativas e orações nas quais o objeto direto é um pronome clítico. Neste último caso (p. 4), o que se observa é que, se o objeto direto é um pronome clítico que sofreu deslocamento (por meio da regra de Colocação do Clítico, Cl-Pl), *tous* é “deixado para trás” (aspas do autor), em posição pós-verbal. Por outro lado, se a oração contiver mais do que um elemento verbal, então *tous* “passeia” mais livremente por ela:

- (4) a. Elle les lira *tous*.
ela os lerá todos
'Ela lerá eles todos.'
- (5) a. Elle va les lire *tous*.
ela vai os ler todos
'Ela vai ler eles todos.'
- b. Elle va *tous* les lire.

ela vai todos os ler
'Ela vai ler eles todos.'

No caso das relativas explicativas (Kayne, 1973:6-7), ocorre algo semelhante: em contextos mais simples, sem tempos verbais compostos, como (6), temos que o objeto é deslocado da posição de objeto por uma regra de Movimento Wh-, e *tous* é “deixado para trás”. Já em sentenças mais complexas, como (7), esse *tous* que havia permanecido na posição de objeto pode aparecer em uma posição diferente:

- (6) Les livres de J.-P., qu'elle lira *tous*, sont très bons.
os livros de J.-P., que ela lerá todos, são muito bons
'Os livros de J.-P., que ela lerá todos, são muito bons.'
- (7) a. Les amis de Pierre, que j'ai *tous* connus à l'âge de 7 ans, sont
os amigos de Pierre, que eu tenho todos conhecidos com a idade de 7 anos, são
sympathiques
simpáticos
'Os amigos de Pierre, os quais eu conheci todos com a idade de 7 anos, são simpáticos.'
- b. Les films de G., que tu peux *tous* voir, sont formidables.
os filmes de G., que você pode todos ver, são formidáveis
'Os filmes de G., os quais você pode ver todos, são formidáveis.'

Adotando-se a hipótese transformacional, o comportamento de *tous* nas relativas explicativas e nas orações com o pronome clítico objeto direto pode ser descrito exatamente do mesmo modo: uma transformação, por Kayne denominada L-*Tous* (*Left-Tous*, isto é, “Deslocamento de *tous* para a Esquerda”), opera sobre qualquer *tous* que não mais faça parte de um NP completo – não importante se esse NP tenha se deslocado por meio de Cl-Pl ou de Movimento Wh-. Os esquemas das derivações (Kayne, 1973:5-7) seriam, então, os seguintes:

- (8) Elle nous a *tous* photographiés.
ela nos tem todos fotografados
'Ela fotografou nós todos.'

Elle a photographié tous nous → Cl-Pl → *Elle nous a photographiés tous* → L-*Tous* → *Elle nous a tous photographiés*.

- (9) Les films ..., que tu peux tous voir, ...
 os filmes ..., que você pode todos ver, ...
 ‘Os filmes ..., os quais você pode ver todos, ...

Les films [tu peux voir tous Wh + Pro] → Wh Movement → Les films [Wh + Pro tu peux voir tous] → L-Tous → Les films [Wh + Pro tu peux tous voir] → Les films, que tu peux tous voir.

O autor nota que, caso L-Tous não tivesse se aplicado no estágio anterior da derivação, teríamos, ainda assim, sentenças gramaticais, a saber, *Elle nous a photographiés tous* e *Les films [de G.], que tu peux voir tous, [sont formidables]*.

A hipótese da estrutura sintagmática, por outro lado, não seria capaz de captar essa generalização, porque a regra interpretativa postulada para os casos em que *tous* está associado a um NP sujeito teria agora de ser complicada, a fim de abarcar os casos com pronomes clíticos e relativos. Uma possível alternativa seria reformular a regra interpretativa dizendo que *tous*, em exemplos como *Elle peut tous les voir* ou *Les films, qu'elle peut tous voir*, está formalmente associado a qualquer objeto que não mais esteja em posição de objeto, excluindo, dessa forma, um exemplo como **Elle peut tous voir les films*. Assim, sem ter de mencionar os clíticos e os relativos, a generalização seria mantida, e a regra interpretativa seria aplicada tranquilamente após CI-PI ou Movimento Wh-. Para o autor, contudo, a asserção “não mais em posição de objeto” é problemática, porque, no final das contas, uma generalização fundamentada em uma noção como essa não daria conta de um exemplo gramatical como *Elle a tous voulu les voir*, sem mencionar que *les* é objeto de *voir*, e não de *voulu*. Assim, para saber que, nesse exemplo, *les* é um objeto não mais em posição de objeto, teríamos de complicar um pouco mais a regra interpretativa, fazendo menção a “clítico” e a “verbo seguinte”. Dentro de uma hipótese transformacional, ao contrário, apenas a informação estrutural seria relevante nesse momento.

Demonstrada a superioridade da hipótese transformacional, Kayne parte para uma investigação mais detalhada do *tous* que é “deixado para trás”. O que se tem dito até agora é que CI-PI se aplica diretamente ao NP formado por *tous* e o pronome clítico. Na derivação de uma sentença como *Il nous a mis tous à la porte* (“Ele nos encontrou à porta”), por exemplo, CI-PI se aplicaria da seguinte forma: *Il a mis* _{NP}[*tous nous*] → *Il nous a mis* _{NP}[*tous*]. O autor, contudo, vai abandonar essa hipótese, argumentando que

os elementos que compõem o NP objeto têm, necessariamente, de ser separados antes da aplicação de CI-PI, desta maneira: *Il a mis* _{NP}[*tous nous*] → *Il a mis* _{NP}[*nous*] *tous*. Somente neste ponto, com *nous* sozinho dentro do NP, é que CI-PI poderia aplicar-se. Isso porque a hipótese de que CI-PI se aplica diretamente ao NP formado por *tous* e um pronome nos traz uma série de dificuldades (Kayne, 1973:42), e uma delas é o fato de CI-PI não poder se aplicar a um pronome modificado por outros elementos, como *autres* ou um numeral:

- (10) a. Elle ne connaît que *nous autres*.
 ela não conhece que nós outros
 ‘Ela conhece somente a nós.’
- b. Il ne voit que *vous deux*.
 ele não vê que vocês dois
 ‘Ele apenas vê vocês dois.’
- (11) a. *Elle *nous* connaît *autres*.
 ela nos conhece outros
- b. *Il *vous* voit *deux*.
 ele vocês vê dois

O autor conclui que CI-PI somente pode aplicar-se a um pronome cujo modificador seja *tous*, o mesmo ocorrendo em relação ao Movimento Wh-:

- (12) a. **nous*, qu’elle connaît *autres*
 nós, que ela conhece outros
- b. **nous*, qu’elle connaît *trois*
 nós, que ela conhece três

Interessantemente, Movimento Wh- e CI-PI podem mover um pronome modificado por um numeral (Kayne, 1973:43), desde que esse numeral esteja combinado a *tous*:

- (13) a. Il vous voit *tous les deux*.
 ele vocês vê todos os dois
 ‘Ele vê vocês dois.’
- b. nous, qu’elle connaît *tous les trois*.
 nós, que ela conhece todos os três
 ‘Nós, dos quais ela conhece todos os três.’

É importante observar (Kayne, 1973:44) que essa divisão – de um lado, *tous* e *tous* + numeral, e de outro, um numeral sozinho ou *autres* – também se encontra presente nos seguintes exemplos:

- (14) a. Ils sont *tous* intelligents.
eles são todos inteligentes
'Eles são todos inteligentes.'
- b. Elles sont *toutes les trois* intelligents.
elas são todas as três inteligentes
'Elas são, todas as três, inteligentes.'
- (15) a. *Elles sont *trois* intelligents.
elas são três inteligentes
- b. *Nous sommes *autres* intelligents
nós somos outros inteligentes

Assim, Kayne pode chegar à conclusão de que aqueles elementos “deixados para trás” por Cl-Pl e Movimento Wh- são exatamente os mesmos que podem ocorrer separados de um sujeito associado. O autor explica que o resultado obtido em (14) deve-se a uma transformação – Q-Post,¹⁷ “Posposição do Quantificador” – que desloca o quantificador (+ numeral) para a direita do objeto. A aplicação dessa transformação vai, em um primeiro momento, gerar uma sentença agramatical (Kayne, 1973:45), o que significa que algum outro movimento deverá ocorrer a fim de explicar a posição de superfície de *tous* em um exemplo gramatical:

- (16) a. *Les garçons *tous* sont là.
os rapazes todos estão lá.
- b. Les garçons sont *tous* là.
os rapazes estão todos lá.
'Os rapazes estão todos lá.'

Como o quantificador posicionado pode ocupar variadas posições em uma sentença, e como essas posições coincidem com as posições potencialmente ocupadas por advérbios, Kayne conclui que, após a aplicação de Q-Post, *tous* é movido de sua posição à direita do sujeito para suas outras possíveis posições por meio de alguma regra, também relevante para o posicionamento de advérbios. Sentenças como as em (17b-d)

¹⁷ Expressão extraída de Dougherty (1970) por Kayne.

(Kayne, 1973:46-47), por exemplo, passariam todas por um estágio intermediário, equivalente a (17a):

- (17) a. *Les soldats *tous les deux* ont été présentés à Anne par ce garçon.
b. Les soldats ont *tous les deux* été présentés à Anne par ce garçon.
c. Les soldats ont été *tous les deux* présentés à Anne par ce garçon.
d. Les soldats ont été présentés *tous les deux* à Anne par ce garçon.
‘Os soldados foram apresentados a Anne, todos os dois, pelo rapaz.’

E a agramaticalidade de (17a) teria a ver com o fato de “*tous le deux*” estar ocupando uma posição incompatível com advérbios em geral.

A derivação de uma sentença como *Il vous a tous compris*, “Ele os compreendeu a todos”, ou “Ele compreendeu (todos) vocês (todos)”, por exemplo, ocorreria da seguinte forma: *Il a compris* _{NP}[_Q[*tous*] - *vous*] → Q-Post → *Il a compris* _{NP}[*vous*] _Q[*tous*] → Cl-Pl → *Il vous a compris* _Q[*tous*] → L-*Tous* → *Il vous a* _Q[*tous*] *compris*. Cl-Pl somente pode se aplicar porque o quantificador pode ser separado do NP objeto. Como a separação se dá pela aplicação de Q-Post, conclui-se haver uma interação entre as duas transformações, L-*Tous* e Q-Post. Ou seja, sentenças cujas derivações envolvem a aplicação de L-*Tous* têm, necessariamente, de sofrer a aplicação de Q-Post.

2.1.2. Postal (1974): ainda a Posposição do Quantificador

Em sua análise, Postal (1974) nota, nos fatos do inglês, que a posposição do quantificador é sensível ao status do NP, a saber, de sujeito ou de não-sujeito.

O autor observa (Postal, 1974:109-110) que, na posição de sujeito, os quantificadores *each*, *all* e *both* ocorrem com uma certa liberdade após o NP ao qual estão associados:

- (18) a. The men all left.
os homens todos partiram
‘Os homens (todos) partiram (todos).’
b. The guides each took a separate path.
os guias cada tomaram um separado caminho
‘Os guias tomaram, cada um, um caminho separado.’
c. We all were arrested.
nós todos fomos presos

‘Nós todos fomos presos.’

- d. The children both got dirty.
as crianças ambas ficaram sujas
‘Ambas as crianças ficaram sujas.’

Contudo, em posições de não-sujeito, a posposição do quantificador é normalmente restrita a pronomes e a *all* e *both*:

- (19) a. I called them all/both/*each.
eu chamei os todos/ambos/cada
‘Eu os chamei a todos / Eu chamei eles todos.’
‘Eu os chamei a ambos / Eu chamei ambos.’
- b. *Joe was arrested by the cops all.
Joe foi preso pelos policiais todos
- c. *I talked about that with them all.
eu falei sobre aquilo com os todos
- d. *Mary hates the marines both.
A Maria odeia os fuzileiros ambos

Em vista da agramaticalidade de (19d), é de se estranhar que a sentença a seguir seja perfeita:

- (20) I believe the soldiers both to have left.
eu acredito os soldados ambos ter partido
‘Eu acredito que ambos os soldados tenham partido.’

O autor argumenta: é provável que, na sentença em (20), o NP não esteja se comportando como um objeto. Pode-se dizer que essa sentença é derivada de modo semelhante às sentenças em (21) (Postal, 1974:111), por uma regra que reordena quantificadores dentro de sintagmas verbais:

- (21) a. The men have all tried to escape.
os homens têm todos tentado escapar
‘Os homens (todos) tentaram (todos) escapar.’
- b. The girls will all refuse.
as garotas irão todas recusar
‘As garotas irão todas recusar.’
- c. The bombs probably were each placed by different individuals.
as bombas provavelmente foram cada posicionas por diferente indivíduos

‘As bombas provavelmente foram, cada uma, posicionadas por indivíduos diferentes.’

Essa regra operaria sobre o resultado de uma outra regra que pospõe quantificadores, do seguinte modo:

- (22) (i) [_{NP} all of the men _{NP}] love Sylvia → [_{NP} the men _{NP}] all [love Sylvia] →
(ii) The men [all love Sylvia]
‘Os homens (todos) amam (todos) a Sylvia.’

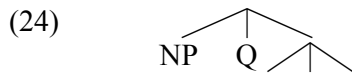
Ou seja: primeiro, aplica-se uma regra que extrai o quantificador de dentro do NP e o desloca para uma posição mais baixa. Então, aplica-se uma regra diferente que torna o quantificador parte do sintagma verbal. Contudo, Postal faz uma ressalva: a aplicação desta última regra somente é possível se o NP original estiver em posição de sujeito. Voltando ao exemplo (20): a regra em (22ii) irá deslocar *both* para dentro do sintagma verbal no ciclo mais baixo, da oração complemento, quando *the soldiers* ainda é sujeito e, conseqüentemente, não afetado pelas restrições em (19). O autor afirma: “*There can be little doubt of the cyclical properties of the rules that reposition quantifiers here*”¹⁸ (Postal, 1974:112).

Agradecendo a contribuição de Kayne (c. p.), Postal apresenta os seguintes dados (Postal, 1974:112), com material separando o quantificador do começo do sintagma verbal:

- (23) a. They all, it seems to me, have the same outlook on politics.
eles todos, IT parece a mim, têm a mesma opinião na política
‘Eles todos, me parece, têm a mesma opinião política.’
b. ?*Your brothers all, it seems to me, have the same outlook on politics.
seus irmãos todos, IT parece a mim, têm a mesma opinião na política
‘Seus irmãos todos, me parece, têm a mesma opinião política.’

Como se pode ver, somente é bem formada a sentença com o pronome, isto é, *they*. O autor generaliza: (23b) é ruim porque qualquer estrutura do tipo de (24) (Postal, 1974:113) é mal formada:

¹⁸ Tradução livre: “Não pode haver muita dúvida acerca das propriedades cíclicas das regras que re-posicionam os quantificadores aqui.”



E um exemplo como (23a) somente sobrevive pelo fato de haver uma regra, que ele chama de “Anexação Q-Pro” (*Q-Pro Attachment*), que anexa o quantificador ao NP, produzindo uma estrutura como esta em (25):



Essa regra também explicaria o contraste em (26), e ainda o contraste entre (26) e (27), se combinada ao fato de haver algum tipo de restrição a casos em que o quantificador é o primeiro elemento de um sintagma verbal cujo verbo principal é o verbo *be*:

- (26) a. They all are happy.
 eles todos estão felizes
 ‘Eles todos estão felizes.’
- b. ?*The soldiers all are happy.
 os soldados todos estão felizes
 ‘Os soldados todos estão felizes.’
- (27) a. They are all happy.
 eles estão todos felizes
 ‘Eles estão todos felizes.’
- b. The soldiers are all happy.
 os soldados estão todos felizes
 ‘Os soldados estão todos felizes.’

A existência de Anexação Q-Pro e uma condição como (24) também explica o seguinte contraste (Postal, 1974:115):

- (28) a. Malcolm proved *them* all, don’t forget/he claimed, to be vicious criminals.
 Malcolm provou os todos, não se esqueça/ele disse, ser violentos criminosos
 ‘Malcolm provou serem eles todos, não se esqueça, criminosos violentos.’
- b. *Malcolm proved *the soldiers* all, don’t forget/he claimed, to be vicious
 Malcolm provou os soldados todos, não se esqueça/ele disse, ser violentos
 criminals.
 criminosos.

‘Malcolm provou serem os soldados todos, não se esqueça, criminosos violentos.’

Contudo, se substituirmos *all* por *each*, teremos construções agramaticais:

- (29) a. *Malcolm proved them each, don’t forget/he claimed, to be vicious criminals.
Malcolm provou os cada, não se esqueça/ele disse, ser violentos criminosos
‘Malcolm provou serem cada um deles, não se esqueça, criminosos violentos.’
- b. *Malcolm proved the soldiers each, don’t forget/he claimed, to be vicious criminals.
Malcolm provou os soldados cada, não se esqueça/ele disse, ser violentos criminosos.
‘Malcolm provou serem, cada um dos soldados, não se esqueça, criminosos violentos.’

Mas tal fato já era de se esperar, dada a restrição em (19a), repetida aqui como (30):

- (30) I called them all/both/*each.

Pode-se concluir que Anexação Q-Pro é bloqueada com o quantificador *each*, e tal especificação já se fazia independentemente necessária para explicar a agramaticalidade de (31) (Postal, 1974:118):

- (31) a. *They each, I think, left separately.
eles cada, eu acho, partiu separadamente
- b. *You each, he claimed, made contradictory claims.
vocês cada, ele disse, fez contraditorias declarações

Além do mais, aquelas mesmas construções em (29) ficam perfeitas sem o material interveniente:

- (32) a. Malcolm proved them each to be vicious criminals.
Malcolm provou os cada ser violentos criminosos
‘Malcolm provou serem, cada um deles, criminosos violentos.’
- b. Malcolm proved the soldiers each to be vicious criminals.
Malcolm provou os soldados cada ser violentos criminosos
‘Malcolm provou serem os soldados, cada um deles, criminosos violentos.’

A diferença entre (31) e (29), obviamente, deve-se ao fato de a presença do material interveniente estar bloqueando uma análise das sentenças em que o quantificador é posicionado por regras que anexam quantificadores a sintagmas verbais. Como já havíamos visto, essas regras podem operar sobre o ciclo mais baixo da sentença, não afetado pelas restrições vistas anteriormente.

Por último, Postal apresenta um fato isolado bastante interessante. Para seu colega F. Damerau, as sentenças em (31) são bem formadas, ou seja, para esse falante do inglês, a regra Anexação Q-Pro se estenderia a *each*. Mas para ele, também são bem formados os exemplos em (29), fato que vem corroborar a idéia de Baker (c. p.) de que os dois tipos de construções estão sujeitos ao mesmo tipo de restrição.

2.1.3 McCawley (1993): Transformações e Ciclicidade

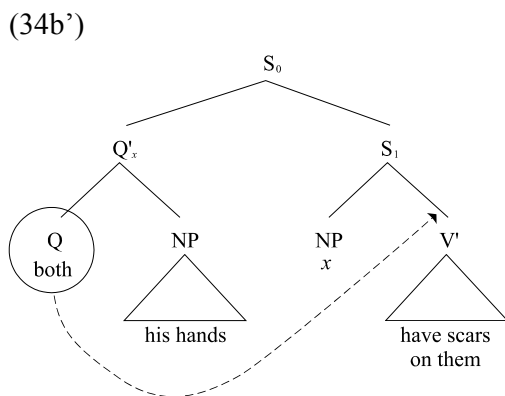
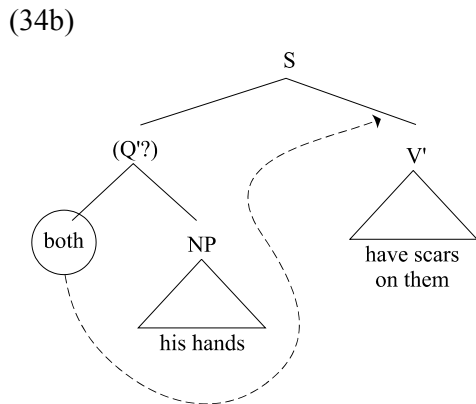
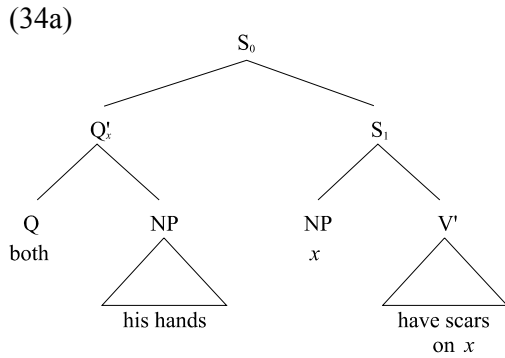
Segundo McCawley (1993), Q-float é a transformação que, opcionalmente, separa *all*, *both* ou *each* de um NP sujeito¹⁹ e o adjunge à esquerda do predicado da sentença, como nos exemplos (McCawley, 1993:191) a seguir:

- (33) a. The guests all have gone home.
os convidados todos têm ido casa
'Os convidados todos foram para casa.'
- b. His hands both had scars on them.
suas mãos ambas tinham cicatrizes nelas
'Ambas as suas mãos tinham cicatrizes.'
- c. Smith's partners each hated him for a different reason.
Smith.gen colegas cada odiava o por uma diferente razão
'Os colegas de Smith o odiavam, cada um, por uma razão diferente.'

O autor pretende mostrar que, se essas sentenças têm estruturas profundas nas quais o quantificador é parte de um NP quantificado que está fora da S(entença) hospedeira,²⁰ como em (34a), então o Q-float terá de se aplicar a uma estrutura na qual o NP quantificado ainda se encontre fora de sua S hospedeira, como em (34b), ao invés de se aplicar como em (34c), como se tem pensado.

¹⁹ O autor não faz menção a NPs objetos.

²⁰ Nas formas lógicas propostas por McCawley, o quantificador e o NP associado estão fora da oração da qual, aparentemente (i. e., superficialmente), fazem parte. É uma transformação chamada Q'-lowering que vai mover um Q' para uma posição na S matriz, onde a variável ligada ocorre.



As transformações se aplicam ciclicamente. O princípio do ciclo diz que quando uma S , por exemplo, S_1 , é contida por outra, por exemplo, S_2 , qualquer aplicação de transformações no domínio²¹ de S_2 precede qualquer aplicação de transformações no domínio de S_1 . McCawley argumenta que, se a estrutura profunda da sentença apresenta o Q' externo à S hospedeira, como em (34a), então uma estrutura como (34b) somente poderia ser derivada por meio da aplicação de Q' -lowering no domínio de S_0 . Contudo, o passo indicado pela seta em (34b) seria barrado pelo princípio de ciclicidade, pois uma

vez aplicado o Q'-lowering a S₀, todo o material de S₀ passa a S₁, e, então, o movimento indicado em (34b) se aplicaria em S₁. O autor argumenta: “[T]he cyclic principle would be violated, since a transformation would be applying with a domain lower than a domain to which a transformation had already applied”²² (McCawley, 1993:192).

Essa formulação torna o Q-float sensível ao escopo do FQ, que deve corresponder à S a cujo sintagma predicado o FQ se adjunge. Assim sendo, temos que o Q-float pode resolver ambigüidades de escopo. Uma sentença como (35a) (McCawley, 1993:192), por exemplo, ambígua no que diz respeito ao escopo do sujeito quantificado, torna-se não-ambígua se há a flutuação:

- (35) a. All the students appeared to be cheating.
 a'. (para todo:x pertencente a M) Appear (x is cheating)
 a”. Appear [(para todo:x pertencente a M) (x is cheating)]
 ‘Todos os alunos pareciam estar colando.’
- b. The students all appeared to be cheating. (=a')
 ‘Os alunos todos pareciam estar colando.’
- b'. The students appeared to all be cheating. (= a’)
 ‘Os alunos pareciam todos estar colando.’

Isto é, dependendo da S – principal ou encaixada – sobre a qual o quantificador tenha escopo, o Q-float terá um domínio de aplicação diferente. Se esse domínio for a oração principal, então *all* será adjungido ao V' da S principal, o que produz a construção em (35b). Se, por outro lado, o quantificador tiver escopo sobre a oração encaixada, a adjunção será de *all* ao V' da S mais baixa, produzindo a construção em (35 b').

Paralelamente a essa análise com *appear*, o autor apresenta uma análise de Q-float em sentenças com verbos auxiliares. A abordagem ao fenômeno proposta por ele implica o fato de quantificadores flutuantes poderem ocorrer não somente antes do V' principal, mas também antes de verbos auxiliares, o que leva a concluir, por analogia, que os verbos auxiliares que precedem o quantificador flutuante estão fora do seu

²¹ O domínio de aplicação de uma transformação é a S mais baixa contendo todo o material relevante para a transformação.

²² Tradução livre: “O princípio de ciclicidade seria violado, já que a transformação estar-se-ia aplicando em um domínio mais baixo do que o domínio no qual a transformação já teria sido aplicada.” Segundo McCawley, nenhuma transformação, em domínio algum, pode se aplicar após o Q'-lowering, ou o princípio de ciclicidade será violado.

escopo, ao passo que os que o seguem estão sob o seu escopo. O exemplo (p. 194) abaixo mostra as posições em que o quantificador pode ocorrer:

- (36) The students (all) must (all) have (all) been (all) cheating.
'Os alunos (todos) devem (todos) ter (todos) colado.'

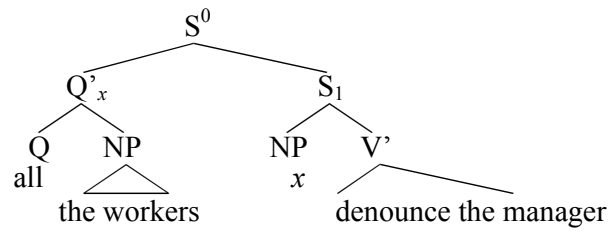
A conclusão está correta, com uma exceção: o tipo de construção com *all* entre o primeiro auxiliar, *must*, e o auxiliar seguinte, *have* (*The students must all have been cheating*), é ambígua, pois *must*, ou seja, o auxiliar que carrega a informação de tempo, pode, ou não, estar sob o escopo de *all*. O autor afirma que esse desvio do paralelismo entre a posição de quantificadores flutuantes e seu escopo pode ser explicado com base em uma regra para combinar tempos verbais com verbos auxiliares, que pode alçar, em uma estrutura lógica, um verbo auxiliar por sobre um elemento (aqui, especificamente, *all*) que esteja mais alto que ele.

Essa roupagem dada por McCawley ao fenômeno de Q-float é também capaz, como defende o autor, de resolver o mistério relacionado ao fato de a transformação Passiva não poder se aplicar após o Q-float (McCawley, 1993:195):

- (37) a. All the workers denounced the manager.
todos os operários denunciaram o gerente
'Todos os operários denunciaram o gerente.'
- b. The workers all denounced the manager.
os operários todos denunciaram o gerente
'Os operários todos denunciaram o gerente.'
- c. *The manager all was denounced by the workers.
o gerente todos foi denunciado pelos operários
- c'. *The manager was all denounced by the workers.
o gerente foi todos denunciado pelos operários

As construções agramaticais em (37c- c') são o resultado da aplicação da transformação Passiva após o Q-float. Uma sentença gramatical como *The workers all were criticized by the manager*, "Os operários todos foram criticados pelo gerente", por outro lado, seria obtida por meio da aplicação da Passiva e, então de Q-float, nessa ordem. De acordo com a proposta de McCawley, a estrutura profunda de (37a) seria a seguinte:

(38)



Segundo o autor, o único domínio no qual a Passiva poderia se aplicar é S_1 , porque depois disso o princípio de ciclicidade barraria a Passiva, ou qualquer outra transformação. Porém, uma vez que a Passiva tenha se aplicado a S_1 , Q-float não pode mais se aplicar, pelo fato de a variável ligada x não mais ser o sujeito de S_1 (nesse ponto da derivação, teríamos, em S_1 , após a aplicação da Passiva, o seguinte resultado: *the manager be denounced by x*).

2. 2 Q-Float com Deslocamento do DP

2.2.1 Sportiche (1988): Deslocamento do DP com Encalhe do Quantificador

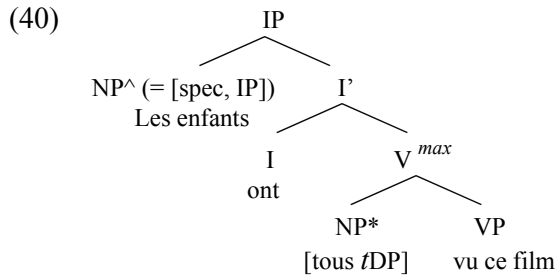
Sportiche faz, em seu artigo clássico sobre o fenômeno de Q-float (Sportiche, 1988), uma crítica a tentativas anteriores para o tratamento dos quantificadores flutuantes. Na proposta de Kayne (1973), segundo Sportiche, nada era dito acerca das propriedades anafóricas que deveriam ser levadas em conta nas estruturas com Q-float. Na proposta de Sportiche, a relação entre o NP movido e o quantificador parece, sim, obedecer a duas condições impostas pela relação antecedente-anafórico: (i) a de que o quantificador deve ser c-comandado pelo NP movido e (ii) a de que a relação entre o NP movido e o quantificador tem de ser local.

Na proposta de Sportiche, o deslocamento – ou flutuação – para a direita é uma mera ilusão de ótica: “[A]ny time a *Q* appears adjacent to an empty NP, the illusion of floating will be created”²³ (Sportiche, 1988:435). Tomando por base a proposta de Koopman & Sportiche (apenas publicada em 1991) para a derivação de sujeitos,²⁴ Sportiche propõe que quantificadores estão sempre adjungidos à esquerda do DP que modificam (ou de seu vestígio), sejam quantificadores flutuantes, ou não. Se o forem, então são o resultado do movimento do DP para fora do constituinte contendo o quantificador, para que a ele (DP) seja atribuído Caso. Nesse caso, o quantificador é deixado para trás, ficando “encalhado” na posição que ocupa dentro de seu DP. A relação sintática entre o DP movido e o quantificador acontece por meio da relação anafórica entre o DP e seu vestígio, ao qual o quantificador é adjacente. Assim, mesmo estando separados, DP e quantificador são sintática e semanticamente dependentes um do outro. Se um quantificador não puder ocorrer em uma determinada posição, então é porque não há, adjacente a esta, uma posição de DP vazia.

Teríamos, então, a seguinte estrutura (Sportiche, 1988:427) para uma construção como *Les enfants ont tous vu ce film*, “As crianças viram todas esse filme”:

²³ Tradução livre: “Toda vez que um quantificador ocorrer adjacente a um NP vazio, a ilusão de uma flutuação será criada.”

²⁴ A questão central do artigo de Koopman & Sportiche sobre a posição dos sujeitos é a seguinte: supondo-se que a posição canônica de um sintagma é a sua posição na Estrutura-P, qual é a posição canônica dos sujeitos? Os autores defendem a idéia de que o sujeito é gerado internamente ao VP, onde recebe seu papel- θ , para, somente então, mover-se para o âmbito do IP.



Na tentativa de estender sua proposta para o inglês, Sportiche notou algumas complicações. Como vimos, a proposta com encalhe está fundamentada na suposição de que os quantificadores flutuantes assinalam os vestígios dos argumentos, somente podendo ocorrer adjacentes a uma posição da qual um DP tenha se deslocado. E isso, por outro lado, indica que um quantificador flutuante *tem de poder* ocorrer adjacente a uma posição de vestígio de DP. Contudo, a agramaticalidade, no inglês, de quantificadores flutuantes em posições pós-verbais em orações passivas e inacusativas (Sportiche, 1988:444) – cujos sujeitos, afinal de contas, são gerados nessas posições – constitui um sério problema para essa análise:

(41) *The children were seen all.
as crianças foram vistas todas

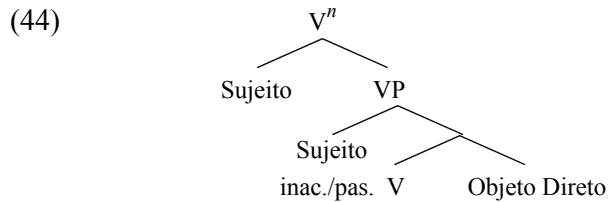
(42) *The children have arrived all.
as crianças têm chegado todas

Os exemplos do francês com o quantificador *nu* são, segundo o autor, “levemente degenerados” (“*slightly awkward*”, (Sportiche, 1988:437)), mas se tornam totalmente gramaticais com a adição de *presque*, “quase”:

- (43) a. Les enfants ont été vus ?tous/presque tous.
as crianças têm sido vistas todas/quase todas
- b. Les enfants sont venus ?tous/presque tous.
as crianças são vindas todas/quase todas
- c. Les enfants ont dormi ?tous/presque tous.
as crianças têm dormido todas/quase todas

De fato, a agramaticalidade de (41) e (42) traz um problema para os pilares de sua proposta. Segundo o próprio autor “[A] bare *Q* in postverbal position in passive or

*ergative constructios is totally excluded. The logic of our approach leads us to deny the existence of a postverbal NP-trace”*²⁵ (Sportiche, 1988:444). A solução, segundo argumenta o autor, pode ser dada com base no pressuposto de que todo XP tem uma posição de especificador autorizada a conter um NP. De acordo com esse pressuposto, o VP teria, então, uma posição de especificador com a possibilidade de conter um NP. Desse modo, Sportiche argumenta que, nas passivas, um papel- θ que seria atribuído a um objeto, passa, de acordo com essa proposta, a ser atribuído ao NP na posição de [Spec, VP]. Paralelamente, pode-se dizer que o papel- θ do objeto de um verbo inacusativo²⁶ é atribuído diretamente à posição de [Spec, VP]. Resumindo, pelo menos no inglês, os sujeitos derivados das passivas e inacusativas seriam, de acordo com a proposta, gerados no [Spec, VP], como se vê abaixo.²⁷



Assim, não havendo o vestígio pós-verbal, os quantificadores flutuantes não podem aparecer na posição pós-verbal. Fica, então, pelo menos aparentemente, resolvida a questão das orações passivas e inacusativas, que constituía o único empecilho para a aceitação da proposta de Sportiche. Ao examinarmos as propostas mais recentes para o fenômeno de Q-float (Bobaljik, 1995; Baltin, 1995; Bošković, 2004), veremos que seus autores fundamentam suas críticas justamente nesse que é considerado o ponto fraco da análise de Sportiche.

²⁵ Tradução livre: “A ocorrência de um quantificador nu em posição pós-verbal em construções passivas ou ergativas é totalmente barrada. A lógica de nossa abordagem nos leva a negar a existência de um vestígio de NP pós-verbal.”

²⁶ O autor prefere o rótulo “ergativo”, em vez de “inacusativo”.

²⁷ Sportiche não apresenta a representação arbórea para sua proposta. A representação vista em (44) encontra-se em Bobaljik (1995).

2.3 Análises Recentes

2.3.1 Bobaljik (1995): quantificadores flutuantes são advérbios

O objetivo de Bobaljik é mostrar que os quantificadores flutuantes se comportam como advérbios, sendo gerados na base como advérbios em posições adjungidas ao VP (mas também XP, X', etc) e associados a um DP por meio de uma regra interpretativa. Em oposição à análise de Sportiche, ele se compromete a mostrar que (i) a solução de Sportiche para o caso problemático das construções passivas e inacusativas faz previsões erradas sobre o inglês, (ii) quantificadores flutuantes podem ocorrer em posições onde não haveria possibilidade de vestígio e (iii) quantificadores flutuantes podem tomar como antecedente um DP com o qual não poderiam formar um constituinte único em nenhum nível de representação. Sendo assim, o autor argumenta que quantificadores não poderiam flutuar para fora de um DP, e nem o movimento de um DP poderia causar o encalhe do quantificador. O principal objetivo de seu estudo é, portanto, demonstrar que a proposta de Sportiche, ou qualquer outra envolvendo vestígios, é insustentável.

Bobaljik faz a seguinte crítica em relação às construções problemáticas para a proposta de Sportiche:

The trace analysis of floating quantifiers is of dubious merit here; the positions of subject traces which have the strongest motivation are exactly those in which the quantifiers cannot occur. Those hypothetical VP-internal subject positions which are less clearly motivated, e.g., the traces of external arguments, are the positions which may host a floating quantifier [...].²⁸ (Bobaljik, 1995:205).

Para Bobaljik (1995:206), a solução sugerida por Sportiche, representada em (44), faz previsões erradas sobre o inglês. O autor explica que, para se entender melhor a problemática estabelecida em relação aos dados do inglês, é preciso distinguir dois usos diferentes do quantificador *all*. Um desses adverbiais seria o *all* flutuante propriamente dito; o outro teria interpretação de completude (correspondente a *entirely*, “inteiramente”, “completamente”) e seria incapaz de flutuar:

²⁸ Tradução livre: “A análise dos quantificadores flutuantes envolvendo vestígios tem dúbio mérito aqui; as posições de vestígio do sujeito com motivação mais forte são exatamente aquelas em que quantificadores não podem ocorrer. Aquelas posições hipotéticas de sujeito internas ao VP, as quais são

(45) *All com interpretação de completude*

- a. The carpet has been all dusted.
o tapete tem sido todo desempoeirado
- a'. *The carpet has all been dusted.
o tapete tem todo sido desempoeirado

O autor explica que justamente o *all* que força a interpretação de completude (e não o flutuante) é aquele gerado na posição em que seriam gerados os sujeitos das passivas e inacusativas do inglês, de acordo com a proposta de Sportiche. Vejamos os exemplos de Bobaljik, extraídos de Baltin (1982):

(46) *Posições em que o all flutuante pode estar*

The dogs (all) should (all) have (all) been petted.
os cachorros (todos) deveriam (todos) ter (todos) sido acarinhados

(47) *Posições em que o all flutuante não pode estar* (Comparar com (46))

- a. # This dog has been **all** petted/scolded. (OK com interpretação de completude)
- b. # This dog has been **entirely** petted/scolded. (idem)
'Esse cachorro foi todo/inteiramente acarinhado/repreendido.'
- c. # The dogs have been **all** petted.
- d. # The children have been **all** scolded.
'Os cachorros foram todos acarinhados.'
'As crianças foram todas repreendidas.'

As sentenças em (47) estão marcadas como anômalas porque estariam ilustrando casos com *all* flutuante, mas seriam cem por cento boas com a interpretação de completude, forçada pela posição ocupada por *all*. Acontece que essa posição é justamente aquela que Sportiche sugere como sendo o local em que são gerados os sujeitos das construções passivas e inacusativas.

Bobaljik baseia outra crítica à proposta de Sportiche em fatos observados por Maling (1976, apud Bobaljik, 1995). Esta última notou que o *all* flutuante não pode ocorrer na periferia direita do VP a menos que haja um PP, predicado secundário, ou material similar seguindo esse VP. A análise com encalhe prevê que quantificadores

as menos claramente motivadas, como por exemplo, os vestígios de argumentos externos, são as posições que podem hospedar um quantificador flutuante”.

flutuantes não podem ser licenciados em posições adjacentes às quais não haja vestígio, enquanto a proposta de que os quantificadores flutuantes são advérbios prevê gramaticalidade se as posições em que não há vestígio correspondem às margens esquerdas dos predicados. Nesses casos, a flutuação produz resultados gramaticais, como nos exemplos a seguir (Bobaljik, 1995: 212-213):

- (48) a. Larry, Darryl and Darryl came into the café * **all**.
 Larry, Darryl and Darryl entraram no café todos
- b. Larry, Darryl and Darryl came into the café \checkmark **all** [_{PP} at the same time.]
 Larry, Darryl and Darryl entraram no café todos ao mesmo tempo
- c. Larry, Darryl and Darryl came into the café \checkmark **all** [_{PP} very tired.]
 Larry, Darryl and Darryl entraram no café todos muito cansados

O mesmo pode ser dito acerca das estruturas inacusativas e passivas:

- (49) a. The magicians disappeared **all** [_{PP} at the same time.]
 os mágicos desapareceram todos ao mesmo tempo
- b. The voters arrived **all** [_{PP} exactly at six.]
 os eleitores chegaram todos exatamente às seis
- c. The votes were cast **all** [_{PP} in alphabetical order.]
 os votos foram registrados todos em alfabética ordem

A proposta de Bobaljik é a de que uma explicação para esse fato pode ser dada sem complicações caso se considere que os quantificadores flutuantes se comportam como advérbios, sendo gerados na base como advérbios em posições adjungidas ao VP (mas também XP, X', etc). O quantificador pode apenas se adjungir à margem esquerda de um predicado XP. Nos exemplos acima, *all* se adjunge ao PP, mas, no caso de não haver um predicado disponível, como é o caso de (48a), a adjunção não pode ocorrer e, por isso, temos uma construção agramatical.

O terceiro problema apontado por Bobaljik tem a ver com a suposição de Sportiche de que o quantificador flutuante é sempre parte de um vestígio. Aqui, o autor mostra que existem DPs que não podem ter *all* como parte deles, mas, que, no entanto, podem servir como antecedentes para o *all* flutuante. Em (50a) (Bobaljik, 1995:224) observamos que *all* realmente foi parte do DP [_{DP} all the students], como em (50b):

- (50) a. The students might *all* have left in one car.

- os alunos podem todos ter partido em um carro
- b. [_{DP} All the students] might have left in one car.
 todos os alunos podem ter partido em um carro

Em (51a), contudo, enquanto o *all* flutuante parece possível (para o autor e a maioria dos informantes por ele consultados), (51b) mostra que ele não poderia ter sido parte do DP que o antecede:

- (51) a. Some (of the) students might *all* have left in one car.
 alguns (dos) alunos podem todos ter partido em um carro.
- b. * All (of) some (of the) students might have left in one car.
 todos (de) alguns (dos) alunos podem ter partido em um carro

O autor explica que a sentença em (51a) é gramatical, com a leitura partitiva de *some*, indicando que há um grupo de alunos, e que todo membro desse grupo entrou em um carro só e foi embora. O DP sujeito denota um grupo, e *all* reforça a “distributividade máxima” daquele predicado em relação ao grupo. Contudo, a agramaticalidade de (51b) é inexplicável dentro de uma abordagem que toma *all* como parte do DP em algum nível.

Como manter a relação sintática entre o quantificador e o NP por ele modificado, já que, nessa proposta, a relação entre os dois não é local? O autor explica que a associação se dá por meio de uma regra interpretativa, que, informalmente, pode ser colocada da seguinte forma (Bobaljik, 1995:201):

(52) *Quantifier-Floating Construal (QFC) - all*

Adverbial *all* adjoined to a predicate causes that predicate to be maximal distributive with respect to a group (or mass) argument of that predicate, if

that argument is in an A-position
 and that argument c-commands *all*.²⁹

²⁹ Tradução livre:

Análise de Q-float (AQF) - all

O *all* adverbial adjungido a um predicado faz com que aquele predicado seja maximamente distributivo com respeito a um argumento coletivo (ou designando massa) daquele predicado, se aquele argumento se encontra em posição-A e aquele argumento c-comanda *all*.

Dessa forma, é possível captar o que Bobaljik chama de “efeito maximizador” (“*maximalizing effect*”) de *all*. Para que se entenda melhor do que se trata tal efeito, o autor lança mão dos seguintes exemplos (Bobaljik, 1995:196):

- (53) a. The reporters harangued the candidate.
os repórteres atacaram [verbalmente] o candidato
b. The reporters all harangued the candidate.
os repórteres todos atacaram o candidato

Ele argumenta que a informação expressa no exemplo em (53a) pode ser verdadeira em uma situação na qual (53b) seja falsa. Em coletivas de imprensa, por exemplo, é muito raro que cada³⁰ jornalista faça uma pergunta, e tal situação somente poderia ser expressa por uma sentença como (53b). (53a) expressa ter havido a saraivada de críticas, mas que ela deve ter partido de um subconjunto dos jornalistas presentes. Além de modificar substantivos que denotam grupos, quantificadores flutuantes também podem modificar substantivos que denotam massa (isto é, incontáveis), como se pode ver nos seguintes exemplos (Bobaljik, 1995:199):

- (54) a. The water might *all* have been spilled.
a água pode toda ter sido derramada
b. This data has *all* been invented by the author.
esses dados têm todos sido inventados pelo autor
c. The sky might *all* have clouded over.
o céu pode todo ter ficado nublado
d. Lake Ontario might *all* have been polluted by the government.
o Lago Ontário pode todo ter sido poluído pelo governo
a'. *The water might *each* have been spilled.
a água pode cada ter sido derramada
b'. *This data has *each* been invented by the author.
esses dados tem cada sido inventados pelo autor
c'. *The sky might *each* have clouded over.
o céu pode cada ter ficado nublado
d'. *Lake Ontario might *each* have been polluted by the government.

³⁰ Aqui também se poderia dizer *The reporters each harangued the candidate*, e a diferença entre esse exemplo e um como *The reporters all harangued the candidate* seria muito sutil. Assim, o autor, com o objetivo de salientar a diferença entre “maximalidade” e “distributividade”, acrescenta, ao exemplo original, um adjunto (*together / in one voice*) que é claramente incompatível com uma leitura distributiva:

- (i) a. The reporters all harangued the candidate together/in one voice.
b. *The reporters each harangued the candidate together/in one voice.

o Lago Ontário pode cada ter sido poluído pelo governo

Em resumo, a análise de Bobaljik vai contra toda e qualquer proposta para Q-float que envolva a flutuação propriamente dita – seja do quantificador, para a direita, seja do NP, para a esquerda – e propõe expressar a relação sintática entre os dois elementos por meio de uma regra interpretativa que diz que a adjunção de *all* a um predicado torna-o “máximo” com respeito a um argumento desse predicado, que denota grupo ou massa.

2.3.2 Baltin (1995): FQs, PRO e predicação

Em seu estudo, Baltin (1995) faz uma análise da distribuição de elementos que ele afirma serem tradicionalmente conhecidos como *preverbs* (de acordo com Baltin, quantificadores flutuantes e advérbios como *ever*). Uma das questões que o autor procura examinar tem a ver com o fato de os quantificadores flutuantes não poderem aparecer antes do marcador do infinitivo *to* do inglês quando o sujeito do infinitivo é PRO, mas poderem aparecer naquela posição quando o sujeito do infinitivo é um vestígio de DP ou é lexical, como se vê nos exemplos (55b) e (55c) (Baltin, 1995:200), respectivamente:

- (55) a. *They tried all to leave.
eles tentaram todos partir
- b. They seemed all to be happy.
eles pareciam todos estar felizes
- c. I would prefer for these people all to leave.
eu iria preferir para essas pessoas todas partirem

A explicação de Baltin fundamenta-se no fato de que os chamados *preverbs* (classe na qual, segundo ele, incluem-se os quantificadores flutuantes) têm de introduzir constituintes predicativos. Segundo ele, um elemento não tem condições de ser inerentemente predicativo, mas pode vir a sê-lo caso seja c-comandado por um DP apropriado.

Como Bobaljik, Baltin cita o trabalho de Maling (1976), que notou terem os quantificadores flutuantes do inglês bastante liberdade para ocorrer entre um DP e o constituinte que o segue, contanto que este último não seja adverbial. Os exemplos (56)

a seguir mostram que um quantificador flutuante precisa de um constituinte que o siga, não podendo ocorrer em posição final, como mostra o exemplo (56) (Baltin, 1995:210):

- (56) a. I gave the kids all some candy to keep them quiet.
 eu dei as crianças todas uns doces para mantê-las quietas
- b. The tooth fairy promised the kids each a quarter.
 a dente fada prometeu as crianças cada um quarto de dólar
- c. Dad bought the twins both bicycles for Christmas.
 papai trouxe os gêmeos ambos bicicletas para o Natal
- d. Mom found the boys all so dirty when she got home, that she
 mamãe achou os meninos todos tão sujos quando ela chegou em casa, que ela
 made them (all) take a bath.
 fez os (todos) tomar um banho
- e. We consider the Joneses both unbearably pompous.
 nós consideramos os Joneses ambos insuportavelmente pomposos
- f. Cinderella's fairy godmother turned the pumpkins all into handsome
 Cinderela.gen fada madrinha transformou as abóboras todas em bonitas
 coaches.
 carruagens
- g. He made his money all in Platypus Platinum.
 ele fez seu dinheiro todo em Platypus Platinum
- h. He looked the twins both in the eye (and said...).
 ele olhou os gêmeos ambos nos olhos (e disse...)
- i. She called the men both bastards.
 ela chamou os homens ambos bastardos
- j. Hang your coats all/both up on hangers.
 pendure seus casacos todos/ambos nos cabides
- (57) *He read the books all.
 ele leu os livros todos

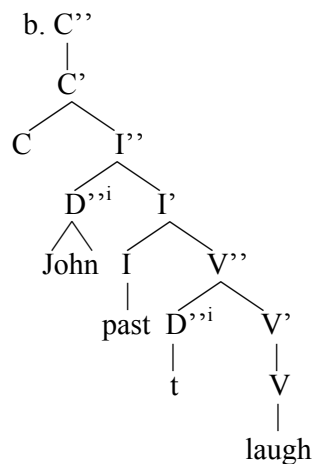
Assim, a partir das observações de Maling acerca da posição estrutural dos quantificadores flutuantes, Baltin adota a hipótese de que estes fazem parte do constituinte seguinte, como mostra (58) (Baltin, 1995:210):

(58) [I' [D' I] [I' [I past] [V' [D' t] [V'[V give] [D' the kids] [Q all] [D' some candy]]]]]]]

Dessa forma, o autor pode chegar a uma generalização que prevê a ocorrência de um *preverb* na posição de especificador de um predicado.

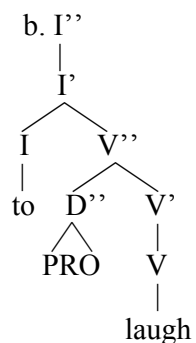
As análises de Baltin e de Sportiche (1988) têm alguns pontos em comum, sendo que o mais marcante diz respeito à hipótese do sujeito gerado internamente ao VP. De acordo com essa hipótese, como já foi visto antes, o sujeito de uma oração finita é gerado em uma projeção lexical, isto é, um VP, mas se move para a posição de especificador de uma projeção funcional mais alta, isto é, um IP, como se observa a seguir (Baltin, 1995:201):

- (59) a. John laughed.
o João riu



Baltin argumenta que a sua análise para a distribuição de PRO fortalece mais ainda a proposta segundo a qual sujeitos são gerados internamente ao VP, por apontar evidências para a hipótese de PRO permanecer naquela posição, como se vê na representação proposta pelo autor, a seguir:

- (60) a. to laugh
rir



Apesar dos pontos em comum, Baltin argumenta a seu próprio favor apontando três problemas na proposta de Sportiche. O primeiro deles já nos é bastante familiar, por ter sido apontado pelo próprio Sportiche: a assunção de que o quantificador flutuante estará apto a permanecer em qualquer posição ocupada pelo DP que esse quantificador modifica na estrutura profunda. Essa proposta de Sportiche prevê a aceitabilidade de uma sentença agramatical como **The people were seen all*, “As pessoas foram vistas todas”. A emenda sugerida por Sportiche, isto é, a de que, pelo menos no inglês, os sujeitos derivados das passivas e inacusativas seriam gerados no [Spec, VP], como vimos anteriormente, não é aceita por Baltin, que apresenta uma argumentação desfavorável a essa proposta. Sua crítica fundamenta-se em uma distinção entre dois tipos de passivas – adjetivas e verbais, que, segundo Levin & Rappaport (1986, apud Baltin, 1995), são derivadas de maneiras distintas.³¹ As passivas adjetivas seriam derivadas de uma operação sobre formas lexicais, e esse tipo de operação é mais comumente visto como sendo local, no sentido de que deve ser mantida uma relação de localidade entre os elementos mencionados na forma lexical do *input* (ou seja, a estrutura argumental). As passivas verbais, por sua vez, seriam derivadas de modo transformacional, envolvendo movimento real de um NP para uma posição não-temática. Assim, ao aceitarmos a emenda de Sportiche, na qual não haveria o movimento do NP nas passivas e inacusativas do inglês, estaríamos simplesmente

³¹ Há um consenso entre alguns autores (Siegel, 1973; Wasow, 1977; Bresnan, 1982; Levin & Rappaport, 1986, citados por Baltin, 1995) de que o sujeito de uma passiva adjetiva deve corresponder, em um sentido mais intrínseco, a um argumento do verbo correspondente, enquanto o sujeito de uma passiva verbal não precisa corresponder a um argumento do verbo ativo correspondente. Siegel (1973, apud Baltin, 1995), por exemplo, notou que o prefixo negativo *un-* (em oposição ao *un-* reversativo) é somente aceito por adjetivos, então (ic) e (iia) são passivas adjetivas, enquanto (ia) e (iic) são passivas verbais (p. 230):

- (i) a. Fred was known to be a criminal.
Fred era conhecido ser um criminoso
- b. *Fred was unknown to be a criminal.
Fred era desconhecido ser um criminoso
- c. Fred was unknown.
Fred era desconhecido
- (ii) a. The bed was unmade.
a cama estava desfeita
- b. *Headway was unmade.
progresso foi desfeito
- c. Headway was made.
progresso foi feito

negando essa divisão natural de trabalho entre operações lexicais e operações sintáticas, porque o que ele propõe equivale a dizer que as passivas verbais e as passivas adjetivas do inglês são derivadas da mesma forma. A proposta de Baltin, de acordo com a argumentação do autor, não apresentaria esse problema, já que, em sua análise, quantificadores flutuantes não aparecem na posição de complemento de V, ou de qualquer outra categoria, e uma sentença agramatical como **The people were seen all* nunca poderia ser gerada.

A segunda crítica de Baltin a Sportiche tem a ver com o fato de a análise deste último não mencionar a similaridade na distribuição de quantificadores flutuantes e outros *preverbs*, como *ever*, “alguma vez”. Segundo o autor, a distribuição de *ever* é idêntica à dos quantificadores flutuantes em sentenças infinitivas (Baltin, 1995:211-222):

- (61) a. I would hate for these people **ever** to find out they were wrong.
 eu iria odiar para essas pessoas alguma vez TO descobrir elas estavam erradas
- b. *I would hate **ever** to find out that I was wrong.
 eu iria odiar alguma vez TO descobrir que eu estava errado
- c. I would hate to **ever** find out that I was wrong.
 eu iria odiar TO alguma vez descobrir que eu estava errado
- d. I didn't believe these people **ever** to have actually died.
 eu não acredito essas pessoas alguma vez TO ter na verdade morrido
- (62) a. I believe these people **all** to have left.
 eu acredito essas pessoas todas TO ter partido
- b. ***All** to do that would be inconvenient.
 todos TO fazer aquilo iria ser inconveniente
- c. The men promised me to **all** resign.
 os homens prometeram me TO todos renunciar
- d. For these people **all** to leave would be inconvenient.
 para essas pessoas todas TO partir iria ser inconveniente

A partir dessa observação, Baltin afirma que a proposta de Sportiche nada teria a dizer acerca do fato de que todo e qualquer *preverb* (assim como acontece com os quantificadores flutuantes) deveria ser barrado da posição que precede sujeitos PRO, e conclui que a proposta é incapaz de explicar a agramaticalidade de uma sentença como (61b). Mais uma vez, Baltin argumenta a favor de sua análise, afirmando que esta não estaria sujeita a esse tipo de problema observado na análise de Sportiche, pelo fato de

considerar que a presença dos quantificadores flutuantes (e, conseqüentemente, outros *preverbs*) está restrita à posição de especificador de um predicado.

Um terceiro problema na proposta de Sportiche teria a ver com a aceitabilidade de sentenças como as seguintes:

- (63) a. I persuaded **the men** all to resign.
eu persuadi os homens todos TO renunciar
- b. The teacher ordered **the two boys** both to pay close attention.
o professor mandou os dois meninos ambos TO prestar bastante atenção

Pela análise que Baltin considera padrão, os DPs em negrito, além de serem os complementos do verbo da sentença matriz na estrutura profunda, são também os controladores de PRO, não tendo, portanto, sofrido deslocamento para aquela posição. Conseqüentemente, se se pressupõe, como Sportiche e Baltin, que PRO não se move para uma posição anterior a Infl, a análise de Sportiche não pode explicar o encalhe do quantificador nos exemplos acima, automática e incorretamente barrando a derivação desse tipo de sentença.

Em resumo, apesar de as duas propostas apresentarem alguns pontos importantes em comum, como a aceitação da hipótese do sujeito gerado internamente ao VP, bem como a aceitação do fato de que PRO não aparece em [Spec, IP], Baltin argumenta a favor de sua análise afirmando ser esta capaz de abarcar uma quantidade de dados maior que a de Sportiche.

2.3.3 Torrego (1996): Ainda PRO e Quantificadores Flutuantes

Seguindo a mesma linha de Baltin (1995), temos o trabalho de Torrego (1996) sobre Q-float em orações de controle. Nesse trabalho, a autora apresenta várias evidências a favor de PRO, e defende a idéia de que quantificadores flutuantes não podem fazer parte de uma cadeia de PRO – ao contrário do que se propunha em Sportiche (1988). Na análise de Sportiche, como vimos, o quantificador é licenciado na cadeia NP do sujeito movido; para as orações de controle, seguindo o mesmo raciocínio, essa análise prevê que PRO é gerado junto com a unidade flutuante, e que qualquer que seja a estratégia gramatical licenciadora de PRO, esta também licenciara o sintagma encajado.

O problema apontado por Torrego decorre do fato de o espanhol permitir que, além de pronomes, outras classes de NPs sejam lexicalmente realizadas em posições posteriores ao quantificador de orações de controle. E, de fato, desde que apresente uma interpretação de inclusividade em relação ao sujeito controlador da oração matriz, o NP associado ao quantificador pode apresentar complexidade sintática do tipo que se observa no exemplo abaixo (Torrego, 1996:117):

- (64) No sabemos si ir [algunos (de los varios) lingüistas extranjeros que vivimos en
não sabemos se ir alguns (dos vários) lingüistas estrangeiros que vivemos em
Boston también.
Boston também

‘Não sabemos se alguns dos muitos lingüistas estrangeiros entre nós que moram em Boston devam ir também.’

Assim, a questão é: em casos como esses, onde, dentro do NP, PRO poderia originar-se? Primeiramente, não há pronome que possa ser considerado como a concretização do vestígio de PRO;³² segundo, o N não pode ser um vestígio lexicalizado, pois Ns já possuem conteúdo lexical próprio. Torrego aprofunda esse raciocínio lançando mão do seguinte exemplo:

- (65) No sabemos si acudir [varios de la organización]
não sabemos se ir vários da organização
‘Não sabemos se vários de nossa organização (ou apenas alguns) deveriam ir à reunião.’

A autora explica que, nesse exemplo, *la organización*, embora semanticamente no plural, está, morfologicamente, no singular. O PRO controlador, isto é, o sujeito nulo da oração matriz, por sua vez, é um pronome nulo de primeira pessoa do plural. Sendo assim, o PRO controlado, bem como o seu vestígio, teriam de estar, morfologicamente, no plural. Esse fato a leva a concluir que o artigo definido não está apto a ser a concretização do vestígio deixado por PRO e, portanto, PRO não pode originar-se no local em que se encontra o sintagma partitivo. Assim, contra Sportiche, Torrego afirma que (i) a assunção de que a unidade flutuante é sintaticamente licenciada pelo fato de estar na cadeia do quantificador não mais se pode sustentar e (ii) a assunção de que um

³² De acordo com Sportiche, em um exemplo como *The men had [all three of them] known Garbo*, o pronome que segue o Q é a concretização do vestígio deixado pelo NP movido *the men*.

quantificador flutuante quantifica sobre um vestígio de NP deixado pelo sujeito preposto também é contestável.

Segundo a autora, aceitando-se a proposta de Sportiche, poder-se-ia conjecturar que, em casos com definidos flutuantes,³³ como se vê em (66) (Torrego, 1996:118), o definido enclachado seria uma aposição a *e*, o vestígio do sujeito movido:

- (66) pro firmamos [*e los lingüistas*] la carta.
pro assinamos os lingüistas a carta
'Os lingüistas entre nós assinaram a carta.'

Tal análise, contudo, não seria capaz de abarcar os dados do espanhol, já que, nessa língua, segundo a autora, definidos plurais não podem ser interpretados como mantendo uma relação de aposição com *pro* ou *PRO*. Ela explica que os indivíduos inclusos na referência de *we* não estão completamente em intersecção com os indivíduos inclusos na referência de *los-NP*, pois deve haver pelo menos um indivíduo, incluso em *we*, que não seja lingüista.

Em conclusão, ao examinar unidades flutuantes maiores do que *Q*, Torrego salienta que as propriedades sintáticas desses elementos parecem contestar a assunção de que o sujeito movido de uma oração tenha origem no constituinte flutuante. A autora conclui seu artigo deixando as seguintes questões em aberto: (i) qual é o local ocupado pelas unidades flutuantes?, e (ii) por que o NP licenciador tem de c-comandar o sintagma flutuante, e ainda manter uma relação de localidade com ele?

2.3.4 McCloskey (2000): Q-Float e Movimento Wh- em uma Variedade do Inglês Irlandês

Em seu estudo, McCloskey (2000), além de buscar desenvolver um novo argumento em favor da noção de ciclicidade sucessiva, propõe apresentar evidências para a ocorrência de *Object Shift* manifesto no inglês, e para a existência de um lugar de origem para os sujeitos estritamente dentro do VP e abaixo da posição em que se dá o *Object Shift*. Para tanto, o autor lança mão de dados de uma variedade do inglês irlandês que ele denomina *West Ulster English*, dialeto falado em uma área a oeste de Belfast.

³³ De acordo com a autora, o espanhol permite uma variedade maior de unidades flutuantes do que o inglês e o francês, em orações de controle finitas e infinitas.

O autor explica que a maioria das variedades do inglês permite perguntas como estas (McCloskey, 2000:58):

- (67) a. What all_i did you get t_i for Christmas?
o que todos DID você ganhou de natal
- b. Who all_i did you meet t_i when you were in Derry?
quem todos DID você conheceu quando você estava em Derry
- c. Where all_i did they go t_i for their holidays?
onde todos DID eles foram nas suas férias

Além dessa possibilidade, o autor aponta que o inglês de West Ulster permite construções como as em (68), em que *all* está associado ao pronome interrogativo, e não ao sujeito (McCloskey, 2000:58):

- (68) a. What did you get all for Christmas?
- b. Who did you meet all when you were in Derry?
- c. Where did they go all for their holidays?

McCloskey chama esse tipo de construção, em (68), de “construção com *wh-quantifier float*”, e o compara ao tipo mais conhecido de Q-float, explicando que a diferença entre os dois tipos de construções se encontra no fato de, no primeiro, o DP associado a *all* ocupar uma posição A’, e de, no segundo, conforme ilustrado em (69), ocupar uma posição A (McCloskey, 2000:59):

- (69) The children must all have gone to bed.
as crianças devem todas ter ido para a cama

Assim sendo, o autor adota a proposta de Sportiche (1988) para os quantificadores flutuantes, segundo a qual exemplos do tipo de (69) derivam de uma representação em que o DP e o quantificador formam um constituinte. Os dados do estudo levam o autor a afirmar que, nos casos de *wh-quantifier float*, *all* deve sempre assinalar a posição na qual tem origem o movimento Wh-, ou uma posição pela qual o sintagma Wh- tenha passado. Teríamos aí, portanto, um argumento para o caráter cíclico-sucessivo do movimento longo de Wh. Os exemplos a seguir (McCloskey, 2000:70) ilustram essa afirmação:

- (70) a. What all did he say (that) he wanted *t*?
o que todos DID ele disse que ele queria
- b. What did he say (that) he wanted all?
- c. What did he say all (that) he wanted *t*?

E qual seria a posição de origem do sintagma Wh-? Tomando exemplos menos complexos, McCloskey mostra (pp. 64-65) que a posição mais baixa em que *all* pode aparecer encaixado é a posição canônica de objeto, imediatamente à direita de V, e à esquerda de outros complementos e adjuntos:

- (71) a. What did you put all in the drawer?
o que DID você pôs todos na gaveta
- b. *What did she buy in Derry yesterday all?
o que DID ela comprou em Derry ontem todos
- c. *What did she buy in Derry all yesterday?

Alguns casos, contudo, só parecem ser efetivamente entendidos se analisados no nível prosódico. Os casos a seguir (McCloskey, 2000:67), em que temos *all* à direita de um complemento, são aceitáveis por alguns falantes:

- (72) a. ?What did you put in the drawer all (yesterday)?
- b. ?What did you send to the shops all?
o que DID você enviou às lojas todos

O autor explica: (71a) é perfeita porque, além de atender a exigências sintáticas, atende à exigência de que *all* deve estar prosodicamente incorporado a um núcleo precedente, idealmente um verbo. Por outro lado, (72a) e (72b) atendem a apenas metade dessas exigências, ou seja, apenas às exigências sintáticas, já que *all* não se encontra adjacente ao verbo.³⁴ Um caso de agramaticalidade total seria aquele em que nenhuma das exigências, sintáticas e prosódicas, é atendida (McCloskey, 2000:67):

³⁴ Por conta disso, parece não haver um consenso entre os informantes de McCloskey em relação a essas construções, muitas vezes julgadas gramaticais, ou agramaticais, por um mesmo informante em diferentes ocasiões.

(73) *What did you put in the drawer yesterday all?

A partir dessas observações, o autor conclui haver duas posições de objeto no inglês: uma posição imediatamente pós-verbal (como se observa no exemplo (71a)), e outra posição à direita de complementos preposicionais (exemplos (72a) e (72b)). Pressupondo a possibilidade de ocorrência do *Object Shift* manifesto e do alçamento manifesto do verbo, o autor identifica a posição mais à esquerda – imediatamente pós-verbal – como sendo a posição de atribuição de caso acusativo, externa ao VP, também conhecida como [Spec, AgrOP] em algumas análises. Já a posição à direita de complementos preposicionais pode ser identificada como a posição temática, interna ao VP, na qual o objeto se origina. Em vista de suas conclusões, o autor propõe uma organização interna para o VP um pouco diferente da que se conhece. Em sua proposta, o objeto direto tem origem em uma posição mais baixa do que a dos complementos preposicionais, somente detectável em exemplos de relativa aceitabilidade, tais como aqueles em (72).

Ainda dentro desse mesmo raciocínio, o autor aponta um fato interessante em relação aos sujeitos. Se tudo o que foi dito em relação aos objetos estiver correto, então os exemplos a seguir (McCloskey, 2000:72) sugerem a existência de uma posição de sujeito à direita da posição de superfície do verbo principal:

- (74) a. What happened all at the party last night?
o que aconteceu todos na festa passada noite
- b. Who was arrested all in Duke St.?
quem foi preso todos em Duke St.

Adotando a proposta de Kayne (1994), a qual não admite especificadores à direita, McCloskey sugere que essa posição do sujeito seja a de um especificador à esquerda do verbo, que, por sua vez, seria alçado para uma posição ainda mais à esquerda, para poder preceder o referido especificador. Mas, segundo o autor, para se estabelecer com exatidão a posição do sujeito, é preciso saber que posição o sujeito ocupa em relação a outros elementos do VP, a saber, objetos e complementos preposicionais. Se o inglês admite o *Object Shift* manifesto e o alçamento do V para uma posição fora do VP, e se o inglês de West Ulster admite, também, o encalhe de *all* em uma posição de sujeito interna ao VP, então é possível postular-se uma estrutura como (75) (p. 73):

(75) [*wh*- DP_{Subj} V DP_{Obj} [VP[DP *t*_{Subj} *all*] *t*_V *t*_{Obj} (XP)]]

Segundo a argumentação do autor, os exemplos que confirmariam a existência de tal estrutura não são todos perfeitos, provavelmente por atenderem a exigências sintáticas, mas não a exigências prosódicas. De qualquer modo, (76c) e (77c) (McCloskey, 2000:73) são melhores do que os exemplos em (b):

- (76) a. Who all built this house?
quem todos construiu essa casa
b. *Who built all this house?
c. ?Who built this house all?
- (77) a. Who all likes toffee?
quem todos gosta de toffee
b. *Who likes all toffee?
c. ?Who likes toffee all?
- (78) a. Who all 'd like tea?
quem todos gostaria de chá
b. *Who'd like tea all?
c. Who'd like tea all? [OK]

No que tange aos complementos preposicionais, estes parecem de fato preferir ocorrer à direita do sujeito *all* encajado (McCloskey, 2000:74):

- (79) a. Who all was arguing with the girls last night?
quem todos estava brigando com as garotas noite passada
b. *Who was arguing with the boys all last night?
c. *Who was arguing with him all last night?
d. Who was arguing all with the boys last night?

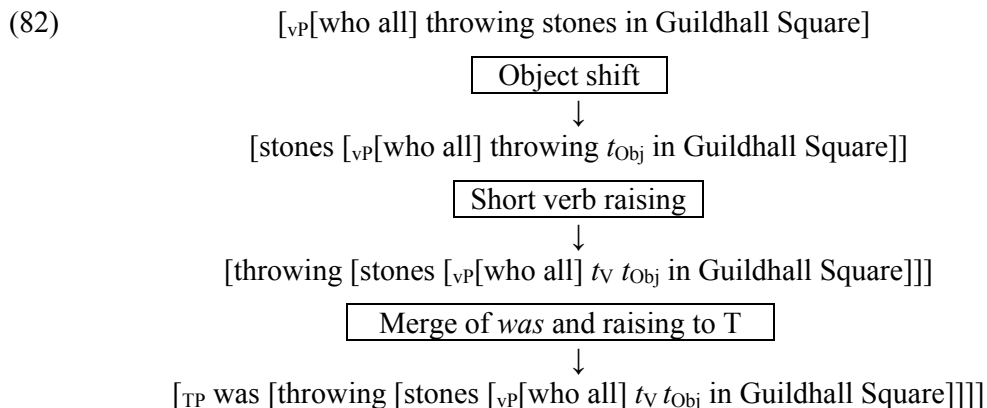
Como já havia sido mencionado, o autor afirma que a lógica da flutuação para uma posição-A é a mesma da flutuação para uma posição-A'. Como, então, solucionar o impasse provocado pelo contraste em (80) (McCloskey, 2000:77), em que o exemplo exibindo o *wh-quantifier-float* é gramatical, enquanto o exemplo exibindo o Q-float tradicional não o é?

- (80) a. Who was throwing stones all around Butchers' Gate?
 quem estava jogando pedras todos perto de Butcher's Gate
 b. *They were throwing stones all around Butchers' Gate.

A maneira que McCloskey encontra para solucionar o problema é a seguinte: em (80a), *who* se move diretamente da posição interna ao VP para o especificador de CP. Se *who* se movesse primeiro para o especificador de IP, então não teríamos como distinguir esse movimento daquele que leva a se obter (80b), e teríamos aí uma construção tão agramatical quanto a que temos em (80b). O autor, contudo, esbarra em uma outra dificuldade: como satisfazer as exigências do EPP em (80a), se *who* se move diretamente para [Spec, CP], sem passar por [Spec, TP]? Bem, sabemos que uma derivação lícita não permitiria um passo no qual o pronome interrogativo – portador de um traço Wh- – se movesse da posição de especificador de *all* para uma posição-A. São apresentadas (McCloskey, 2000:78-79) possíveis derivações para os exemplos gramaticais em (81):

- (81) a. Who all was throwing stones in Guildhall Square?
 b. Who was throwing stones all in Guildhall Square?

Vejamos, em (82), os passos iniciais dessas derivações:



A partir daí, teríamos, segundo o autor, duas possibilidades para prosseguir. Uma possibilidade é a de que *who all* se desloque para o especificador de TP, para então se deslocar para o especificador de CP, resultando em (81a). T entra numa relação de

checagem com o sujeito inteiro *who all*, e o deslocamento deste último ocorre sem problemas. Se, por outro lado, T almeja os traços de *who* somente, temos aí um problema, pelo fato de o movimento de *who* para o especificador de T ser ilícito. Uma solução, segundo McCloskey, seria dizer que T e *who* entrariam numa relação de concordância sem movimento visível. A seguir, teríamos a introdução do C portador do traço Wh-, *who* se deslocaria para o especificador de CP, e a derivação poderia continuar por meio de movimento-A'. Segundo o autor, tal derivação é possível se estivermos adotando alguns pressupostos do modelo de Frampton e Gutmann (1999), trabalho citado pelo autor:

- (83) Uma derivação consiste em uma seqüência de ciclos, cada qual do seguinte modo:
- a. (Selecionar) Um novo item lexical é introduzido. Este seleciona seus argumentos e converge (*is merged*) com eles.
 - b. (Satisfazer) Os traços desse núcleo recém-introduzido são satisfeitos o mais completamente possível por meio da checagem (que induz ao movimento na sintaxe aberta sempre que possível).

Assim, McCloskey conclui que se T entra em uma relação de checagem de traços com o sujeito completo *who all*, o movimento deste último não é problemático. Mas se T entra em uma relação de checagem com o especificador *who*, o movimento na sintaxe aberta é simplesmente impossível, pois resulta em um movimento impróprio, ou seja, de uma posição-A' para uma posição-A. Quando C é introduzido, *who* pode mover-se na sintaxe aberta para [Spec, CP], resultando na construção gramatical em (81b).

2.3.5 Bošković (2004): Quantificadores Flutuantes e Posições Temáticas

Em sua análise, Bošković (2004) focaliza a proposta de Sportiche (1988), considerada por ele como sendo a mais proeminente de todas as abordagens feitas ao fenômeno de Q-float. O autor afirma julgar irrelevante a leitura indicando completude, apontada por Bobaljik (1995), explicando que esta não surge como resultado de Q-float.

O objetivo de Bošković é bem claro: resolver os problemas acarretados pelo fato de o quantificador não poder ficar encaixado na posição em que se originam os sujeitos

das passivas e inacusativas,^{35, 36} para então poder aceitar a proposta clássica de Sportiche:

The ungrammaticality of [floated *all* in object positions of passive and unaccusative constructions, and in sentences with overt object shift] represents a serious, in fact the most serious, problem for the otherwise very successful stranding analysis of Q-float, which must be resolved before the analysis can be accepted. The goal of this article is to resolve the problem and explore theoretical and empirical consequences of the proposed solution.³⁷ (Bošković, 2004:682-683).

Obviamente, embora os motivos não tenham sido explicitados em seu texto, o autor não aceita a solução dada por Sportiche, e parte para uma nova análise das construções problema.

A hipótese levantada por Bošković é: “Os quantificadores não podem flutuar em posições- θ ”.³⁸ O autor se utiliza de evidências translingüísticas – das quais apenas parte será aqui apresentada – para mostrar que o Q-float não é impossível apenas em posições- θ de objeto (que são os casos vistos até agora), mas também em posições- θ de sujeito. Um conjunto de exemplos (Bošković, 2004:685) extraído de Bobaljik (1995) mostra que o *all* flutuante pode aparecer antes ou depois de advérbios sentenciais (ditos “altos”), como *obviously*, “obviamente”, mas necessariamente tem de ocorrer antes de advérbios de modo (ditos “baixos”), como *completely*, “completamente”:

- (84) a. The students all completely understood.
os alunos todos completamente entenderam
- b. *The students completely [_{VP} all understood].
- c. The students obviously all understood.
os alunos obviamente todos entenderam
- d. The students all obviously understood.

³⁵ Como Sportiche, Bošković prefere o rótulo “ergativas”, ao invés de “inacusativas”.

³⁶ Ao problema das passivas e inacusativas, Bošković acrescenta ainda o problema das sentenças com *Object Shift* manifesto, como **Mary hates the students*, *all* *t*_i. Trataremos dessa questão mais específica no capítulo 3.

³⁷ Tradução livre: “A agramaticalidade de [*all* flutuante em posição de objeto de construções passivas e inacusativas e em sentenças apresentando *object shift* manifesto] representa um problema sério, na verdade o problema mais sério, para a bem-sucedida análise de Q-float com encalhe, o qual precisa ser resolvido a fim de que esta possa ser aceita. O objetivo deste artigo é resolver o problema e explorar as consequências teóricas e empíricas da solução proposta.”

³⁸ Do original: “*Quantifiers cannot be floated in θ -positions*” (2004:685). Obviamente, o termo “flutuar” é aqui usado metaforicamente. O que o autor quer dizer é que os quantificadores não podem *estar encalhados* em posições- θ .

O raciocínio de Bošković é o seguinte: dada a análise padrão de que mesmo advérbios baixos como *completely* encontram-se acima da posição- θ de sujeito quando precedem o verbo, (84a-b) são evidência para o fato de *all* não poder flutuar em [Spec, VPs] θ -marcados. O mesmo se aplica aos dados do espanhol (Bošković, 2004:686):

- (85) a. ?Los estudiantes entenderán todos completamente (ese problema).
os estudantes entenderão todos completamente (esse problema)
b. *Los estudiantes entenderán completamente todos (ese problema).

Outra evidência vem do sueco, língua na qual um quantificador flutuante modificador de sujeito não pode ocorrer entre um verbo auxiliar e um particípio em orações encaixadas. Vejamos o exemplo de Bošković, extraído de Holmberg (1999, apud Bošković, 2004:686):

- (86) Jag undrar varför studenterna inte (alla) har (*alla) läst boken.
eu me pergunto por que os alunos não (todos) têm (*todos) lido os livros

Partindo do pressuposto de que os verbos auxiliares das orações encaixadas do sueco não se deslocam na sintaxe aberta, construções como essa são mais uma evidência de que quantificadores não podem flutuar em posições- θ de sujeito. Evidência semelhante (Bošković, 2004:686) pode ser encontrada no inglês, com *all* flutuando em posição- θ de sujeito em (87b):

- (87) a. They are all being noisy.
eles estão todos sendo barulhentos
b. *They are being all noisy.

O japonês também é fonte de evidência para a proposta de Bošković. O contraste abaixo (Bošković, 2004:686) ilustra a impossibilidade de Q-float em posição- θ de sujeito:

- (88) a. *Gakusee-ga hanbaagaa-o 3-nin tabeta.
estudantes-nom hambúrguer-acus 3-cl comeram
b. Gakusee-ga 3-nin hanbaagaa-o tabeta.
estudantes-nom 3-cl hambúrguer-acus comeram

O autor considera suficiente a apresentação de dados empíricos³⁹ que mostram ser impossível a flutuação de quantificadores em posições- θ de sujeito e objeto,⁴⁰ mas procura apresentar mais evidências a favor de sua generalização, argumentando que esta pode ser deduzida a partir de mecanismos independentes da gramática. Sua proposta fundamenta-se nas seguintes suposições, todas justificadas independentemente do fenômeno de Q-float: (i) FQs são adjungidos ao NP que modificam (Sportiche, 1988 e Benmamoun, 1999), (ii) não há adjunção a argumentos, já que esta interfere na atribuição de papéis- θ (Chomsky, 1986, idéia atribuída a Kyle Johnson) e (iii) adjuntos podem ser inseridos na estrutura aciclicamente (Lebeaux, 1988). As suposições (i) e (ii) são contraditórias, a menos que se leve em conta também a suposição (iii). Assim, temos que o quantificador, um adjunto, pode ser adicionado à estrutura aciclicamente, isto é, numa inserção tardia, depois de o NP ter se deslocado da posição em que é θ -marcado. Desse modo, a adjunção não interfere na atribuição de papéis- θ . A derivação de uma sentença como *The students were all arrested*, “Os alunos foram todos presos” (Bošković, 2004:692), portanto, de acordo com a proposta do autor, aconteceria do seguinte modo:

- (89) a. [_V arrested the students]
 b. the students [_V arrested *t*]
 c. all the students [_V arrested *t*]
 d. the students were all *t* [_V arrested *t*]

Assim, Bošković conclui que a generalização *Os quantificadores não podem flutuar em posições- θ* pode ser deduzida da interação entre as suposições (i), (ii) e (iii), todas independentemente motivadas. Sua generalização, portanto, ou, mais precisamente, as três suposições nas quais esta se fundamenta, resolveriam a questão que impedia a aceitação da proposta de Sportiche.

³⁹ O autor apresenta ainda dados do francês, italiano e coreano.

⁴⁰ Seus informantes de língua francesa consideram o contraste entre exemplos com o quantificador nu e exemplos com o quantificador pesado muito maior do que mostram os julgamentos de Sportiche. Um dos informantes chega a considerar agramaticais todos os exemplos com passivas e inacusativas. Bošković (2002:3) conclui: “*What is important for our purposes is that the degraded status of the bare Q examples indicates that French raises the same kind of problem for Sportiche’s analysis as English*” (tradução livre: “O que é importante para os nossos propósitos é que o status marginal dos exemplos com quantificadores nus indica que o francês traz, como o inglês, um problema para a análise de Sportiche”).

Uma das conseqüências da proposta de Bošković é a necessidade da postulação de uma estrutura oracional mais articulada do que aquela proposta por Chomsky (1995), em que há apenas o TP acima do VP no qual o sujeito é θ -marcado. Dentro da análise de Bošković (p. 693), (90) teria de ser derivada como em (91):

- (90) The students all left.
 os alunos todos partiram
- (91) The students_i [all t_i] [_{VP} t_i left]⁴¹

Isto é: *the students* é θ -marcado em [Spec, VP] e depois deslocado para uma posição não temática; somente aí *all* se adjungiria a ele, que ainda teria de se mover para uma posição mais alta, deixando o quantificador para trás, encaixado nessa posição não temática acima do VP. O autor afirma que os dados apresentam evidências para o fato de precisarmos de mais estrutura entre o sintagma no qual o sujeito é θ -marcado e o sintagma no qual está localizado na superfície, mas opta por não rotular essas projeções adicionais.

Uma outra conseqüência da proposta de Bošković, diretamente relacionada ao nosso objeto de estudo, tem a ver com o contraste observado (Bošković, 2004:696) entre estruturas com Q-float e suas contrapartes sem o Q-float:

- (92) a. All the students were failed by Mary.
 todos os alunos foram reprovados pela Maria
- b. The students were all failed by Mary.
 os alunos foram todos reprovados pela Maria

O autor pretende mostrar que, ao contrário do que se imagina, (92a-b) têm estruturas diferentes. Esse resultado é desejável, já que a opcionalidade de Q-float constituiria um problema para uma abordagem minimalista. A argumentação de Bošković fundamenta-se no efeito de congelamento do escopo de Q-float, ou seja, na impossibilidade de se reconstruir o escopo com quantificadores flutuantes. São apresentados os exemplos a seguir (Bošković, 2004:696), com suas respectivas possibilidades de escopo:

- (93) a. The students don't all know French. not>all
 os alunos não todos sabem francês

⁴¹ Nesse exemplo, o autor parece estar considerando *leave*, “partir”, como um verbo inergativo.

b. The students all don't know French.

all>not

A interpretação para (93a), em que *not* tem escopo sobre *all*, é a de que “nem todos os alunos sabem francês”; já para (93b), em que *all* tem escopo sobre *not*, a interpretação disponível é “nenhum dos alunos sabe francês”. Supondo-se que Q-float é opcional, observaremos os seguintes passos na derivação de (93b) (Bošković, 2004:697):

(94) [The students] [all [the students]] don't [all [the students]] [_{VP} [the students] know French]

Ou seja, *all* é adjungido a *the students* abaixo da negação. Depois disso, ocorre o *pied-piping*, ou seja, a expressão inteira *all the students* se desloca por sobre a negação. O próximo passo é o Q-float, com *the students* se deslocando para sua posição de sujeito na superfície, deixando *all* para trás, enclavado. O problema é que, como há uma cópia de *all* abaixo da negação, *not* deveria ser capaz de ter escopo sobre *all* – o que simplesmente não acontece. Para Bošković, contudo, se adotarmos a possibilidade de uma derivação diferente da empregada para (93a) – isto é, diferente de (94) – esse problema pode ser resolvido. Nessa derivação diferente, o Q-float deve ocorrer logo que *all* entre na estrutura, não havendo a possibilidade de *pied-piping*. Dessa forma, a posição de superfície do FQ (Bošković, 2004:697) indica a posição em que este foi inserido na estrutura, ao contrário de *the students*, que é gerado em sua posição- θ e sofre deslocamentos cíclico-sucessivos até chegar ao seu destino final:

(95) [The students] [all [the students]] don't [the students] [_{VP}[the students] know French]

Assim, descartando a derivação em (94), teríamos, segundo Bošković, uma explicação para a presença do efeito de congelamento de escopo em (93b). O autor conclui: o efeito de congelamento do escopo fornece evidência para a obrigatoriedade do Q-float.

Por outro lado, se o Q-float é obrigatório, como lidar com casos como *All the students were failed by Mary*, nos quais não há flutuação? Para o autor, é possível preservar a explicação baseada na obrigatoriedade do Q-float, e ainda permitir a geração

de estruturas sem flutuação, caso sejam atribuídas estruturas distintas a exemplos com flutuação e exemplos sem flutuação. Com efeito, pode-se chegar a esse resultado se a estrutura das construções sem flutuação for tal que o Q-float seja simplesmente impossível. O autor propõe que a explicação para a ausência de Q-float seja a mesma utilizada para o *pied-piping* sob movimento Wh-, como o da sentença em (96) (Bošković, 2004:699):

- (96) Whose book did Mary buy?
de quem livro DID a Maria comprou

Pressupondo a generalização que diz que “*Pied-piping* supérfluo não é permitido”,⁴² a checagem do traço +Wh- de C por meio do deslocamento de *whose* deve ter preferência sobre a checagem por meio do deslocamento de *whose book*. Em um exemplo como (96), contudo, observa-se a impossibilidade do movimento de *whose* sozinho: **Whose did Mary buy book?* Não havendo essa opção, o *pied-piping* não pode ser considerado supérfluo, tendo de ocorrer devido ao fato de ser essa a única opção disponível. Assim, Bošković sugere que uma construção como (92a) seja explicada do mesmo modo que (96), isto é – a estrutura de um [Q NP] não-flutuante é tal que o deslocamento do NP sem o quantificador é impossível, do mesmo modo que é impossível o deslocamento, em (96), de *whose* sozinho. Como, sabemos, existem construções em que ocorre o Q-float, conclui-se que construções com flutuação e construções sem flutuação possuem estruturas diferentes. Uma evidência empírica a favor dessa conclusão decorre do fato de, em diversas línguas (como o árabe, o francês, o hebraico, o holandês, o alemão e o inglês), essas construções apresentarem diferenças morfológicas, sintáticas e semânticas.

A proposta do autor (Bošković, 2004:701) é a de que nos exemplos sem flutuação, o QNP é gerado na posição- θ interna ao VP para, então, deslocar-se para o [Spec, IP]:

⁴² Essa generalização baseia-se em suposições de dois autores diferentes, ambos citados por Bošković (2004:698):

(i) F (um traço sendo checado) carrega consigo apenas material suficiente para convergência (Chomsky, 1995).

(ii) *Pied-Pipe Menos Peso* (*Pied-Pipe Less Weight*): em um dado estágio de uma derivação, um objeto sintático A não pode ser movido para K se houver um objeto sintático B contido em A (isto é, se houver uma relação do tipo subconjunto-superconjunto entre B e A) que possa ser movido para K (Stateva, 2002, apud Bošković, 2004).

(97) [All the students] [_{VP} [all the students] know French]

Dentro da análise proposta, outra alternativa seria dizer que *the students* é gerado sozinho na posição- θ e depois se move para o [Spec, IP]. Somente ali é que o quantificador se adjungiria a ele. De fato, Bošković aceita as duas possibilidades. Então, nessa abordagem, estão disponíveis, para as construções sem flutuação, tanto estruturas com adjunção como estruturas sem adjunção; para as construções com flutuação, apenas dispomos da estrutura com adjunção. A corroboração dessa idéia é fornecida por uma evidência empírica, a saber, um padrão morfológico observado em diversas línguas no que diz respeito à concordância entre um quantificador e o NP junto ao qual é interpretado. Os dados do alemão mostram que a concordância é obrigatória quando há flutuação, e opcional quando não há flutuação. Nos exemplos a seguir (Bošković, 2004:702), o quantificador encajado apresenta-se na forma nominativa/acusativa *alle*, enquanto o quantificador das construções sem flutuação é *all*, isto é, um elemento sem Caso:

- (98) a. Diese Studenten haben alle/*all protestiert.
esses.nom alunos têm todos.nom/todos protestado
- b. Gestern haben alle/all diese Studenten protestiert.
ontem têm todos.nom/todos esses.nom alunos protestado
- c. Diese Bücher habe ich alle/*all gelesen.
esses.acus livros tenho eu todos.acus/todos lido
- d. Gestern habe ich alle/all diese Bücher gelesen.
ontem tenho eu todos.acus/todos esses livros lido

Para Benmamoun (1999), segundo explica Bošković, os quantificadores flutuantes, por serem modificadores nominais adjungidos – do mesmo modo que outros modificadores, como adjetivos, por exemplo –, têm de concordar em Caso com o N que modificam. Segundo esse autor, esse tipo de concordância é um reflexo da estrutura de adjunção. Aceitando essa generalização, e estendendo-a, Bošković sugere que, por sua vez, o padrão sem concordância está relacionado à estrutura sem adjunção. Assim, pode-se prever que o padrão com concordância aparecerá, forçosamente, em exemplos de construções com flutuação, mas será opcional em exemplos sem flutuação. Os dados do árabe, apresentados por Benmamoun, são, para Bošković (pp. 703-704), uma

evidência forte para o fato de haver estruturas distintas para representar construções com e sem flutuação. Vejamos:

- (99) kull-u t-tullaab-i žaa?-uu.
 todos-nom os-alunos-gen veio-3MP
 ‘Todos os alunos vieram.’
- (100) t-tullab-u kaan-uu kull-u-hum ya-drus-uun.
 os-alunos-nom estar-3MP todos-nom-eles 3-estudar-MP
 ‘Os alunos estavam todos estudando.’
- (101) *t-tullaab-i kaan-uu kull-u ya-drus-uun.
 os-alunos-gen estar-3MP todos-nom 3-estudar-MP
 ‘Os alunos estavam todos estudando.’

No exemplo sem flutuação, isto é, (99), o quantificador, que recebe Caso fora do complexo QNP, atribui Caso genitivo ao NP. Para esse caso, Benmamoun explica que o quantificador toma o NP como complemento. Já no exemplo com flutuação, o quantificador concorda em Caso com o NP (o qual recebe Caso fora do complexo QNP) e carrega um clítico de concordância (*hum*, “eles”). Nesse caso, temos que o quantificador é adjungido ao NP antes do enclise e, sendo um modificador, concorda em Caso com o NP que modifica. Finalmente, a agramaticalidade de (101) vem a confirmar a idéia de que o padrão sem adjunção não é possível em estruturas exibindo o Q-float.

Antes de concluir, é necessário dar uma palavra sobre a aparente incompatibilidade entre as análises de Bošković e McCloskey (resumida na subseção anterior), ambas feitas à luz da proposta com enclise de Sportiche. Bošković menciona a importância do trabalho de McCloskey como evidência favorável à proposta de Sportiche (1988), mas faz uma ressalva: “*If what we have said so far is correct, this analysis [McCloskey (2000)], on which all is floated in a θ -position, cannot be maintained*”⁴³ (Bošković, 2004:724). Assim, Bošković propõe que, em exemplos como *?Who did you send to the shops all?* e *?What did you put in the drawer all?*, ao invés de ser gerado abaixo do PP objeto, o objeto direto é gerado imediatamente acima daquele, sofrendo posterior *Heavy NP Shift* (isto é, movimento para a direita). *All* é então adicionado ao sintagma-Wh, que se move para [Spec, CP], deixando *all* enclisado na posição de *Heavy NP Shift*. Bošković sugere que o caráter marginal dessas sentenças se

⁴³ Tradução livre: “Se o que dissemos até agora está correto, essa análise, na qual *all* está flutuando em posição- θ , não pode ser mantida”.

deve à hipótese de o sintagma na posição de *Heavy NP Shift*, *who all*, não ser suficientemente pesado.⁴⁴

Concluindo, em sua análise, Bošković baseia a sua generalização de que quantificadores não podem flutuar em posição- θ em uma série de evidências empíricas, e argumenta que a mesma pode ser deduzida a partir de uma série de pressuposições independentes, a saber, (i) a de que quantificadores são adjungidos aos NPs que modificam, (ii) a de que não há adjunção a argumentos, e (iii) a de que adjuntos podem ser inseridos aciclicamente em uma derivação. O autor explora ainda as conseqüências de sua proposta, as quais estariam relacionadas à estrutura oracional como um todo (já que sua análise pressupõe a existência de material entre o VP e o TP), aos fenômenos de *Object Shift* e *Heavy NP Shift*, e à reconstrução de escopo, entre outros, todos – como veremos – relevantes para nossa análise.

2.4 Considerações sobre as análises apresentadas

Apesar de superficialmente diferentes, é possível notar-se uma semelhança crucial entre as propostas de Kayne (1973) e Sportiche (1988). Em ambas, temos que o quantificador é gerado como parte da estrutura do DP. A diferença básica entre as duas teorias diz respeito (i) à direção do movimento e (ii) à natureza do material movido. Na primeira, é o quantificador propriamente dito que se move, e para a direita. Na segunda, é o DP, e não o quantificador, que se move, e para a esquerda, deixando o quantificador encaixado em sua posição de origem. Nesse caso, a flutuação do quantificador nada mais é do que uma “ilusão de ótica”. É possível dizer, portanto, que as duas propostas podem ser colocadas lado a lado em um mesmo grande grupo, pelo fato de serem ambas derivacionais (ou transformacionais, à época de Kayne), e de, por isso, estarem ocupadas com, basicamente, as mesmas questões, como a preservação da representação

⁴⁴ O autor argumenta que evidência independente para essa análise alternativa provém do raciocínio apresentado a seguir. Sabe-se que o primeiro objeto de construções com duplo objeto e com duplo complemento de preposição não pode sofrer *Heavy NP Shift*. Se exemplos nos quais um FQ modificador do primeiro objeto ocorre à direita do segundo objeto realmente envolvem *Heavy NP Shift*, pode-se prever que o padrão marginal apresentado por McCloskey não gerará bons resultados em construções com duplo objeto e construções nas quais ambos os objetos sejam PPs (Bošković, 2004:):

- (i) a. *Who did you talk to about John all?
 quem AUX.PAS você falou a sobre João todos
 b. *Who did John give that money all?
 quem AUX.PAS João deu aquele dinheiro todos

semântica da sentença, já que *tous* claramente exerce um papel de modificador do DP associado a ele, e a preservação da relação de concordância entre os dois, ainda que ambos estejam estruturalmente separados. A direção do movimento, contudo, vai acarretar uma diferença drástica entre as duas teorias, e esta diz respeito a propriedades anafóricas. Uma das críticas de Sportiche a Kayne tem a ver com o fato de, na proposta deste último, não haver uma preocupação nesse sentido. Na proposta de Sportiche, por outro lado, a relação antecedente-anafórico advém da relação entre o DP movido e seu vestígio, adjacente ao quantificador.

A análise de Sportiche é bastante atraente, mas não desprovida de problemas. A afirmação categórica de que os quantificadores flutuantes somente podem ocorrer em uma posição da qual um NP tenha se deslocado, por exemplo, constitui um sério problema para a proposta desse autor. Isso porque, no inglês, talvez mesmo no francês, quantificadores flutuantes não podem ocorrer em algumas posições de vestígio, como as pós-verbais de construções passivas e inacusativas: **The magicians_i have arrived all t_i*, **The votes_i have been counted all t_i*. Para dar conta do problema, Sportiche recorre à sugestão de que todo XP possui uma posição de especificador autorizada a receber um NP, e explica que, pelo menos no inglês, o sujeito das passivas e inacusativas seria gerado em [Spec, VP], e não na posição de objeto do verbo. É importante lembrar que essa solução não é comumente aceita na literatura, e uma argumentação contra ela encontra-se em Baltin (1995) (ver a seção 2.3.2 desta tese). Assim, a partir do momento que se pressupõe a proposta de Sportiche, faz-se necessária a busca por uma solução satisfatória tanto para o inglês como para o português no que diz respeito à questão problemática das construções passivas e inacusativas.

O estudo de McCloskey analisa estruturas que ele chama de construções com *wh-quantifier float*, típicas da variedade de inglês de West Ulster, Irlanda do Norte. Esse autor explica que a maioria das variedades do inglês apresentam construções com o quantificador adjacente ao elemento Wh-, como em *What all did you get for Christmas?*, *Who all did you meet when you were in Derry?* e *Where all did they go for their holidays?*, mas que o inglês de West Ulster permite, além dessas, construções como *What did you get all for Christmas?*, *Who did you meet all when you were in Derry?* e *Where did they go all for their holidays?*. Esses dados levam o autor a afirmar que *all* deve sempre assinalar a posição na qual tem origem o movimento Wh-, ou uma posição pela qual o sintagma Wh- tenha passado. A proposta de Sportiche é adotada

sem ressalvas, isto é, McCloskey pressupõe a sua viabilidade sem maiores questionamentos, nem mesmo em relação ao caso problemático das construções passivas e inacusativas. Aliás, os exemplos com esses tipos de construções (p. 72), examinados pelo autor, *Who was arrested all in Duke St.?*, *What was said all at the meeting*, *What happened all at the party last night?*, apresentam, todos, material preposicional após o quantificador, aspecto discutido por Bobaljik (1995), em proposta antagônica, na seção 2.3.1.

Por outro lado, as análises de Bobaljik (1995), Baltin (1995) e Torrego (1996) têm em comum o fato de serem críticas à proposta de Sportiche (1988). A crítica mais ferrenha à teoria de Sportiche – mas também a qualquer outro tipo de proposta para o fenômeno de Q-float que envolva movimento – encontra-se no trabalho de Bobaljik (1995), também resumido nesta tese na seção 2.3.1. Além de lembrar o problema em relação às construções passivas e inacusativas, o autor acrescenta (pp. 212 e 224) mais dois problemas sérios para propostas que envolvem vestígios: (i) o fato de quantificadores flutuantes poderem ocorrer em posições onde não haveria possibilidade de vestígio, como em *Larry, Darryl and Darryl came into the café all at the same time*, e (ii) o fato de quantificadores flutuantes poderem tomar como antecedente um DP com o qual não poderiam formar um constituinte único em nenhum nível de representação, como em *Some students might all have left in one car* (**All (of) some (of the) students might have left in one car*). Nesse tipo de análise, os quantificadores flutuantes se comportam como advérbios, sendo gerados na base como advérbios em posições adjungidas ao VP (XP, X', etc.) e associados a um DP por meio de uma regra interpretativa. Baltin (1995), seguindo uma linha de raciocínio parecida, é categórico ao afirmar que quantificadores flutuantes ocorrem na posição de especificador de um predicado. Segundo observação feita por esse autor, os dados do inglês mostram que um quantificador flutuante precisa de um constituinte que o siga, não podendo ocorrer em posição final. Esse tipo de proposta, contudo, parece não poder ser estendida aos fatos do português, já que, nessa língua, não há obrigatoriedade de presença de material após o quantificador: *Os meninos vieram todos (de carro)*, *Os mágicos desapareceram todos (ao mesmo tempo)*, *Os votos foram contados todos (com muita cautela)*. Além disso, outra questão é: Como manter a relação sintática entre o NP e o quantificador, já que, nessas propostas, a relação entre os dois não é local? Bobaljik propõe lançar mão de uma regra interpretativa, que basicamente diz que o *all* adverbial, adjungido a um

predicado, faz com que esse predicado seja maximamente distributivo com respeito ao argumento (de grupo ou de massa) daquele predicado, o qual está em uma posição A(rgumental) e c-comanda o advérbio. Por outro lado, já vimos na análise de Kayne (1973) que um caminho que leva em conta regras interpretativas pode ser bem mais tortuoso que outros. Voltando à proposta de Baltin, um outro percalço em relação a esse tipo de análise é que ela traz conseqüências fortes demais no que diz respeito à teoria de PRO. Isso porque, em se aceitando a análise desse autor, torna-se necessário justificar a ordem, não-canônica, “to PRO V” postulada por ele, indo contra as análises mais tradicionais que pressupõem a ordem “PRO to V”.

Outra crítica a Sportiche parte de Torrego (1996), que, a partir de dados do espanhol, mostra que os quantificadores flutuantes não podem fazer parte de uma cadeia de PRO, ao contrário do que se propunha no trabalho daquele autor. Na análise de Sportiche, como vimos, o quantificador é licenciado na cadeia NP do sujeito movido. Estendendo o mesmo raciocínio às orações de controle, essa análise prevê que PRO é gerado junto com a unidade flutuante, e que qualquer que seja a estratégia gramatical licenciadora de PRO, esta também licenciará o sintagma enclachado. Se o espanhol permite que, além de pronomes, outras classes de NPs sejam lexicalmente realizadas em posições posteriores ao quantificador de orações de controle, então, onde, dentro de um NP, PRO poderia originar-se? A autora deixa várias questões em aberto, mas, no final, apesar de afirmar desconhecer o fato de que Baltin realizava um estudo parecido, simultaneamente ao dela, acaba adotando as mesmas soluções empregadas por esse autor.

Por fim, temos a análise nada convencional de Bošković (2004), pressupondo inserção lexical – no caso, do quantificador – em diferentes etapas da derivação. Em sua análise, o autor adota os preceitos básicos da teoria de Sportiche, mas pretende aperfeiçoá-la, buscando uma solução mais efetiva para o problema das construções passivas e inacusativas. Evidências translingüísticas levam-no a postular generalização segundo a qual quantificadores não podem flutuar em posições temáticas. Para implementar a sua proposta, o autor apóia-se em três suposições, a saber, a de que quantificadores flutuantes são adjungidos ao DP que modificam, a de que não há adjunção em posições argumentais, por esta interferir na atribuição de papéis temáticos, e a de que adjuntos podem ser inseridos tardiamente na estrutura. Dessa forma, nas construções passivas e inacusativas, o quantificador seria adjungido ao DP somente

depois de este último ter se movido para uma posição não-temática. O quantificador ficaria encajado aí, e o DP se deslocaria para a posição final de sujeito.

Ao final da tese, veremos que nenhuma dessas análises prevê, simultaneamente, os fatos do PB e do inglês. No capítulo 3, uma das conseqüências de nossa argumentação é a hipótese de que o quantificador do PB não deve ser analisado nem como advérbio nem como adjetivo, o que nos leva a descartar análises como Bobaljik (1995), Baltin (1996) e Torrego (1996), e mesmo a questionar o seu status de adjunto. Veremos que tampouco a análise de Bošković (2004), que é uma extensão da proposta de Sportiche (1988), e se apresenta como uma versão aperfeiçoada daquela, pode ser estendida para o PB. Contudo, os fatos que evidenciam os problemas da análise desse autor não se revelam até o capítulo 4, no qual contemplamos o comportamento do quantificador flutuante no âmbito oracional.

Capítulo 3

O Quantificador *TODOS* no DP do PB

3.0 Introdução

Este capítulo concentra-se na argumentação de que, no PB, mas não no inglês, o movimento do DP “os alunos”, em um exemplo como “A Maria odeia os alunos todos”, é interno à projeção em que está contido. Isso explicaria o fato de, no inglês, a contraparte dessa sentença, ou seja, **Mary hates the students all*, ser agramatical. Para o inglês, estamos pressupondo, como Bošković (2004) (a partir de uma proposta em Koopman (1999)) que a única alternativa possível parece ser o movimento para uma posição externa à projeção que contém o DP, como sugere o exemplo gramatical *Mary hates them all*, com o objeto pronominal, opção que, por alguma razão, estaria indisponível para casos com objeto lexical.

Neste capítulo veremos que uma consequência imediata da argumentação em relação ao PB é a impossibilidade de se estender para essa língua propostas como Bobaljik (1995) e outras, que defendem um tratamento unificado para quantificadores e advérbios. Descartada a hipótese adverbial, observaremos haver uma intersecção no comportamento de quantificadores e adjetivos. Ainda assim, após a realização de testes, concluiremos que uma hipótese que propõe um tratamento unificado para quantificadores e adjetivos – como a de Herdan (2005) para os fatos do romeno – não pode ser levada às últimas consequências. Concluiremos terem os quantificadores (pelo menos os do tipo de “todos”) um tipo de comportamento único, característico de uma classe de quantificadores, não podendo ser rotulados nem como “advérbios”, nem como “adjetivos”.

No final das contas, as conclusões apresentadas neste capítulo acabam favorecendo as análises com vestígio, seja na versão original de Sportiche (1988), seja na versão modificada de Bošković (2004), sendo que somente adiante, a partir dos fatos

apresentados no capítulo 4, será possível optar pela análise que melhor dá conta dos fatos examinados (ou por nenhuma delas!).

Este capítulo se encontra dividido da seguinte forma: em 3.1, apresentamos a questão-problema. Conforme mencionado, notaremos haver, no inglês, uma assimetria entre objetos pronominais e objetos lexicais, inexistente no PB.⁴⁵ Apresentaremos um resumo da proposta de Koopman (1999), segundo a qual essa assimetria seria explicada com base na conclusão de que pronomes podem mover-se para posições mais altas na estrutura do inglês. Valendo-se do espírito dessa proposta, Bošković (2004), então, lança a hipótese de que sentenças do tipo de *Mary hates them all* é gramatical pelo fato de o pronome ter se movido duas vezes, abrindo “espaço” para o quantificador ser gerado em posição não- θ (rever a subseção 2.3.5 desta tese para relembrar os detalhes do modelo de Bošković). Ainda em 3.1, apresentaremos os fatos do PB frente aos fatos do inglês – comparação esta que constitui o objetivo central desta tese – e frente aos dados do romeno, língua que apresenta características comuns com o português. Segundo a análise de Herdan (2005), uma sentença, no romeno, do tipo de “A Maria odeia os alunos todos”, é gramatical pelo fato de o quantificador, apesar de se encontrar em posição- θ , não se encontrar flutuando. Ou seja, sua hipótese é bem parecida com a que defenderemos aqui. Veremos, no entanto, que o modelo proposto pela autora é diferente do nosso a partir do ponto em que, em sua análise, a ordem [DP_{lexical} Q] não é derivada da ordem [Q DP_{lexical}]. Por outro lado, curiosamente, a autora adota uma análise com movimento para a ordem [DP_{pronominal} Q], única possível no romeno. De acordo com a nossa hipótese, como veremos adiante, tanto a seqüência [DP_{lexical} Q] como a seqüência [DP_{pronominal} Q] do PB são derivadas das respectivas seqüências com o quantificador em posição anterior ao DP (seja este lexical ou pronominal).

Em 3.2, apresentamos nossa análise para o fenômeno em questão para o PB. Ao contrário de Herdan, vamos sugerir uma análise com movimento, apontando, entre outros argumentos, o fato de o quantificador “todos” ser um elemento de conteúdo semântico invariável,⁴⁶ independentemente da posição estrutural que ocupe. Diremos que é o significado da seqüência ([Q DP] ou [DP Q]) como um todo que pode variar, e não o sentido do quantificador, isoladamente, como sugere a autora. A seqüência [DP Q], por exemplo, é banida de contextos *out of the blue* (i.e., contextos em que falante e

⁴⁵ Estamos nos referindo aos casos com objetos pronominais fortes, no sentido de Cardinaletti & Starke (1999).

ouvinte não partilhem qualquer conhecimento prévio). Ainda nessa seção, argumentaremos a favor de uma estrutura com complementação para [Q DP], e não adjunção, como pressupõe a maioria dos estudos sobre o fenômeno de Q-float. Em nossa proposta, diremos que “todos” se encontra em uma posição de núcleo (Q^0), com o DP sendo gerado em posição de complemento, podendo, esse DP, mover-se para a posição de [Spec, QP], caso o item lexical em Q^0 seja selecionado do léxico portando um traço-EPP, não-interpretável – que, portanto, tem de ser checado/valorado antes de o material ser enviado para o componente fonológico. Notaremos também, ao contrário do que ocorre no inglês, não haver uma assimetria entre DPs lexicais e DPs pronominais do tipo “forte” (“nós”, “eles”, “vocês”), no sentido de Cardinaletti & Starke (1999). A questão dos pronomes clíticos (“os”, “nos”, “cês”) será apresentada apenas descritivamente, sendo que uma análise explicativa será adiada para trabalhos futuros.

Em 3.3 serão apresentadas nossas conclusões parciais.

3.1 Apresentação da questão-problema

Nesta seção, argumentamos a favor de uma diferença estrutural entre o PB e o inglês para explicar o fato de construções do tipo [S V O_{lexical} Q] ser agramatical no inglês, mas não no PB. A agramaticalidade de tais construções no inglês – mas a gramaticalidade de construções do tipo [S V $O_{\text{pronominal}}$ Q], nessa mesma língua – pode, segundo Koopman (1999), ser explicada caso se aceite a hipótese de que há uma assimetria na distribuição de DPs pronominais e DPs lexicais. Valendo-se do espírito dessa proposta, Bošković (2004) apresenta mais subsídios a favor de sua análise, calcada na hipótese de que quantificadores não podem flutuar em posições- θ . Ainda nesta seção, confrontamos os fatos do inglês e do PB, contemplando também uma análise de Herdan (2005) para os fatos do romeno. Veremos que o PB é semelhante ao romeno em alguns aspectos, mas que a análise proposta para o romeno não pode ser estendida ao PB.

3.1.1 Diferenças estruturais

No PB, é gramatical o seguinte tipo de sentença:

⁴⁶ Isto é, sempre quer dizer “100% de X:X é a sua restrição”.

(1) A Maria odeia os alunos todos.

A contraparte inglesa dessa sentença é agramatical, como se vê em (2a), mas, curiosamente, (2b), com objeto pronominal, é gramatical:

(2) a. *Mary hates the students all.

b. Mary hates them all.

Comparando-se o exemplo em (1) aos exemplos em (3), podemos constatar que esse tipo de contraste inexistente seja em relação a uma versão mais coloquial do PB, como a em (3a), seja em relação a uma versão mais formal (bem menos produtiva), como a em (3b):

(3) a. A Maria odeia eles todos.

b. A Maria os odeia (a) todos.

Uma possibilidade de explicação para o contraste entre o PB e o inglês poderia estar relacionada a Caso. Poderíamos arriscar dizer que, no PB, os tipos de sentença em (1) e (3a) são gramaticais pelo fato de essa língua estar evoluindo no sentido de os objetos do verbo estarem recebendo um tipo de Caso *default*, um tipo de nominativo “generalizado”. Acontece que o falante do português europeu (em geral em registros menos escolarizados), doravante PE, também começa a aceitar sentenças com o objeto pronominal em sua forma nominativa,⁴⁷ sendo que nessa língua é altamente produtiva a construção com objeto pronominal na forma acusativa (“A Maria odeia-os todos”). Assim, consideramos um tanto precipitada essa hipótese com o Caso nominativo *default*, pelo fato de poder fazer previsões erradas para outras línguas (e.g., o PE).

Uma outra possível explicação para o contraste em (2) estaria relacionada à hipótese contemplada por Koopman (1999), de que, no inglês, objetos pronominais e objetos lexicais comportam-se de modos distintos. Uma das evidências empíricas apontadas por Koopman para o caso do inglês seria, por exemplo, a possibilidade de

⁴⁷ Com preferência pela ordem [Q DP_{pronominal}] (“É mais fácil reconhecer todos eles”) sobre a ordem [DP_{pronominal} Q] (“É mais fácil reconhecer eles todos”). Curiosamente, foi essa segunda forma que encontramos em um blog português: filosofiabarata.blogs.sapo.pt. Segundo nossos informantes, a forma mais gramatical é ainda aquela com o clítico pós-verbal: “É mais fácil reconhecê-los todos”.

objetos pronominais, e somente estes, moverem-se para posições mais altas em uma estrutura. Um caminho tentador em relação ao PB seria dizer, então, que, nessa língua, tanto objetos lexicais quanto objetos pronominais se comportariam à maneira do objeto pronominal do inglês, apresentando, também, a possibilidade de se moverem para uma posição mais alta, fato que, por algum motivo, licenciaria a sua ocorrência em sentenças apresentando Q-float.

Um dos objetivos deste capítulo é o de mostrar que uma hipótese como essa não se confirma, por não levar em conta uma importante diferença estrutural entre o inglês e o português. A hipótese que defendemos aqui, com base em dados empíricos do inglês e do PB, é a de que, no PB, em casos como aqueles em (1) e (3), ao contrário do que acontece no inglês, DP e Q formariam um constituinte, não podendo ocorrer em domínios separados. Com isso, queremos dizer que esses elementos apenas sofreriam uma reorganização interna ao domínio nominal, fato que excluiria a necessidade de o DP se mover para fora do domínio em que foi gerado.⁴⁸ Por alguma razão, é essa diferença estrutural que permite a derivação de uma sentença como (1), mas não permite a derivação de sua contraparte no inglês.

Assim, a hipótese que estamos defendendo é a de que, em exemplos como (1), o quantificador jamais fica encalhado, ao contrário do que acontece no exemplo gramatical do inglês, (2b). Observamos, em (2a), que o encalhe do quantificador, que seria, provavelmente, a única opção no inglês (vide exemplos gramaticais, como (2b), com alçamento do pronome), não é permitido caso o objeto por ele modificado seja lexical, e que uma explicação plausível para esse contraste pode ser atribuída a uma diferença estrutural entre objetos pronominais e objetos lexicais do inglês. Veremos que esse tipo de explicação é bem diferente da que iremos propor para o PB, justamente por causa da diferença estrutural entre o inglês e o português mencionada acima. Mais adiante, veremos que a explicação para os fatos do PB não pode ser estendida aos casos com objeto lexical do inglês, e é por isso que uma sentença como (2a) está condenada a não convergir.

⁴⁸ Esses casos com reorganização interna ao domínio nominal distinguem-se dos casos em que o DP se alça a domínios mais altos deixando o quantificador para trás. Estes últimos serão contemplados no capítulo 4 da tese.

3.1.2 A assimetria na distribuição de DPs pronominais e DPs lexicais

Nesta subseção, apresentaremos um resumo da proposta de Koopman (1999), segundo a qual haveria, em algumas línguas, uma assimetria no posicionamento de DPs pronominais e DPs lexicais. Em seguida, retomaremos parte da proposta de Bošković (2004, já apresentada em 2.3.5 desta tese). Nesse trabalho, o autor sugere que uma explicação para o contraste *Mary hates them all* / **Mary hates the students all* pode estar fundamentada no tipo de raciocínio apresentado em Koopman (1999).

3.1.2.1 Koopman (1999): DPs pronominais e DPs lexicais no inglês e nas línguas célticas

Koopman (1999) argumenta não haver razão pela qual os pronomes não devam encaixar-se na estrutura regular do DP. Segundo ela, essa deveria ser a hipótese nula, já que pronomes são específicos, substituem um núcleo substantivo e carregam traços de pessoa, número e gênero. Contudo, a autora observa que, apesar de haver uma intersecção na distribuição de DPs lexicais e pronomes, essa distribuição se dá de modo diferente em variadas construções. Retomemos os exemplos em (2), repetidos aqui por conveniência:

- (4) a. **Mary hates the students all.*
b. *Mary hates them all.*

Apresentando evidências empíricas provenientes de línguas célticas e comparando-as aos fatos do inglês, a autora propõe que o contraste em (4) pode ser explicado se admitirmos que pronomes obrigatoriamente se movem para uma projeção funcional mais alta, e daí para uma posição [Spec, Agr] ainda mais alta.

A hipótese de que pronomes se movem para uma posição mais alta – para um [Spec, Agr] – reduz-se a uma assimetria na estrutura do DP de pronomes e DPs lexicais. De acordo com a análise do galês, estendida ao inglês, a autora propõe que os pronomes⁴⁹ movem-se para posições de especificador bem altas na estrutura e, a partir daí, têm de

⁴⁹ A proposta de Koopman (1999), se seguida à risca, é a de que os pronomes se movem, primeiro, para uma projeção funcional (por ela denominada NumP) que, por sua vez, se move para posições de especificador bem altas na estrutura e, a partir daí, têm de se deslocar novamente, para posições ainda mais altas, caso configurações de [Spec, Agr] estejam disponíveis. Como esse detalhe não é relevante para nossa tese, julgamos apropriado apresentar uma versão simplificada da proposta.

se deslocar novamente, para posições ainda mais altas, caso configurações de [Spec, Agr] estejam disponíveis.

A autora demonstra que a concordância no galês é assimétrica, por ser obrigatória com pronomes, mas excluída nos casos com DPs lexicais. As sentenças finitas do galês, a seguir (Sadler, 1988 apud Koopman, 1999:103), constituem-se de verbos finitos que tanto podem apresentar-se na sua forma analítica, como em (5a-b) ou sintética, como em (5c):

- (5) a. Agorodd y dynion y drws.
Opened-3PSg the men the door
'The men opened the door'
- b. y dynion a ddarllenodd/*ddralenasant y llyfr.
the men pt read-3PSg/*read-3PPI the book
'The men who read the book'
- c. Agoront (hwy) y drws.
Opened-3PPI (they) the door
'They opened the door'

Segundo descreve Koopman, na ordem analítica, por um lado, o verbo carrega informação relacionada ao tempo e ao modo da oração, mas recebe flexão invariável de 3ª. pessoa do singular (3PSg). Essa ordem é necessariamente usada com um DP sujeito lexical, como em (5a), ou com um vestígio de QU, como em (5b). A ordem sintética, por outro lado, carrega informação de tempo e modo, e é flexionada para pessoa ou número, devendo ser usada com pronomes, manifestos ou não. Sendo assim, os verbos dessa língua concordam plenamente com sujeitos pronominais, mas não com DPs lexicais.

O fato de, segundo Koopman, apenas pronomes acionarem a concordância sugere que há reflexo da concordância manifesta na sintaxe aberta, levando essa autora (1999:106) a postular a seguinte generalização:

- (6) Agreement in Welsh reflects the configuration in the overt syntax.⁵⁰

Pressupondo o acionamento da concordância em [Spec, Agr] na sintaxe aberta, a autora lança a hipótese de que haveria um elemento acionador da concordância em [Spec, Agr]

⁵⁰ "Concordância em galês reflete a configuração na sintaxe aberta."

na sintaxe aberta, com pronomes nulos ou plenos, mas não com DPs lexicais. Tal raciocínio leva a autora a mais duas generalizações descritivas (Koopman, 1999:106):

- (7) a. Agr is triggered by an overt pronominal element in [Spec, Agr].⁵¹
b. There is no agreement triggering element in [Spec, Agr] in the overt syntax with lexical DPs.⁵²

Fatos de outras línguas célticas sugerem que os DPs pronominais realmente se encontram em posições mais altas. Um paradigma do Bretão, por exemplo, sugere o movimento de DPs pronominais para posições acionadoras de concordância que DPs lexicais não podem alcançar. Nos seguintes exemplos (Stump, 1984 apud Koopman, 1999:107), envolvendo sentenças negativas (formadas por um C negativo, *ne*, e um negativo medial, *ket*), os DPs sujeitos lexicais aparecem após *ket*, ou seja, em uma posição bem baixa, ao contrário dos pronomes, que, além de tudo, ainda acionam a concordância:

- (8) a. Ne gousk ket ar baotred.
PCL dormir não os meninos
'Os meninos não dormem.'
- b. Ne gouskont-*pro* ket.
PCL dormem-*pro* não
'Eles não dormem.'
- c. Ne gouskont-int ket.
PCL dormem-eles não
'Eles não dormem.'
- d. *Ne gousk-int ket.
PCL dormir-eles não

Koopman nota que, como no inglês verbos principais estão sempre mais baixos na estrutura do que AgrS, este nunca está preenchido na superfície e, por isso, o pronome tem de ser manifesto. O mesmo ocorre em relação aos verbos auxiliares, que têm a opção de ficarem em uma posição mais baixa, ou de serem alçados para uma posição ainda mais alta que AgrS, no caso de uma inversão sujeito-auxiliar. Em virtude disso, as bases para a argumentação que a autora vinha utilizando para as línguas

⁵¹ A concordância é acionada por um elemento pronominal manifesto em [Spec, Agr].

⁵² Não há elemento acionador de concordância em [Spec, Agr] na sintaxe aberta com DPs lexicais.

célticas não podem ser estendidas para o inglês. Entretanto, no inglês, a argumentação para o deslocamento do pronome para uma projeção funcional mais alta ⁵³ pode ser elaborada com base na sintaxe de QPs contendo *all* e *both*, que Koopman chama de *allPs*. A autora considera o seguinte paradigma (Koopman, 1999:120):

- (9) a. All of these people/all of them came.
b. All these people/*all they came.
c. I saw *these people all/them all.
d. I spoke to *these people all/them all.

O exemplo em (9a), no qual *all* pode estar seguido por um *of-DP* não é relevante para a argumentação da autora.⁵⁴ As configurações a serem examinadas são as que apresentam DPs não preposicionados, ou “DPs nus” (*bare DPs*), na denominação da autora. Os exemplos em (9b-d) mostram que a distribuição de pronomes e DPs lexicais pode ser assimétrica: enquanto pronomes têm de preceder *all*, DPs lexicais têm de segui-lo.

A partir disso, a questão colocada por Koopman é a seguinte: Que posição o pronome ocupa? De acordo com ela, a análise poderia seguir dois caminhos: poderíamos dizer que (i) o pronome se encontra na projeção que contém *all*, ou seja, *allP*, como (9c) e (9d) parecem sugerir, ou (ii) o pronome se encontra fora de *allP*. A suposição de que pronomes estariam em *allP* ocupando [Spec, *allP*] é problemática porque esta posição teria de estar restrita a pronomes, o que, segundo a autora, não parece ser o caso. Koopman lembra, por exemplo, que DPs podem passar por essa projeção em casos de Q-float (Sportiche, 1988). Koopman argumenta, então, em favor da segunda opção, ou seja, a de que pronomes ocupariam uma posição externa a *allP*, mais especificamente [Spec, Agr]. As evidências empíricas apresentadas pela autora (Koopman, 1999:121) provêm de testes com deslocamento para a esquerda e perguntas e respostas:

- (10) a. All these candies I really like.
b. *Them all I really like.⁵⁵

⁵³ “NumP”, postulada pela autora.

⁵⁴ Nesse caso, a distribuição de pronomes e DPs lexicais é exatamente a mesma.

⁵⁵ É importante ressaltar que, em contraste, são gramaticais exemplos como os seguintes (Bošković (2004:706)):

(i) All of them, Mary liked.

(11) Q: Which ones do you want, all the yellow candies, or all the green ones?

A: a. all the candies

b. all of them

c. *them all

d. I want them all

(12) Q: Which book do you want? This one or that one?

A: a. Both the books

b. Both of them

c. *them both

d. I want them both

Isto é, a base para a argumentação da autora é o fato de a ordem [Q DP] poder funcionar como um constituinte independente, o mesmo não ocorrendo com a ordem [pronomes Q]. Os fatos em (10-12), portanto, levam-na a generalizar que pronomes deslocam-se para fora do *allP*. O raciocínio é o de que o pronome, tendo sido movido, não forma um constituinte apenas com *all* (ou *both*), logo, os dois termos da expressão não poderiam ocorrer como um constituinte independente (que poderia, por exemplo, funcionar como resposta para uma pergunta). Para reconciliar essa generalização com o dado em (9d), Koopman argumenta que o pronome naquela construção desloca-se para [Spec, AgrP]⁵⁶, com posterior deslocamento de P (i.e., a preposição) para uma projeção mais alta que a do pronome. Para tanto, a autora tem de pressupor a projeção de PP *shells* (Koopman, 1991 apud Koopman, 1999).

A autora argumenta que a sintaxe dos *allPs* mostra que pronomes têm de ocorrer em posições de [Spec, Agr], as quais não podem hospedar DPs lexicais. Evidência adicional para o fato de pronomes *terem* de ocupar essas posições provém de construções do inglês do tipo verbo-partícula, nas quais o pronome *tem* de preceder a partícula, enquanto o DP lexical pode tanto precedê-la como segui-la (Koopman, 1999: 122):

(13) a. I put him up.

b. *I put up him.

(ii) Them, Mary liked.

⁵⁶ Na análise de Koopman (1999), AgrP seria uma projeção destinada a hospedar objetos de preposição.

- c. I put my family up.
- d. I put up my family.

Baseando-se em Johnson (1990 apud Koopman, 1999), a autora argumenta que, se DPs pronominais, ao contrário de DPs lexicais, ocorrem *necessariamente* em [Spec, Agr], então deve haver duas posições precedendo a partícula: uma posição [Spec, Agr] para hospedar um DP pronominal, e uma outra, mais baixa, para hospedar o DP lexical. Assim, enquanto DPs pronominais têm de se mover para [Spec, Agr], DPs lexicais podem mover-se para uma posição de Spec acima da partícula, mas abaixo de AgrP. Para demonstrar o movimento de DPs pronominais, a autora lança mão das seguintes construções (Koopman, 1999:122):

- (14) a. I called them all up.
- b. *I called these people all up.
- c. *I called them up all.

AllP necessariamente precede a partícula quando do movimento do DP pronominal e, segundo argumenta, *all* não pode ter se movido como um núcleo que se adjuge à esquerda de P (i.e., a preposição). Caso isso acontecesse, *allP* seria transparente para o movimento do DP, e uma construção do tipo de (14b) seria licenciada. O movimento do DP pronominal é, portanto, precedido pelo movimento do DP para uma posição anterior à partícula.

Concluindo, os pronomes do inglês se movimentam para uma posição a que DPs lexicais não têm acesso. Como as assimetrias distribucionais se revelam exatamente em configurações nas quais, no galês, os pronomes acionam a concordância, a autora argumenta que, no inglês, DPs pronominais se movem abertamente para posições [Spec, Agr] quando as mesmas são projetadas.

3.1.2.2 Bošković (2004): estendendo o espírito da análise em Koopman (1999) ao estudo de Q-float

Na subseção 2.3.5, vimos que um dos objetivos da proposta de Bošković (2004) para os FQs é o de resolver o problema imposto à teoria de Sportiche (1988) pelas

construções passivas e inacusativas do inglês, as quais não aceitam o quantificador em posição pós-verbal (i.e., de vestígio):

- (15) a. *The children were seen all.
b. *The children have arrived all.

Ao problema imposto por essas construções, Bošković acrescenta mais um: o fato de sentenças como (2a), aqui retomada como (16), serem agramaticais:

- (16) *Mary hates the students_i [_{VP} [all t_i]]

Ora, se estivermos pressupondo, com Bošković (2004) e McCloskey (2000), entre outros (Authier, 1991; Johnson, 1991; Ura, 1993; Koizumi, 1995; Bošković, 1997; Runner, 1998; Lasnik, 1999), que o inglês admite *Object Shift* manifesto, ou seja, o movimento, na sintaxe aberta, de NPs acusativos para o SpecAgrOP/SpecvP, deixando um vestígio na sua posição de base, então, sentenças do tipo de (16), de acordo com a proposta de Sportiche, teriam de ser licenciadas. O fato é que sentenças como essas não são licenciadas no inglês. Como resolver mais esse impasse?

Estendendo a sua generalização de que quantificadores não podem flutuar em posições- θ (para maiores detalhes, rever a subseção 2.3.5), Bošković argumenta que as sentenças em (15) são agramaticais porque *all* se adjunge ao NP na posição em que este último é gerado (i.e., em posição- θ). Por outro lado, é gramatical uma sentença do tipo de (2b), retomada em (17), apresentando objeto pronominal:

- (17) Mary hates them all.

A fim de explicar esse contraste, Bošković se vale da hipótese de Koopman (1999) de que os objetos pronominais do inglês se moveriam, na sintaxe aberta, para posições mais altas do que as destinadas aos DPs lexicais (ou “NPs objetos”, como prefere o autor).⁵⁷

⁵⁷ Acreditamos ser relevante apontar a existência de propostas (e.g. Postal (1974), parcialmente resumida nesta tese, e Maling (1976)) segundo as quais exemplos do tipo de *I saw them all* não envolveriam Q-float, mas uma simples reorganização da ordem [Q Pronome], interna ao DP. Tais propostas não serão contempladas aqui, visto que os testes para o inglês (ver subseção 3.1.3.1), por si sós, comprometem totalmente a possibilidade de se vir a adotá-las: (i) impossibilidade de uma seqüência do tipo [Q

Seguindo a linha de raciocínio que o levou a postular as generalizações de que (i) não pode haver adjunção de quantificadores a NPs em posições- θ e que (ii) quantificadores não podem flutuar em posições- θ , o autor sugere que ambos os tipos de objeto, lexical ou pronominal, sofrem *Object Shift*, mas que os do tipo pronominal sofreriam ainda novo movimento, deixando *all* encalhado na posição de *Object Shift* (i.e., uma posição não- θ). Bošković relembra os dados em Postal (1974:115) (para maiores detalhes, rever a subseção 2.1.2), por serem altamente relevantes para a sua proposta:

- (18) a. Malcolm proved them all, don't forget/he claimed, to be vicious criminals.
b. *Malcolm proved the soldiers all, don't forget/he claimed, to be vicious criminals.

Esses dados mostram que *the soldiers* e *them* se encontram em posições distintas: enquanto o objeto lexical tem de ocorrer na posição de *Object Shift*, para onde se moveu a partir de sua posição de base, o objeto pronominal se encontra em uma posição mais alta ainda (adjungida, como veremos mais adiante). Por essa razão, em construções com objetos pronominais, *all* pode estar na posição de *Object Shift*, mas nos casos das construções com objetos lexicais, *all* deve encontrar-se em uma posição mais baixa, possivelmente a de especificador do IP infinitivo. Assim, o autor propõe explicar o contraste entre (18a) e (18b) pressupondo que a expressão entre vírgulas não pode estar inserida entre o especificador do IP infinitivo e *to*.

Partindo desses pressupostos, a questão colocada pelo autor é a seguinte: qual é a natureza do movimento do objeto pronominal para essa posição ainda mais alta do que a posição de *Object Shift*? O autor (Bošković, 2004:708) aponta para a agramaticalidade de sentenças como (19a), com o objeto pronominal focalizado, e (19b), com objetos pronominais coordenados:

- (19) a. *Mary hates THEM all.
b. *Mary hates you, him, and her all.

A partir disso, sugere, então, estarmos lidando com um caso de cliticização:

Pronome] servir como resposta para perguntas, (ii) impossibilidade de se usar tal tipo de seqüência em construções com coordenação, (iii) impossibilidade de deslocar tal tipo de seqüência para a esquerda.

If cliticization is responsible for the additional movement of the pronoun that licenses Q-float in [17], the fact that Q-float is impossible in [19], where the pronoun is not a clitic (clitics cannot be contrastively focused and coordinated), is expected. Apparently, once the cliticization option is removed through contrastive focus and coordination, object pronouns do not differ in the relevant respect from object NPs (Bošković, 2004:708).⁵⁸

De acordo com os padrões vigentes, o fenômeno da cliticização envolve movimento de núcleo, e é esta posição que o autor vai adotar. Segundo ele, esse raciocínio está de acordo com o que vem querendo demonstrar: se o pronome se move como um núcleo, como consequência não pode carregar um modificador junto consigo. Em outras palavras, esse movimento tem de, necessariamente, provocar o encalhe do quantificador na posição de *Object Shift*.

3.1.3 Os fatos do PB frente aos fatos de outras línguas

Nesta subseção, apresentaremos os fatos do PB frente aos fatos de outras línguas, a saber, o inglês e o romeno. A escolha do inglês se justifica dentro da proposta desta tese, que é a de fazer uma comparação do fenômeno de Q-float nas duas línguas. A escolha do romeno, por outro lado, justifica-se pelo fato de essa língua apresentar um comportamento bastante parecido com o do PB, no sentido de também licenciar sentenças do tipo de “A Maria odeia os alunos todos”.

3.1.3.1 Os fatos do PB frente aos fatos do inglês

Os fatos do PB confirmam a existência de uma diferença estrutural entre essa língua e o inglês. Aplicando-se um teste de perguntas e respostas, por exemplo, tradicionalmente utilizado para o diagnóstico de constituintes, pode-se constatar que ambas as formas, [Q DP] e [DP Q], são, no PB, respostas gramaticais tanto para perguntas como (20a), com extração de sujeito, como para perguntas como (20b), com extração de objeto. Como era de se esperar, o mesmo não se dá em relação ao inglês, em que, em ambos os casos, são agramaticais apenas as respostas apresentando a ordem [Q DP]:

⁵⁸ Se a cliticização é responsável pelo movimento adicional do pronome que licencia o Q-float em [17], o fato de que o Q-float é impossível em [19], exemplo no qual o pronome não é um clítico (clíticos não podem receber foco contrastivo nem ser coordenados), é esperado. Aparentemente, uma vez que a opção com cliticização é removida por meio do foco contrastivo e da coordenação, os pronomes objetos não se distinguem de um modo relevante dos NPs objetos.

(20) a. *Perguntas e respostas com extração de sujeito*

A: Quem odeia a Maria?
Who hates Mary?

B: (Todas) as mulheres (todas).
(All) the women (*all).

b. *Perguntas e respostas com extração de objeto*

A: Quem a Maria odeia?
Who does Mary hate?

B: (Todos) os alunos (todos).
(All) the students (*all).

Outros testes, com coordenação e com deslocamento para a esquerda, em (21) e (22), respectivamente, também ilustram esse contraste entre o PB e o inglês:

(21) a. *Coordenação com DP lexical em posição de sujeito*

(Todos) os alunos (todos) e a Maria foram ao cinema.
(All) the students (*all) and Mary went to the movies.

b. *Coordenação com DP lexical em posição de objeto*

Ontem nós vimos (todos) os alunos (todos) e a Maria no cinema.
Yesterday we saw (all) the students (*all) and Mary at the movies.

(22) *Deslocamento para a esquerda*

(?Todos) os alunos (??todos), eu vi.⁵⁹
(??All) the students (*all), I saw.

Os exemplos acima, portanto, mostram que, enquanto no PB é possível coordenar a seqüência [DP Q] com um DP lexical, seja na posição de sujeito, seja na posição de objeto, o mesmo não se dá em relação ao inglês. Os dados do PB em (22) foram julgados marginais pela maioria dos falantes, mas, ainda assim, podemos observar um contraste em relação aos dados do inglês. No inglês, os resultados são ainda mais drásticos: nem mesmo a seqüência [Q DP] é totalmente aceita em posição de tópico, e a seqüência [DP Q], como era de se esperar, é totalmente agramatical.

Concluindo, esses testes constituem evidência para a hipótese de que os elementos que compõem a seqüência [Q DP] no PB formam um constituinte e podem reorganizar-se internamente ao domínio nominal no que diz respeito à ordenação linear.

⁵⁹ Alguns informantes consideram ambas as construções completamente gramaticais.

Ou seja, de acordo com o nosso raciocínio, em exemplos como “A Maria odeia os alunos todos”, apesar de ter ocorrido o deslocamento de “os alunos” para uma posição à esquerda do quantificador, “os alunos” e “todos” ainda fazem parte da mesma projeção.⁶⁰ Assim, fica descartada uma hipótese segundo a qual os DPs do PB seriam capazes de se alçarem para posições tão altas quanto as que hospedam os DPs pronominais do inglês.

3.1.3.2 Os fatos do PB frente aos fatos do romeno

Herdan (2005) apresenta conclusões semelhantes às nossas em relação ao romeno. A autora baseia a sua argumentação na generalização formulada por Bošković (2004), segundo a qual quantificadores não podem flutuar em posições- θ , e argumenta que a gramaticalidade de (23) pode ser explicada se o quantificador, nesse tipo de sentença, na realidade não estiver encaixado em posição- θ (Herdan, 2005:96):

- (23) Copiii au rezolvat problemele toate.
crianças.os têm resolvido problemas.as todas
‘As crianças resolveram os problemas todos.’

A autora, no entanto, apresenta uma análise diferente da que se irá propor aqui, pois descarta a possibilidade de uma explicação fundamentada em movimentos internos ao domínio nominal. Sua argumentação baseia-se em uma re-análise da análise tradicional do comportamento de adjetivos em posições pré e pós-nominais (Cinque, 1993), e numa extensão dessa releitura ao caso dos quantificadores, que, analogamente aos adjetivos, também podem aparecer, em algumas línguas, em posição pré ou pós-nominal. De acordo com a análise tradicional de Cinque, o adjetivo é um especificador e, por isso, um N, no romeno, poderia passar por cima deste, movendo-se para D, em conformidade com a Minimalidade Relativizada (Rizzi, 1990). Herdan observa não ser possível fazer leituras idênticas de construções tais como as em (24), e argumenta que esse fato desfavorece qualquer análise que procure dispensar um tratamento único a adjetivos pré-nominais e pós-nominais (Herdan, 2005:102):

⁶⁰ No entanto, faz-se necessário esclarecer que a adjacência entre o Q e o DP pode ser quebrada por um modificador, como em *A Maria odeia os alunos quase todos*. Essa observação não prejudica em nada a hipótese defendida neste trabalho. O importante é que o NP modificado não se desloca para fora do DP, ao contrário do que estamos pressupondo (com Koopman (1999) e Bošković (2004)) para o inglês.

- (24) a. *bieṭii studenṭii*
 pobres.os estudantes
 ‘os pobres estudantes.’ (=dignos de pena)
- b. *studenṭii bieṭi*
 estudantes.os pobres
 ‘os estudantes pobres.’ (*dignos de pena)

A autora argumenta que, se uma análise com movimento, como a de Cinque, estivesse correta, o significado “digno de pena” teria de estar disponível também na posição pós-nominal, o que simplesmente não ocorre.^{61, 62} Na análise da autora, então, adjetivos prénominais e adjetivos pós-nominais já seriam gerados nas posições por eles ocupadas na sintaxe aberta. Analogamente, de acordo com Herdan, a posição do quantificador, pré ou pós-nominal, não teria qualquer relação com o movimento – ou a ausência deste – do substantivo para uma posição mais alta do que aquela em que é gerado. Assim como os adjetivos, os quantificadores seriam diretamente gerados nas posições que ocupam na sintaxe aberta.

Segundo a argumentação de Herdan, os quantificadores e os adjetivos do romeno merecem uma análise unificada, porque (i) morfologicamente, *toṭi*, “todos”, comporta-se como adjetivo, concordando em número, gênero e Caso com o elemento que modifica, e (ii) nessa língua o “empilhamento” (*stacking*) de adjetivos é geralmente

⁶¹ Cinque (1994), ciente do fato, propõe que, em casos como esse, o adjetivo seja, ao invés de um especificador, um núcleo, já que, assim, o movimento de N para D seria bloqueado pela Minimalidade Relativizada. Na proposta de Herdan (2005:103), porém, todo e qualquer adjetivo em posição prénominal deve ser analisado como núcleo. Uma evidência forte para isso advém da impossibilidade de estes carregarem complementos, como se vê em (i), inversamente ao que ocorre com adjetivos pós-nominais, como se vê em (ii) (observação que pode ser estendida ao PB):

- (i) **un mândru de fiul său tăta*
 um orgulhoso do filho seu pai
- (ii) *un tăta mândru de fiul său*
 um pai orgulhoso do filho seu
 ‘um pai orgulhoso do seu filho’

Conseqüentemente, na análise da autora, adjetivos pós-nominais, pelo seu caráter sintagmático, seriam gerados em adjunção ao NP.

⁶² Na concepção de Cilene Rodrigues (c.p.), a diferença de leitura não indica que a análise com movimento do N esteja errada. Segundo a sua explicação, quando o N se move, modificam-se as relações de escopo e, portanto, é de se esperar uma nova interpretação para o DP, ou para a projeção nominal em questão como um todo, como queremos defender.

banido,⁶³ como se vê em (25a), analogamente ao que acontece em (25b), isto é, o empilhamento de um adjetivo pós-nominal e um quantificador:

- (25) a. *o carte mare groasă
*um livro grande grosso
- b. *studenții aceștia inteligenți toți / * studenții aceștia toți inteligenți
alunos.os estes inteligentes todos / alunos.os estes todos inteligentes
*os alunos inteligentes todos / *os alunos todos inteligentes

Um problema com o argumento baseado no empilhamento é o de que, pelo menos no PB (e, acreditamos, também no romeno – ver a nota de rodapé de número 63), o empilhamento é impossível apenas se os dois adjetivos forem de um mesmo tipo semântico. Os adjetivos “grande” e “grosso” são de um mesmo tipo semântico, fato que gera a agramaticalidade da seqüência em (25a). “Financeira” e “desastrosa”, por outro lado, constituem tipos distintos, fato que licencia a convivência dos dois em uma mesma seqüência. Dessa forma, são gramaticais exemplos como os a seguir, com o empilhamento de adjetivos de tipos semânticos distintos:

- (26) a. situação financeira desastrosa
- b. copo grande vazio
- c. crianças brasileiras famosas

Por outro lado, o empilhamento de um adjetivo pós-nominal e um quantificador, como aponta Herdan, nunca é bom, nem no romeno e nem no PB (rever (25b), com os dados das duas línguas).⁶⁴

A meu ver, há, ainda, outros problemas na análise de Herdan. O primeiro diz respeito à questão do significado, apontada por ela. Enquanto a leitura de alguns adjetivos é sensível à posição que ocupam, como visto nos exemplos em (25), o mesmo

⁶³ Herdan (2005:105) ressalta que o fenômeno não é totalmente barrado no romeno. No exemplo a seguir, o *stacking* é permitido, e o mesmo se dá em relação ao português:

- (i) o situație financiară dezastruoasă
uma situação financeira desastrosa

⁶⁴ É preciso lançar mão de uma pausa a fim de se ter um adjetivo pós-nominal e um Q numa mesma seqüência:

- (i) a. As meninas brasileiras, todas, gostam de televisão.
b. Os visitantes estrangeiros, todos, ficam maravilhados com as nossas praias

não acontece em relação aos quantificadores. O sentido da palavra “todos”, independentemente da posição que ocupa, é invariável, sempre denotando totalidade, exaustão (ou seja, 100% dos alunos). No PB, parece haver uma variação no significado, de acordo com a ordem escolhida, isto é, [Q DP] ou [DP Q], relacionada à observação já feita de que, quando o DP se move, modificam-se as relações de escopo e, portanto, é de se esperar uma nova interpretação para a projeção nominal em questão. Enquanto a ordem “Todos os alunos” é *default*, e favorecida em contextos *out of the blue*, a ordem “Os alunos todos” parece ser favorecida em contextos indicando referencialidade ou resumitividade.⁶⁵

(27) a. *Referencialidade*

Eu tive esses filho todo.

b. *Resumitividade*

Assim esses livros: Sabina, essas... esses troço tudo eu pego pra ler.

Essa questão é retomada na seção 3.2.4, na qual dispensamos um tratamento sintático à diferença de significado apontada acima. De acordo com a nossa análise, essa diferença é definida na sintaxe.

Contra-argumentação adicional à análise de Herdan pode ser apresentada com base na distribuição sintática de quantificadores e adjetivos. Primeiramente, enquanto a seqüência [Q Art N] é licenciada no PB, como se vê em (28a), o mesmo não pode ser dito acerca da seqüência [Adj Art N], em (28b):

(28) a. todos os alunos

b. *inteligentes os alunos

Em segundo lugar, das duas classes em questão, somente a dos adjetivos aceita a presença de modificadores como “muito” e “demais” (este último bastante produtivo em certos dialetos do PB) como se observa em (29):

(29) a. muito inteligentes

⁶⁵ Dados (mas não a nomenclatura) extraídos de Pinto (1996). No PB formal os dados se comportam da mesma maneira: “Eu tive esses filhos todos”, “(...) esses troços todos eu pego pra ler”. Scherre (1988) já havia notado a função resumitiva de certos NPs ao analisar a questão da concordância nominal no PB.

- b. *muito(s) todos
- a'. inteligentes demais
- b'. *todos demais

Por outro lado, o quantificador “todos” aceita ser modificado por um modificador como “quase”, e o mesmo pode ser dito em relação à classe dos adjetivos, embora em situações bastante especiais, em que o falante esteja utilizando, por exemplo, o recurso pragmático da ironia:

- (30) a. #quase inteligentes (“#Eles são quase inteligentes”)⁶⁶
- b. quase todos

Ainda um outro problema na proposta de Herdan diz respeito à análise dos quantificadores e dos pronomes no DP. Como ela mesma argumenta (Herdan, 2005:108) – mas não trata como problema – o tratamento dispensado aos quantificadores/adjetivos modificadores de DPs lexicais não pode ser estendido aos quantificadores modificadores de pronomes, pelo simples fato de estes últimos não poderem ser modificados por adjetivos:

- (31) *eles bonitos

Desse modo, a autora é forçada a recorrer a uma análise diferente para o caso dos pronomes, o que não nos parece elegante ou econômico do ponto de vista teórico. Nesse caso, segundo a argumentação da autora, a seqüência [Pron Q] (a única possível no romeno), em (32), seria derivada do movimento obrigatório do pronome, de uma posição à direita para uma posição à esquerda do quantificador, localizada na periferia esquerda de uma projeção estendida do DP:

- (32) $ei_i \quad to\check{t}i \quad t_i$

⁶⁶ Aqui parece haver a possibilidade de se combinar as propriedades semânticas/quantificacionais de “todos” às propriedades de gradação de “quase”; por outro lado, em relação a adjetivos do tipo de “inteligente”, “bonito”, “velho”, pode-se dizer que esse tipo de combinação é bastante restrito. Observe-se, contudo, que esse tipo de combinação parece ser licenciado quando está em jogo outro tipo de adjetivo, cujas propriedades lexicais são compatíveis com a semântica de gradação: “porta quase aberta”, “garrafa quase cheia”, “copo quase vazio”. De qualquer maneira, “quase”, usado com adjetivos resultativos indica que o resultado correspondente não se manifesta: “quase aberta”, mas não totalmente aberta; “quase cheia”, mas não totalmente cheia.

eles todos

Ou seja, a argumentação que Herdan vinha desenvolvendo para os casos com DPs lexicais simplesmente não pode ser estendida aos casos com pronomes, e isso, a meu ver, é um problema grave. Será que vale a pena argumentar a favor de uma análise unificada para adjetivos e quantificadores, mesmo que para isso seja necessário sacrificar uma análise unificada para os casos com DPs lexicais e pronomes, ambos modificáveis por quantificadores, e ambos apresentando tantas características em comum, como o fato de poderem apresentar traços de pessoa, número e gênero (e muitas vezes Caso, dependendo da língua)?

Esses fatos nos levam a concluir ser inviável a adoção de uma hipótese como a de Herdan, que coloca, num mesmo patamar, adjetivos e quantificadores. Obviamente, adjetivos e quantificadores apresentam muitas características em comum e, realmente, parece haver uma intersecção no comportamento de ambas as classes. Mas à medida que essa intersecção diminui, como se pôde constatar por meio dos testes, uma proposta como a de Herdan se torna menos e menos atraente.

3.2 Por uma análise com movimento

Nesta seção, o que vamos sugerir, ao contrário de Herdan (2005), é uma análise com movimento de DP para as duas ordens em (33). Um dos motivos para a nossa escolha é o fato de o quantificador ser um elemento que apresenta um conteúdo semântico invariável nas diferentes línguas, independentemente da posição que ocupa.⁶⁷

- (33) a. A Maria odeia **todos os alunos**. (=100% dos alunos)
b. A Maria odeia **os alunos todos**. (=100% dos alunos)

O que não pode absolutamente ser comparado à total mudança de significado do adjetivo acarretada pela posição ocupada pelo mesmo:

- (34) a. Pobres alunos (= alunos dignos de piedade)
b. Alunos pobres (= desprovidos de bens materiais)

⁶⁷ E mais adiante, como veremos, independentemente do traço interpretável ou não-interpretável que venha a portar.

Se, na melhor das hipóteses, a análise de Herdan estiver correta para o romeno, ainda assim não pode ser estendida ao PB ⁶⁸. Além disso, como vimos, a proposta de Herdan perde uma generalização importante, como a defendida por Koopman (1999), de que substantivos e pronomes compartilham muitas características: “*Pronouns are specific, they stand for a head noun and they encode person, number and gender features*” ⁶⁹ (Koopman, 1999:93). Como vimos, Herdan (2005) propõe estruturas completamente diferentes para sintagmas quantificados com DPs lexicais e DPs pronominais. Enquanto uma análise destes envolveria movimento, uma análise daqueles não teria qualquer relação com o movimento, com o quantificador sendo gerado diretamente nas posições por ele ocupadas na sintaxe aberta. Dessa maneira, Herdan opta por perder uma generalização que colocaria DPs lexicais e DPs pronominais em um mesmo patamar, em favor de uma generalização que equipara quantificadores a adjetivos. Nossa análise, por outro lado, busca justamente manter essa generalização, defendendo propostas com movimento tanto para DPs lexicais como para DPs pronominais em que o DP precede o quantificador.

3.2.1 A caminho da proposta: o quantificador “todos” no DP do PB

Até agora, vimos dizendo que as propostas mais bem-sucedidas para o fenômeno de Q-float são aquelas pressupondo (i) adjunção do quantificador ao DP por ele modificado, e (ii) o movimento do DP para uma posição mais alta na estrutura, criando a ilusão de que o movimento foi de flutuação do quantificador para uma posição à direita do DP por ele modificado. A partir de agora, apesar de continuarmos aceitando a segunda pressuposição, não aceitaremos, pelo menos em relação aos dados do PB, a argumentação de que a relação entre o quantificador e o DP em questão seja de adjunção. A argumentação a favor dessa idéia, em Sportiche (1988), é praticamente inexistente, e a argumentação apresentada em Bošković (2004), basicamente fundamentada em dados do árabe, do hebraico e do alemão, simplesmente não pode ser estendida ao PB. No árabe, no hebraico e no alemão, haveria, segundo esse e outros autores (Shlonsky, 1991, Merchant, 1996, apud Bošković, 2004; Benmamoun, 1999), um padrão morfológico recorrente dizendo respeito à concordância entre o quantificador e o DP por ele modificado. Como vimos na subseção 2.3.5, nos casos com flutuação,

⁶⁸ Acreditamos, porém, que os fatos e testes apresentados apontam incompatibilidades de co-ocorrência que remetem a fenômenos provavelmente universais.

haveria, nessas línguas, concordância de Caso entre o DP e o quantificador, mas nos casos sem flutuação, essa concordância seria opcional. Bošković (2004) aceita a argumentação em Benmamoun (1999) de que, sendo modificadores nominais adjungidos, como qualquer outro modificador (um adjetivo, por exemplo), quantificadores flutuantes concordam em Caso, e que a concordância de Caso é um reflexo da estrutura com adjunção. Essa argumentação não será aceita para os fatos do PB basicamente por dois motivos: o primeiro tem a ver com a pressuposição, em Benmamoun (1999), aceita por Bošković (2004), de que quantificadores se comportam como adjetivos. Já vimos ser inviável, pelo menos para o PB, a adoção de uma hipótese que coloque, em um mesmo patamar, adjetivos e quantificadores. O segundo motivo está relacionado à questão da concordância. O PB não realiza marcação de Caso,⁷⁰ mas poderíamos fazer uma analogia entre os fatos de concordância de Caso nas línguas citadas e os fatos de concordância disponível no PB, isto é, de gênero e número. No PB, notaremos, a partir desse tipo de concordância, que a situação é exatamente inversa à dos casos apresentados por Benmamoun (1999) e Bošković (2004). No PB coloquial, a forma não flexionada disponível⁷¹ do quantificador somente pode ocorrer nos casos com movimento do DP:

(35) *PB coloquial*

- a. Todos os menino
- b. Os menino tudo/todo
- c. *Tudo/todo os menino

E é importante nos certificarmos de que se trata realmente de uma questão de concordância, e de que esse “tudo” realmente se comporta como “todos”, no sentido de estar atrelado a “os menino(s)”, e não adjungido a um sintagma que, por ventura, o siga. Uma hipótese contrária à nossa argumentação seria dizer, por exemplo, que “tudo”, em (36), estaria adjungido à margem esquerda do PP, e não atrelado ao DP “os menino”:

⁶⁹ Tradução livre: “Pronomes são específicos, substituem um núcleo substantivo e carregam traços de pessoa, número e gênero”.

⁷⁰ Salvo casos residuais.

⁷¹ Estamos pressupondo que “tudo”, assim como “todoØ”, é uma das formas de “todos”, pelo fato de esses elementos estarem em distribuição complementar quando “flutuados”. Observamos, em *corpora* de estudos sociolinguísticos variacionistas, que a forma “todoØ” é menos freqüente que a forma “tudo” (ver, por exemplo, o estudo de Pinto (1996)). Em vista disso, deste ponto em diante, os exemplos do PB coloquial serão apresentados com esta última forma (“tudo”).

(36) *PB colloquial* (hipótese que não iremos adotar)

Os menino vieram [_{PP} tudo [_{PP} de chinelo de dedo]]

No entanto, se a representação em (36) estivesse correta, a sentença em (37a) teria de ser agramatical, contrariamente aos fatos. Além do mais, os testes de constituintes utilizados anteriormente para o PB padrão também se aplicam aos fatos do PB colloquial, como se observa em (37b-c), o que demonstra o atrelamento do quantificador ao DP, e não a material que possa vir a segui-lo:

(37) *PB colloquial*

a. Os menino vieram tudo.

b. A: Quem veio?

B: Os menino tudo.

c. Os meninos tudo e a Maria vão ao cinema.

Vale a pena lembrar que os dados do PB padrão se comportam da mesma maneira, e é também por esse motivo que análises adverbiais para quantificadores, como a de Bobaljik (1995), por exemplo, não podem ser estendidas a essa língua:

(38) *PB padrão*

a. Os meninos vieram todos.

b. A: Quem veio?

B: Os meninos todos.

c. Os meninos todos e a Maria vão ao cinema.

Exemplos como (37) e (38) mostram que o quantificador deve ser interpretado com o DP, e não com material que por ventura venha a segui-lo. Uma contraparte inglesa para (37) (e (38)), por outro lado, é impossível, pois, como se vê em (39), deve haver, obrigatoriamente, material seguindo o quantificador (adaptado de Bobaljik, 1995:213):

(39) a. *The magicians disappeared all.

b. The magicians disappeared all [_{PP} at the same time].

Acreditamos ser esse o motivo pelo qual há tantas propostas a favor de uma análise adverbial para os quantificadores flutuantes do inglês. Em relação ao português, como vimos anteriormente, o comportamento do quantificador “todos” estaria mais próximo do comportamento de um adjetivo do que para o de um advérbio. Ainda assim, de acordo com a nossa argumentação apresentada na seção anterior, apesar de haver uma intersecção no comportamento de quantificadores e adjetivos, não se pode dizer que as duas classes se comportem de modo idêntico, conforme visto na seção anterior.

Em conclusão, tendo em mente nossa argumentação contrária a uma análise com adjunção e nossa argumentação a favor de uma análise com movimentos internos ao DP no PB, acreditamos ser perfeitamente possível defender estruturas internas diferentes para essa projeção nas duas línguas. Se a análise de Bošković (2004) como um todo provar-se eficaz, a análise com adjunção parece-nos bastante plausível para os fatos do inglês, já que, nessa língua, de acordo com a proposta do autor, o quantificador teria de ser inserido, isto é, adjungido, tardiamente na derivação, após o DP por ele modificado ter-se movido para fora do domínio- θ . Estamos cientes, entretanto, de que uma análise com adjunção não seja a única possibilidade para o inglês. Larson (1991, e em preparação), por exemplo, em um estudo que inclui construções genéricas do inglês, do tipo de *All whales are mammals*, *John respects all whales*, *All whales swim*, sugere que sua análise, sem adjunção, também poderia ser estendida às construções partitivas do tipo de *all the whales* [in this aquarium]. A análise para a projeção do DP, em Larson, em que são examinadas construções do tipo Q + NP_{PLURAL}, como *All whales* e *All students*, mostra haver uma relação de complementação entre D (onde o Q estaria localizado) e NP, dentro do espírito do trabalho pioneiro de Abney (1987) (mas um ponto discrepante entre as análises de Abney (1987) e Larson (1991) é o fato de a primeira fazer uma analogia entre o DP e o CP, enquanto a segunda faz uma analogia entre o DP e o VP), diferente do que se propõe em análises de construções do tipo Q + Art + NP_{PLURAL}, como as de Sportiche (1988), Bobaljik (1995), McCloskey (2000), Bošković (2004), que envolvem uma relação de adjunção entre o Q e a expressão nominal por ele modificada. Larson não deixa claro o modo como sua proposta com complementação poderia ser estendida à análise das construções ditas “partitivas” (aquelas em que o artigo está presente), mas a crítica às análises com adjunção é bastante incisiva:

Quantifiers have been argued to be able to adjoin to any category of phrase XP, taking XP as their scope (Stowell, 1982). On a theory in which XP constitutes the direct argument of D, this implies that any category of phrase can be the scope argument of D – in other words, D exercises no syntactic selection. This situation is at least anomalous (Larson, 1991:10)⁷².

É interessante acrescentar que, durante a fase de conclusão desta tese, tomamos conhecimento da análise de Shlonsky (1991) para o hebraico, que, de modo semelhante ao que vai ser defendido aqui, toma o pressuposto de que um DP quantificado do tipo de [all the students] é um QP que tem como núcleo um quantificador que, por sua vez, toma um DP como complemento. Ainda de acordo com o autor, o encaixe do quantificador flutuante envolve o movimento do DP para [Spec, QP], o que permitiria a extração desse DP para posições ainda mais altas na estrutura. Sua análise está, portanto, calcada no pressuposto de que esse movimento curto do DP para [Spec, QP] é o que subjaz ao fenômeno de Q-float em geral. Colocada nos termos atuais de “fases” (*phases*, Chomsky, 2001), poderíamos dizer que a análise do autor pressupõe que a margem (*edge*) da fase funciona como uma saída de emergência (*escape hatch*) para material que, de outro modo, ficaria preso dentro da fase, devido a uma condição que estabelece que objetos sintáticos se tornam invisíveis para operações sintáticas adicionais, a saber, a Condição de Impenetrabilidade da Fase (*PIC*, *Phase Impenetrability Condition*).

Antes de prosseguir em nossa argumentação, fazem-se necessárias algumas palavras acerca da “opcionalidade” de operações. Conforme visto na seção 2.3.5, Bošković (2004) argumenta que a opcionalidade de Q-float (ou de qualquer outra operação) acarreta sérios problemas para uma análise minimalista. De acordo com esse estágio da teoria, fortemente calcado em princípios de economia, operações opcionais não devem existir. Isso basicamente quer dizer que uma operação é obrigatória a partir do momento em que haja a possibilidade de ela ocorrer. O fenômeno de Q-float, no entanto, parece ser uma contra-evidência para esse tipo de idéia, afinal, parece opcional o movimento que deriva uma construção como “os alunos todos”, a partir de uma construção como “todos os alunos”. Como vimos na subseção 2.3.5, esse autor

⁷² Tradução livre: “Argumenta-se que quantificadores são capazes de se adjungir a qualquer categoria de sintagma XP, tomando XP como seu escopo (Stowell, 1982). Em uma teoria na qual XP constitui o argumento direto de D, isso implica que qualquer categoria de sintagma pode ser o escopo do argumento de D – em outras palavras, D não exerce seleção sintática alguma. Essa situação é no mínimo anômala”.

(Bošković, 2004:696) propõe duas estruturas diferentes para cada uma das construções, isto é, uma para casos sem flutuação (*All the students were failed by Mary*), e outra para casos com flutuação (*The students were all failed by Mary*), lançando mão de uma argumentação que leva em conta diferentes escopos do Q (rever a subseção 2.3.5 para maiores detalhes). De acordo com ele, o Q-float deve ocorrer assim que *all* seja inserido na estrutura, e isso equivale a dizer que a sua posição de superfície indica o exato local em que foi inserido. Assim, nos casos com flutuação teríamos, de acordo com essa argumentação, a inserção (= adjunção) tardia do quantificador em uma posição não- θ , o movimento do DP para uma posição mais alta, e o conseqüente encaixe do quantificador na posição em que foi inserido. Para os casos sem flutuação, o autor argumenta o seguinte: a estrutura das construções sem flutuação é tal que o Q-float é simplesmente impossível. As construções sem flutuação seriam comparáveis a construções do tipo de *whose book* em sentenças como *Whose book did Mary buy?*, em que é impossível mover *whose* desacompanhado de *book*. O mesmo se daria em relação a *All the students*, que, nos casos sem flutuação, seria gerado em posição- θ , para, então, mover-se em bloco para [Spec, IP]. Vimos também, na subseção 2.3.5, que a essa, o autor acrescenta uma outra possibilidade: a de *the students* ser gerado sozinho em posição- θ , para, então, mover-se para [Spec, IP], onde o quantificador se adjungiria à sua esquerda. Dessa forma, propondo diferentes estruturas para as construções com e sem flutuação, Bošković argumenta estar resolvido o problema da aparente opcionalidade de Q-float.

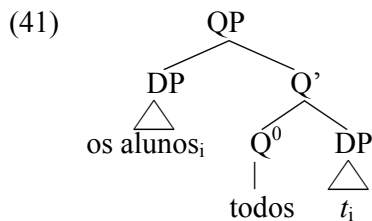
A nosso ver, e de acordo com os pressupostos minimalistas que vamos adotar nesta tese, não é estritamente necessária a postulação de duas estruturas sintáticas distintas, como fez Bošković (2004), para dar conta do problema da “opcionalidade” apontado por esse autor. O que iremos propor está também de acordo com o programa minimalista de Chomsky (1995, e publicações subseqüentes) e, argumentamos, a adoção de uma noção como a de traço-EPP é bastante razoável, desde que a nova configuração sintática, resultante do movimento, traga algum tipo de mudança interpretativa, que, como veremos, está relacionada a escopo. Assim, diremos que um traço não-interpretável em Q atua como uma “sonda” (*probe*) em busca de outro elemento, no caso um traço do DP, um gol (*goal*), o qual poderia checar/valorar seus traços não-interpretáveis. Sabe-se que em modelos mais recentes do Programa Minimalista essa checagem/valoração pode se dar *in situ*; no entanto, caso a sonda em Q seja selecionada do léxico com um traço-EPP, a checagem/valoração tem de

necessariamente acontecer por meio de movimento, sendo que é esse traço-EPP que determina a projeção de uma posição de especificador para abrigar o elemento movido.

Antes de passarmos à proposta propriamente dita, faremos algumas considerações sobre a parte correspondente aos elementos que, de fato, se movem no DP. No sintagma “Todos os alunos”, por exemplo, o elemento movido corresponde a “os alunos”, já que “todos” permanece na posição em que é inserido na estrutura. É crucial para nós, aqui, demonstrar a inseparabilidade desse conjunto de elementos que se movem, já que a argumentação que apresentaremos mais adiante dependerá em alto grau desse fato do PB. Em (40), a seguir, nota-se que os elementos em “Todos os alunos” que se deslocam o fazem em bloco, ou seja, não podem se mover a menos que o façam em conjunto.^{73, 74}

- (40) a. [os alunos]_i todos *t_i*
 b. * [os] todos *t_i* alunos
 c. * [alunos] todos os *t_i*

Em (41), propomos a representação sintática para o movimento do DP, interno à projeção nominal que o contém:



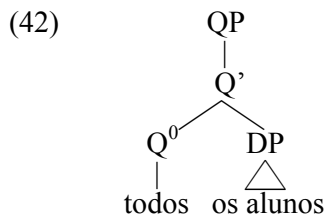
A explicação para tal derivação é a seguinte: relações de concordância podem estabelecer-se sem que para isso haja movimento (Chomsky, 2000, 2001). Assim, a checagem/valoração de traços-φ não-interpretáveis de gênero e número, por exemplo, pode ocorrer sem custo adicional, em oposição ao movimento visível, que é uma

⁷³ Analogamente, de certo modo, ao que foi notado por Bošković (2004) acerca da construção *whose N* e da construção sem flutuação do inglês.

⁷⁴ Não incluímos aqui construções com modificadores pré ou pós-nominais porque estes poderiam, de acordo com a análise que se preferir adotar, estar adjungidos ao DP que modificam e, como é de senso mais ou menos comum, a possibilidade de estarem adjungidos confere a esses elementos uma maior liberdade de posicionamento.

operação economicamente dispendiosa, conforme o que foi proposto em Chomsky (2000, 2001). Uma vez ocorrida essa operação de checagem/valoração à distância (*Agree*), o movimento do DP apenas será forçado caso Q (a “sonda”) tenha sido selecionado do léxico portando um traço-EPP, o que determina a projeção de uma posição de especificador que servirá como local de pouso para o DP movido.

Se, por outro lado, o Q tiver sido selecionado do léxico desprovido de tal traço não-interpretável, o DP terá de permanecer *in situ*, por não haver razão para seu movimento:



Na derivação acima, portanto, a checagem/valoração de traços-φ não interpretáveis ocorre à distância, e como a “sonda” em Q não dispõe de um traço-EPP, a posição de [Spec, QP] nem mesmo é projetada.

Antes de discorrer sobre o resultado na interpretação gerado pelo movimento do DP, trataremos de uma questão que ainda está em aberto: haveria, no PB, como no inglês e em outras línguas contempladas em Koopman (1999), e mesmo no romeno, como aponta Herdan (2004), uma assimetria entre DPs lexicais e DPs pronominais?

3.2.3 DPs lexicais e DPs pronominais: assimetria também no PB?

Na subseção 3.1.3.1, argumentamos a favor de uma análise que leve em conta uma importante diferença estrutural entre o PB e o inglês. No inglês – tomando a proposta de Bošković (2004) como ponto de partida – a seqüência [Pron Q], *them all* em *Mary hates them all* é, necessariamente, o resultado do encalhe do quantificador, provocado por sucessivos movimentos do pronome. Segundo o autor, que baseia a sua análise no espírito da proposta de Koopman (1999), no inglês, DPs pronominais podem deslocar-se para posições mais altas, as quais não podem ser alcançadas por DPs lexicais, o que possibilita o encalhe do quantificador em uma posição não-θ. Como o encalhe parece ser a única opção disponível no inglês, e esse encalhe, de acordo com a análise, teria de ocorrer em uma posição não-θ, construções como **Mary hates the*

students all, com objeto lexical, são agramaticais (rever a subseção 3.1.2 para maiores detalhes). Parece-nos, portanto, que a gramática que evidencia esse tipo de assimetria, ou seja, a gramática do inglês, aciona um mecanismo para as duas opções, a saber: (i) a realização do pronome objeto em posições altas não- θ e (ii) a realização do DP lexical em posições baixas, no âmbito- θ .

Em primeiro lugar, pressupondo-se a sensibilidade da posição- θ à presença de um quantificador flutuante, e dada a possibilidade de se derivarem as contrapartes de *Mary hates them all* e **Mary hates the students all* no PB, propusemo-nos verificar se, à maneira dos DPs pronominais do inglês, tanto DPs lexicais como DPs pronominais do PB seriam capazes de se alçar a posições bem altas, externas ao VP, provocando o encalhe do quantificador em uma posição não- θ . Recapitulando, os testes aplicados na seção 3.1.3.1 nos levaram à constatação de que quantificador e DP, nesses casos, formam um constituinte. Concluímos, assim, que os fatos relativos às configurações [DP_{Pron} Q] e [DP_{Lex} Q] do PB deveriam ser analisados em função dessas propriedades, o que permitiu afirmar que, em última análise, as ordens [DP_{Pron} Q] e [DP_{Lex} Q] do PB seriam decorrentes da possibilidade de haver, no PB, um rearranjo interno ao domínio nominal, ao contrário do que acontece no inglês. Se ao final de nossa análise como um todo, chegarmos à conclusão de que a proposta de Bošković é bem-sucedida (podendo ser também estendida ao nível oracional), poderemos dizer, então, que, sentenças como “A Maria odeia os alunos todos” são gramaticais no PB pelo fato de, apesar de o quantificador encontrar-se em posição- θ , este não se encontrar *encalhado*, e sim formando um constituinte com o DP que modifica. Se a análise do autor não se mostrar bem-sucedida como um todo, esta, pelo menos, nos terá levado a examinar o DP do PB e a notar as assimetrias aqui apontadas em relação ao inglês e a outras línguas. Em particular, propomos que a natureza da relação entre quantificador e DP no PB (o fato de formarem um constituinte) impede que esses elementos sejam encontrados em domínios diferentes, nos exemplos com objetos quantificados. E quanto às construções com clíticos no PB? Nesse tipo de construção, o pronome clítico “o”, equivalente direto de *them*, move-se, visivelmente, para uma posição mais alta, externa à projeção em que foi gerado:

(43) A Maria os odeia a todos.

Esse tipo de exemplo, equivalente formal de “A Maria odeia eles todos” ou “A Maria odeia todos eles”, e, portanto, pertencente a outra gramática, uma que tem a sintaxe dos clíticos (de 3ª pessoa) em pleno funcionamento, apresenta exigências independentes quanto ao licenciamento do clítico na estrutura oracional.

Ainda que a diferença estrutural entre o PB e o inglês tenha sido demonstrada, resta outra questão, que colocamos em destaque:

- (44) DPs pronominais e DPs lexicais ocupam uma mesma posição dentro da projeção nominal estendida do PB ou haverá também uma assimetria como a observada para o caso do inglês e das línguas célticas?

Para mostrar que a assimetria entre os dois tipos de DPs também é passível de ocorrer nas línguas românicas, Bošković (2004:710) lança mão de exemplos do francês:

- (45) Je les répare tous.
I them repair all
'I repair them all.'

- (46) *Les filles_j les_j lisent tous_j toutes_i.
the girls(fem) them read all all(fem)

O que Bošković quer mostrar com os exemplos em (45) e (46) é que uma análise que leve em conta uma assimetria entre DPs pronominais e DPs lexicais pode ser estendida a uma língua românica como o francês. Bošković argumenta que, em (45), o quantificador flutuante do francês se encontra na mesma posição do quantificador flutuante do inglês em *Mary hates them all*, ou seja, em uma posição de *Object Shift*, com o clítico se deslocando para uma posição ainda mais alta. O fato de quantificadores flutuantes que modificam sujeitos precederem quantificadores flutuantes que modificam objetos indica que a única posição de sujeito abaixo da posição de *Object Shift* é uma posição- θ . O exemplo em (46) mostra que o preenchimento dessa posição com *toutes* vai contra a generalização de que quantificadores não podem flutuar em posição- θ , e por isso é agramatical. Em relação a outra língua românica, a saber, o romeno, notamos haver, também, uma assimetria entre DPs lexicais e DPs pronominais. Como observa

Herdan (2005:96), o posicionamento⁷⁵ (desprovido de movimento) dos DPs em relação aos quantificadores, em exemplos como os apresentados a seguir, dá-se internamente à projeção nominal, mas, no caso do pronome, este se encontraria em uma posição mais alta, na periferia esquerda do DP, para onde teria se movido a fim de checar um traço de foco:

- (47) a. Copiii au rezolvat problemele toate.
crianças.os têm resolvido problemas.as todas
'As crianças resolveram os problemas todos.'
- b. (Ei) i-au vazut pe ei toți⁷⁶
eles os-têm visto PE eles todos
'Eles viram eles todos.'

Voltando ao PB, uma particularidade da sintaxe pronominal dessa língua em relação às outras línguas românicas, segundo Galves (1997:11),⁷⁷ é o uso de formas pronominais não-clíticas onde línguas como o francês e o PE, fazem o uso de pronomes clíticos:

- (48) a. *Francês*
Je ne l'ai pas vu./Je ne t'ai pas vu.
- b. *PE*
Não o vi./Não te vi.
- c. *PB*
Não vi ele./Não vi você.

Citando Duarte (1989), a autora argumenta que o uso do pronome não-clítico de 3ª pessoa na função de objeto direto é particularmente estigmatizado pela norma, e banido da língua escrita, tanto é que um dos efeitos da escolarização seria a diminuição de seu uso. Galves ressalta que não é o uso em si do pronome não-clítico na função de objeto direto que constitui uma exceção. Outras línguas também aceitam esse uso, mas o fazem

⁷⁵ Com a adjunção do quantificador à direita ou à esquerda do DP lexical que modifica (Herdan, 2005).

⁷⁶ S. Herdan (c.p., 2006).

⁷⁷ Essa questão da perda do clítico, da mudança na sintaxe do pronome objeto no PB, vem sendo discutida há muito tempo por lingüistas brasileiros, em estudos com diferentes abordagens teóricas (ver, por exemplo, Cyrino, 1996; Nunes, 1996; Pagotto, 1996, entre outros). Como não aprofundaremos as discussões desenvolvidas por esses autores, o que fugiria ao escopo deste trabalho, decidimos apresentar somente a abordagem de Galves (1997), que reúne estudos anteriores realizados pela autora, além de referências por ela fornecidas, e cujo enfoque se mostra mais adequado ao tratamento que queremos dar à questão nesta tese.

de maneira bastante restritiva. O espanhol e o PE, por exemplo, exigem a reduplicação do clítico e a presença da preposição *a* (*Lo vi a el, Vi-o a ele*),⁷⁸ e em línguas como o francês e o italiano, nas quais a reduplicação não é necessária (*J'ai vu lui, Ho visto lui*), o uso de pronomes não-clíticos em posição de objeto está sujeito a restrições interpretativas que os distinguem dos pronomes clíticos, tais como: (i) o referente da 3ª pessoa é necessariamente [+humano], e (ii) pronomes não-clíticos jamais remetem a um tópico, devendo ser interpretados como informação nova, foco neutro ou contrastivo.

Neste trabalho, vimos considerando dois tipos de elementos modificados pelo quantificador: elementos lexicais e elementos pronominais. No primeiro grupo, encontram-se elementos como “os alunos”, parcialmente contemplados na subseção anterior. No segundo grupo, encontram-se elementos pronominais plurais, como pronomes não-clíticos (“eles”, “nós”, “vocês”) e pronomes clíticos (“os”, “nos”, “cês”⁷⁹, este último apresentando comportamento bastante peculiar). No caso dos pronomes não-clíticos, diremos que estes exibem um comportamento idêntico ao dos DPs lexicais, e isso equivale a dizer que não há, no PB, assimetria entre DPs lexicais e DPs pronominais (com pronomes não-clíticos) em posição de objeto, verificada em outras línguas. Do mesmo modo que estes últimos, os pronomes não-clíticos tanto podem aparecer à direita como à esquerda do quantificador:

- (49) a. Todos os alunos
b. Os alunos todos
a'. Todos eles/nós/vocês
b'. Eles/Nós/Vocês todos

Tanto os DPs lexicais quanto os DPs pronominais das projeções nominais em questão podem receber foco fonológico, contrastivo, fato que descarta qualquer possibilidade de análise com cliticização (como, por exemplo, a do inglês, em Bošković (2004)):

- (50) a. A Maria odeia AS ALUNAS todas. (e não os alunos, ou seus colegas professores da escola para moças onde a

⁷⁸ E já vimos que o mesmo se dá em relação ao romeno, em que há reduplicação do pronome e é obrigatória a presença da preposição *pe*, provavelmente marcadora de Caso acusativo, à esquerda do pronome objeto (rever o exemplo em (47b)).

⁷⁹ Nem todos os autores consideram essa forma um clítico (Nunes (1994) e Kato (1996), por exemplo, fornecem análises alternativas para o fenômeno). Vitral (1996) e Ramos (1997) a analisam como um clítico. Neste trabalho optamos por denominá-la um clítico, por motivo que será exposto mais adiante.

Maria leciona)

b. A Maria odeia ELAS todas. (e não eles, ou nós, ou vocês)

Em relação aos pronomes clíticos estes se dividem em dois grupos: de um lado, temos os clíticos “clássicos”, isto é, “os” e “nos”, presentes na escrita, mas também em discursos orais mais formais ou cultos, e de outro, o clítico “cês”, exclusivo da linguagem oral. De um modo geral, em relação a estes últimos, o que se tem notado é que aparecem exclusivamente em posição de sujeito, tendo sido rotulados de “clíticos nominativos” (Vital, 1996; Ramos, 1997; Andrade, 2005):

- (51) a. Cê viu a Heloísa ontem?
b. *A Heloísa viu cê ontem?

De um modo geral, em relação aos primeiros, o que se tem notado é que são capazes de alcançarem posições bem altas na estrutura:

- (52) [XP Você [YP a_i [ZP viu t_i]]]

Por outro lado, se utilizarmos como critério de caracterização do pronome a possibilidade de ocorrer, ou não, com o quantificador, que é o âmbito deste trabalho, podemos observar certas mudanças interessantes no comportamento dos dois tipos. Em relação a “cês”, nota-se que este pode, sim, ser um objeto, desde que acompanhado do quantificador, como se vê em (53b):⁸⁰

- (53) a. *A Heloísa viu cês.
b. A Heloísa viu cês todos/tudo.

Frisamos aqui o aspecto que nos parece relevante: a condição de clítico do pronome “cês”, cuja presença, em posição de objeto, apenas é licenciada caso o quantificador também ocorra, ou algum outro elemento que garanta o suporte fonológico. Nesses casos, o comportamento do clítico “cês” é diferente do

⁸⁰ Marcus Lunguinho (c. p.) observa que a ocorrência de “cês” à direita do quantificador é atestada em um dialeto mineiro. Nesse caso, “todos” e “cês” formariam uma espécie de palavra fonológica única:

(i) A Heloísa viu todocês ontem.

comportamento to clítico do inglês (*Kill'em all!*⁸¹), cliticizado ao verbo, e não ao quantificador. No inglês, é possível dizer *Kill'em!*, mas no PB temos de dizer “A Heloísa viu cês **todos**”, pois “*A Heloísa viu cês” é agramatical, donde concluímos que “cês” deve estar cliticizado ao quantificador, e não ao verbo. Deixamos em aberto a questão de se a posição ocupada pelo pronome clítico “cês” é fruto de movimento + adjunção ou de adjunção diretamente no local em que se encontra na superfície. Em se tratando de cliticização, concluímos, então, haver uma assimetria entre (i) DPs lexicais / DPs pronominais não-clíticos e (ii) DPs pronominais clíticos do tipo de “cê” em relação às posições ocupadas por esses elementos no DP. Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que o clítico “clássico” é capaz de ocupar posições ainda mais altas, já que, na sintaxe aberta ocorre à esquerda do verbo. Tampouco estabeleceremos se a posição ocupada pelo pronome clítico “clássico” é fruto de movimento + adjunção ou de adjunção no local em que se encontra na superfície.

Contrariamente ao que foi dito sobre “cês” e quantificadores, notaremos que a ocorrência do clítico “clássico” em construções contendo quantificadores é bastante desfavorecida no PB. Os exemplos em (54b-c), em seu uso na linguagem oral soam muito mais naturais do que (54a):

- (54) a. ??Ela nos/os odeia a todos.
 b. Ela odeia todos nós/eles/vocês.
 c. Ela odeia nós/eles/vocês todos.

Note-se, por outro lado, que, em relação às contrapartes clítico/não-clítico de 1ª pessoa do plural, a situação se inverte caso o quantificador esteja ausente:

- (55) a. Ela nos odeia.
 b. ?Ela odeia nós.⁸²

Em relação às contrapartes clítico/não-clítico de 3ª pessoa, isto é, os/eles nota-se o seguinte: ainda que o tipo de construção em (56a) seja gramatical na linguagem oral, o

Essa hipótese, a de que “cês” se apoiaria no quantificador a fim de poder escapar da sanção de ser um clítico sem encosto, estaria de acordo com o que vimos defendendo até agora.

⁸¹ Fala da Rainha Branca no filme “As Crônicas de Nárnia”.

⁸² Estamos cientes, contudo, da alta produtividade desse tipo de construção em um determinado dialeto do PB.

uso do pronome não-clítico em posição de objeto é particularmente estigmatizado pela norma e, portanto, evitado em ambientes mais formais. No entanto, pode-se dizer que seu uso, mesmo em ambientes cultos/formais, torna-se legitimado caso o pronome esteja acompanhado do quantificador:

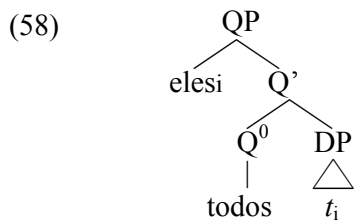
(56) *Uso em ambientes cultos/formais*

- a. ??Ela viu eles. (uso evitado em ambientes cultos/formais)
- b. Ela viu todos eles.
- c. Ela viu todos eles.

O uso com “você” é legitimado em todas as três formas, muito provavelmente pelo seu histórico como pronome de tratamento, fato que, sintaticamente, o equipararia a um DP lexical:

- (57) a. Ela viu vocês.
 b. Ela viu todos vocês.
 c. Ela viu vocês todos.

Voltando para o problema da aparente opcionalidade de ordens, podemos dizer que a explicação fornecida para os casos com DPs lexicais também se aplica para os casos com DPs pronominais não-clíticos. Ou seja, a operação Concordância (*Agree*) se dá à distância, de acordo com propostas minimalistas mais recentes, e o pronome apenas se move caso o Q seja selecionado do léxico com um traço abstrato que precise ser checado em uma configuração Spec-Head, ou seja, por meio do movimento do pronome, como projeção máxima, para [Spec, QP]:



Estamos pressupondo que o pronome se move como projeção máxima pelo fato de este ser capaz de substituir uma expressão inteira como “os alunos”.

Concluindo, argumentamos que a assimetria entre DPs lexicais e DPs pronominais não-clíticos para os casos examinados inexistente no PB. Nesse sentido, os dados do PB corroboram a idéia do modelo de Cardinaletti & Starke (1999), segundo o qual somente pronomes fortes (em oposição a pronomes fracos, como clíticos) apresentariam a mesma distribuição de DPs plenos, ou lexicais.

3.2.4 Justificando o traço-EPP

No modelo que estamos propondo, é o traço-EPP de uma sonda, em Q, que promove o movimento do DP quantificado para a posição de [Spec, QP]. O fato de o quantificador estar em uma posição pré ou pós-nominal não altera o significado isolado deste elemento, mas, de acordo com a nossa hipótese, os conjuntos [Q DP] e [DP Q] remetem a diferentes significados. Como já foi dito antes, enquanto a ordem “Todos os alunos” é *default*, e favorecida em contextos *out of the blue*, a ordem “Os alunos todos” parece ser favorecida em contextos nos quais se indica referencialidade ou resumitividade. Com o intuito de ilustrar essa idéia de referencialidade e resumitividade, tomemos o exemplo a seguir, extraído de um jornal brasileiro *online*, no qual observamos a transcrição de um discurso falado:

- (63) “Apenas seis meses depois do início do escândalo do caixa dois, o PT teve de entregar ontem sua contabilidade oficial para uma devassa da Receita Federal, que foi à sede nacional do partido em São Paulo. Os dirigentes receberam os auditores e entregaram a contabilidade de 2001. A Receita está investigando as contas de 2000 a 2004, e o próprio PT atribuiu a investigação à crise política. Para complicar ainda mais a situação do partido, os funcionários paralisaram o trabalho por estarem com os salários atrasados. É a primeira greve de funcionários em 25 anos de história do partido, que sempre apoiou greves no serviço público e no setor privado e condenava com veemência as empresas que não pagavam a seus trabalhadores. Segundo o tesoureiro petista, Paulo Ferreira, os documentos contábeis referentes aos outros anos estão no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e serão encaminhados à Receita.

— Em razão **dos episódios todos**, a Receita decidiu por fazer uma análise das contas. Mas o procedimento deveria ser feito com os outros partidos também, por uma questão de isonomia — afirmou Ferreira.”

(<http://oglobo.globo.com>, em 03/12/05)

Isto é, a ordem [DP Q] somente é licenciada em casos como o ilustrado acima, em que se parece saber exatamente a que “episódios” o falante está se referindo (noção de “referência”), por estes terem sido mencionados previamente, e em que o falante faz uma espécie de resumo dos acontecimentos, agregando-os no “todos” pós-nominal (noção de resumitividade). O tipo de exemplo acima sinaliza as duas noções simultaneamente. É crucial notar que esse tipo de DP não ocorre jamais em contextos do tipo *out of the blue*, nos quais não caberia resumir ou fazer referência a algo. Em nosso

modelo, portanto, o traço-EPP, responsável pelo movimento do DP, justifica-se a partir do momento em que se nota essa diferença de interpretação. Estamos falando, mais especificamente, de duas situações: de um lado, uma situação de foco largo, correspondendo aos contextos do tipo *out of the blue*, e de outro, uma situação de foco no quantificador, correspondendo a foco estreito, que remete à leitura massiva, resumitiva, do quantificador.⁸³ Continua um mistério, contudo, o porquê de a configuração sem movimento, [Q DP], ser capaz de codificar ambas as leituras, questão que adiamos para uma análise futura. De todo modo, é impossível o uso da sentença em negrito em (63) em um contexto no qual não se saiba exatamente a que episódios estamos nos referindo, e esse é um ponto crucial para o modelo que estamos propondo nesta tese.⁸⁴

Já havíamos mencionado, brevemente, neste capítulo, o papel do escopo nos dois tipos de configuração. Em nota de rodapé, argumentamos, com base em um comentário de Cilene Rodrigues (c.p.), que, quando o DP se move, modificam-se as relações de escopo, e, portanto, é de se esperar uma nova interpretação para a projeção nominal em questão. Desenvolvendo um pouco mais a questão, mas, ainda em um nível intuitivo, diremos que o efeito de escopo decorrente do movimento do DP, determinado pelo traço-EPP em Q, tem justamente a ver com o que temos defendido até aqui em relação ao contraste *out of the blue* e referencial / resumitivo. Cabe lembrar aqui a possibilidade, apontada em Chomsky (2001), de o traço-EPP poder assumir esse papel de codificador de uma propriedade interpretativa. Na configuração [Q DP], é o quantificador que tem escopo sobre o DP, e este último se encontra sob forte influência da qualidade quantificacional daquele. Aqui, o efeito da quantificação é mais forte do que qualquer efeito de referenciação ou resumo.⁸⁵ De acordo com a intuição de Ana Paula Gomes (c.p.), estamos pressupondo que, nesse caso, “todos” quantifica cada parte do DP à sua direita, hipótese que, a nosso ver, está diretamente relacionada à nossa hipótese de a

⁸³ Não é objetivo da tese refinar os tipos de foco no PB. Para um estudo mais aprofundado da questão, remetemos o leitor à análise em Pilati (2006), na qual a autora considera, particularmente, situações de oposição entre uma leitura não-marcada, e uma leitura de foco em um elemento à direita, no caso, o sujeito pós-verbal.

⁸⁴ Acrísio Pires (c.p.) concorda com essa observação, mas nota que nos casos com pronomes a distinção é muito menos clara, talvez em função de os pronomes caracterizarem informação já mencionada ou conhecida anteriormente.

⁸⁵ Durante a fase de finalização da tese, tomamos conhecimento da análise em Bernstein (2001), na qual a autora aborda o foco em elementos do tipo quantificadores (indefinidos, como *alcuno*, do italiano, e *aucun*, do francês, correspondendo a “algum”, no português), demonstrativos, possessivos, e elementos que ela chama de *reinforcers* (“reforçadores”), em línguas românicas: *el libro este, un libro mio* (do espanhol, “o livro este”, “um livro meu”), *sans bénéfice aucun, senza beneficio alcuno* (“sem benefício algum”, do francês e do italiano, respectivamente). A autora analisa esses dados em termos de uma leitura de foco no elemento à direita, em oposição à leitura não-marcada da outra ordem disponível.

interpretação associada a essa configuração ser mais genérica, não-resumitiva e não-referencial. Por outro lado, na configuração [DP Q], a situação se inverte, e, nesse caso, é o DP que tem o escopo sobre o quantificador. A qualidade quantificacional deste último é enfraquecida pela qualidade referencial daquele, e sua função passa a ser a de um mero “agrupador”. Ainda de acordo com a intuição de Ana Paula Gomes, “todos”, nesse tipo de configuração, ao invés de estar quantificando cada uma das partes individuais do DP, estaria quantificando o grupo de indivíduos denotados – o grupo de alunos, o grupo dos episódios etc. Mantemos, contudo, essa última discussão em um nível intuitivo, deixando para pesquisa posterior determinar que mecanismos formais levariam a essas distinções.

3.3 Conclusões parciais

Neste capítulo argumentamos que os elementos que seguem o verbo em uma estrutura transitiva como “A Maria odeia os alunos todos” formam um constituinte independente, em oposição ao que acontece no inglês.

Uma consequência direta da assimetria observada na estrutura dos DPs do inglês e do PB é o fato de, no PB, o quantificador não poder ser inserido aciclicamente, ou seja, adjungido tardiamente, em uma derivação. Em primeiro lugar, “todos” não pode ser *adjungido* tardiamente, simplesmente por não se tratar de um adjunto no PB. Os autores que analisaram esse tipo de quantificador como adjunto o fizeram com base em sua semelhança de comportamento com a classe dos adjetivos. Vimos, neste capítulo, que, se existe de fato uma intersecção no comportamento de quantificadores do tipo de “todos” e de adjetivos, a mesma não é suficiente para justificar um tratamento idêntico para ambas as categorias, em função das distinções que elas apresentam. Isto é, qualquer conclusão fundamentada em tal semelhança de comportamento corre sério risco de ser inapropriada.

Antes de concluirmos este capítulo, fazem-se necessárias algumas palavras sobre as propostas de certa forma favorecidas pela nossa análise. Se as análises adverbiais fazem previsões erradas para o PB, estamos, então, necessariamente nos referindo às propostas com movimento, a saber, Sportiche (1988) e Bošković (2004). A partir dos fatos apresentados, ainda não é possível optar por uma delas (ou por nenhuma delas!). Isso somente será possível mais adiante, a partir dos fatos apresentados no capítulo 4.

Sportiche (1988) parece prever os fatos do PB, com exceção da possibilidade de se encaixar o quantificador em uma sentença inergativa como “As crianças sorriram todas”,⁸⁶ já que, “sorrir”, em se tratando de um verbo inergativo, não parece apresentar uma posição de vestígio adjacente a ele.⁸⁷ Apesar de prever uma grande quantidade de fatos do PB, permanecem os problemas em relação aos fatos do inglês (i.e., construções passivas e inacusativas sem a possibilidade de encaixe do quantificador em posição pós-verbal). No que diz respeito a Bošković (2004), pode-se dizer que os fatos do PB apresentados até agora parecem corroborar a generalização de que quantificadores não podem flutuar em posições- Θ . Contudo, com o que foi apresentado neste capítulo ainda é cedo afirmar que essa generalização pode dar conta de todos os fatos dessa língua. Afinal, no PB são gramaticais sentenças em que o quantificador se encontra em posição bem baixa, como “Os mágicos chegaram todos” e “Os votos foram contados todos”. Mas mesmo que proposta desse autor venha a se mostrar ineficiente como um todo, ainda assim temos de reconhecer que esta serviu o propósito de constituir o ponto de partida para a nossa investigação da posição ocupada pelo quantificador no DP do PB.

⁸⁶ Do ponto de vista empírico, a análise parece fazer previsões corretas para o PB, tendo em vista ser gramatical uma construção como “Sorriram as crianças todas”. Teoricamente, também se pode “salvar” o modelo de Sportiche (1988), se se pressupõe, como Larson (1988) e Baker (1988), que muitos verbos inergativos são, em princípio, implicitamente transitivos (assim, teríamos, por exemplo, “chorar um choro”, “sorrir um sorriso”, etc.).

⁸⁷ Esse tipo de questão será abordado no capítulo 4.

Capítulo 4

O Quantificador *TODOS* e a Estrutura Oracional

4.0 Introdução

O capítulo 3 se concentrou em um exame da estrutura do DP do PB, a fim de explicar o porquê da gramaticalidade de sentenças como “A Maria odeia os alunos todos”, agramatical no inglês: **Mary hates the students all*. Vimos que, no inglês, curiosamente, o mesmo tipo de estrutura, porém, com o objeto pronominal, é perfeita: *Mary hates them all*. Nossa contribuição, no capítulo, foi no sentido de apontar que esses contrastes se devem a uma assimetria na estrutura do DP do PB e do inglês.

Neste capítulo, enfocaremos o comportamento do quantificador “todos” no nível da oração. A questão que estamos tentando resolver diz respeito aos problemas apontados por Sportiche em relação às inacusativas e passivas do inglês. Focalizaremos o fato de as seguintes construções serem gramaticais no PB, mas não no inglês:

- (1) a. Os alunos chegaram todos. (*Inacusativa*)
b. Os votos foram contados todos. (*Passiva*)
a'. **The students arrived all*.
b'. **The votes have been counted all*.

Conforme visto no capítulo da revisão da literatura sobre Q-float, o fato de, no inglês, serem proibidas construções como (1a'), inacusativa, e (1b'), passiva, enfraquece os pilares da proposta de Sportiche, na qual (i) se pressupõe a presença de vestígios adjacentes à direita de um quantificador “flutuado”, encalhado devido ao movimento, para a esquerda, do DP que modifica e, inversamente, (ii) pressupõe-se que, se há um vestígio em posição pós-verbal, então deveria haver a possibilidade de um quantificador estar encalhado naquela posição. Ora, sabemos que os sujeitos de orações inacusativas e orações passivas são gerados em posição pós-verbal, para depois se deslocarem, por algum motivo, para posições externas ao âmbito- θ . Sendo assim, o quantificador deveria

estar apto a flutuar em posição pós-verbal, contrariamente aos fatos, o que leva os estudiosos do fenômeno de Q-float a concluir que o modelo de Sportiche não consegue prever a agramaticalidade dessas construções no inglês. Nossa análise, contudo, não estará restrita a esses tipos de oração. O contraste entre o PB e o inglês observado acima é apenas o ponto de partida para uma análise que leva em consideração outros tipos de construções, como as transitivas e as inergativas.

Este capítulo se encontra dividido da seguinte maneira: em 4.1, apresentamos os pressupostos que vamos adotar em relação aos fenômenos do movimento do verbo e do movimento do objeto. Para o inglês, adotaremos os pressupostos em Johnson (1991), de que o verbo do inglês sofre movimento curto para uma posição externa à qual é gerado, e também o objeto sofre movimento visível para uma posição não- θ . Para o PB, adotaremos os pressupostos em Costa & Galves (2002), de que o movimento do verbo do português é peculiarmente mais curto do que o sofrido pelas outras línguas românicas. Em relação ao movimento do objeto, diremos que, feitos os devidos testes, no PB, este não é visível. Em 4.2, fazemos uma análise de sentenças inacusativas, passivas, transitivas e inergativas do PB, e notamos que a generalização de Bošković – que prometia ser uma “versão aperfeiçoada” de Sportiche (1988) – não pode ser mantida para o PB. Veremos que, de acordo com os pressupostos que adotamos, relativos à altura do movimento do verbo e à ausência do movimento manifesto do verbo no PB, a generalização do autor, segundo a qual quantificadores não podem flutuar em posições- θ não se sustenta nessa língua. O curioso é que, por um lado, justamente nas orações inacusativas e passivas do PB, nas quais a ocorrência do quantificador em posição pós-verbo-lexical é permitida, ao contrário do que ocorre no inglês, o quantificador apenas *aparentemente* se encontra em posição- θ . Porém, por outro lado, uma análise das orações transitivas e inergativas do PB nos revela que construções gramaticais nessa língua permitem a presença do quantificador em posição- θ , contrariando as previsões de Bošković. Tendo descartado, no capítulo 3, a possibilidade de uma abordagem adverbial ao fenômeno de Q-float, chegamos à conclusão de que tampouco são bem-sucedidas análises como as de Sportiche e Bošković, que, em comum, têm a hipótese de que é o DP modificado pelo quantificador que se move para a esquerda, deixando este último encaixado em uma posição mais baixa. Em 4.3, apresentamos uma proposta alternativa sob a forma de uma generalização segundo a qual línguas cujos quantificadores formam constituinte com os DPs que quantificam permitem que aqueles ocupem posição pós-

verbo-lexical na estrutura sintagmática, estejam essas posições dentro ou fora do âmbito- θ . O espírito da proposta de Sportiche é mantido, no que diz respeito ao movimento do DP modificado pelo quantificador, para a esquerda, com conseqüente encaixe do quantificador em uma posição mais alta.

4.1 Pressupostos teóricos: movimento do verbo e do objeto

Esta seção se concentra na apresentação dos pressupostos que serão adotados em relação à capacidade de deslocamento do verbo e do objeto no PB e no inglês. A seguir, apresentaremos a proposta tradicional de Pollock (1989), com raízes em Emonds (1978), segundo a qual os verbos do francês, mas não os do inglês, se moveriam, abertamente, para o âmbito do sintagma flexional. Não adotaremos essa proposta propriamente dita, mas faz-se necessário apresentá-la, já que é, a partir desta, que são introduzidas as noções de IP-cindido, bem como de movimento curto do verbo, cruciais para nossa análise. Para o inglês, conforme mencionado, adotaremos a proposta em Johnson (1991), segundo a qual o verbo principal sofre movimento curto para uma posição externa àquela em que é gerado, e seu complemento se move para a posição de especificador de uma projeção funcional que contém o VP. Para o PB, estamos pressupondo a análise em Costa & Galves (2002), segundo a qual o verbo dessa língua não atinge posições tão altas quanto as atingidas por outras línguas românicas, além da (nossa) hipótese de que o PB apresenta um tipo restrito de *Object Shift*.

4.1.1 Movimento do verbo no PB e no inglês, e apresentação do fenômeno de *Object Shift*

No que diz respeito à posição ocupada pelo verbo no inglês, a proposta tradicional, defendida em trabalhos exponenciais, como o pioneiro Emonds (1978), e Pollock (1989), é a de que o verbo permanece onde é gerado, na sintaxe aberta, movendo-se apenas de modo encoberto, em LF. Ambos os trabalhos tecem uma comparação entre o inglês e o francês, e notam haver uma diferença na posição ocupada pelo verbo nas duas línguas. De acordo com esses estudos, haveria elementos, tais como advérbios, negações e quantificadores flutuantes, ocupando posições distintas nas duas

línguas, em relação ao verbo principal. No francês, por exemplo, a posição ocupada por esses tipos de elementos seria pós-verbal, e, no inglês, pré-verbal.

Tomemos os exemplos de Pollock (1989:366-367). O autor argumenta que, se se pressupõe que o inglês e o francês compartilham a estrutura profunda⁸⁸ em (2), então é possível explicar os pares mínimos em (3)-(6) como sendo o reflexo da capacidade de deslocamento do verbo em cada uma das duas línguas – no inglês, até V, e no francês, até I:

(2) [IP NP I ([Neg not/pas]) [VP (Adv) V ...]]

(3) a. *John likes not Mary.
o João gosta não a Maria
b. Jean (n') aime pas Marie.
o João (não) gosta PAS a Maria
'O João não gosta da Maria.'

(4) a. *Likes he Mary?
gosta ele a Maria
b. Aime-t-il Marie?
gosta-T-ele a Maria
'Ele gosta da Maria?'

(5) a. *John kisses often Mary.
o João beija freqüentemente a Maria
b. Jean embrasse souvent Marie.
o João beija freqüentemente a Maria
c. John often kisses Mary.
o João freqüentemente beija a Maria
d. *Jean souvent embrasse Marie.
o João freqüentemente beija a Maria
'O João (freqüentemente) beija (freqüentemente) a Maria.'

(6) a. *My friends love all Mary.
meus amigos amam todos a Maria
b. Mes amis aiment tous Marie.
meus amigos amam todos a Maria
c. My friends all love Mary.
meus amigos todos amam a Maria
d. *Mes amis tous aiment Marie.

⁸⁸ Para fins de resumo, estamos mantendo a nomenclatura da época, utilizada pelo autor, incompatível com os atuais pressupostos minimalistas.

meus amigos todos amam a Maria
'Meus amigos (todos) amam (todos) a Maria.'

Assim, (3a) é agramatical porque, para que o verbo estivesse antes da negação, ele teria de ter se movido para I, e esse tipo de movimento é restrito a verbos auxiliares como *have* e *be*; em (3b), por outro lado, o verbo lexical se move por sobre a negação (*pas*), aterrissando em I. Em relação a (4a), observa-se que o verbo lexical não poderia ter chegado àquela posição (no âmbito do CP), pois, para isso, teria de ter passado pelo I; já (4b) é gramatical porque, se o verbo lexical do francês pode se mover para I, há a possibilidade de o movimento se estender ao âmbito do CP. As sentenças em (5) mostram a posição dos verbos em relação aos advérbios: (5a), agramatical, aponta para a impossibilidade de movimento do verbo lexical do inglês para I; (5c), gramatical, mostra que o verbo do inglês deve permanecer em V; a gramaticalidade de (5b) e a agramaticalidade de (5d) apontam para a obrigatoriedade do movimento do verbo lexical do francês para I. Em (6), seguindo o mesmo raciocínio do teste com advérbios, Pollock apresenta testes com o quantificador flutuante.⁸⁹

A questão colocada pelo autor é: o que determina o movimento do verbo no francês, e a ausência do mesmo no inglês? Segundo ele, esse contraste entre as duas línguas estaria relacionado ao que ele chama de “opacidade” *versus* “transparência” de *Agr(eement)*, “concordância”, no inglês (moderno) e no francês, respectivamente. Pollock observa que os verbos do inglês capazes de se alçar a uma posição mais alta são auxiliares como *be* e *have*, incapazes de atribuir papéis- θ . O autor argumenta, então, haver uma relação entre movimento para o âmbito do IP,⁹⁰ e atribuição de papel- θ , e sugere a seguinte generalização: o movimento do verbo cria estruturas que podem bloquear a atribuição de papel- θ . A partir dessa generalização, o autor pode supor que papéis- θ somente são transmissíveis a *Agr* se este for morfológicamente rico, como é o caso do francês. Em outras palavras, enquanto *Agr*, no francês, seria “transparente” à transmissão de papel- θ , no inglês este seria “opaco” à transmissão de papel- θ . A opacidade de *Agr* impediria a percolação da grade temática de V até *Agr*.⁹¹

⁸⁹ No artigo, o autor está pressupondo a análise adverbial para o fenômeno de Q-float em Kayne (1975), mas a adoção de um modelo como o de Sportiche não invalida o teste.

⁹⁰ O autor pressupõe que o IP é cindido em *Agr(eement)* e *T(ense)*.

⁹¹ Estamos mantendo a nomenclatura pré-Minimalismo utilizada por Pollock.

Outra questão crucial é aquela trazida pelas construções infinitivas do francês. As possíveis posições do verbo no infinitivo do francês (Pollock, 1989:374, 377, 378) poderiam, em princípio, trazer problemas para a proposta resumida acima:

- (7) a. Ne pas regarder la télévision consolide l'esprit critique.
NEG não ver a televisão consolida o espírito crítico
'Não ver televisão consolida o espírito crítico.'
b. *Ne regarder pas la télévision consolide l'esprit critique.
- (8) a. A peine parler l'italien après cinq ans d'étude dénote un manque de don pour les langues.
mal falar o italiano depois cinco anos de estudo denota uma falta de dom para as línguas
'Mal falar italiano depois de cinco anos de estudo denota uma falta de dom para as línguas.'
b. Parler à peine l'italien après cinq ans d'étude dénote un manque de don pour les langues.
falar mal o italiano depois cinco anos de estudo denota uma falta de dom para as línguas
'Mal falar italiano depois de cinco anos de estudo denota uma falta de dom para as línguas.'

Em (7), por um lado, notamos que o verbo no infinitivo não pode ocorrer à esquerda da partícula negativa *pas*, sugerindo a ausência do movimento do verbo para o âmbito do IP; o exemplo (8), por outro lado, mostra que o verbo no infinitivo tanto pode ocorrer à direita como à esquerda de alguns advérbios. Pollock utiliza essa aparente inconveniência como evidência para a sua "Hipótese do IP-Cindido" (*Split-Infl Hypothesis*, Pollock (1989)). O autor sugere a cisão do IP em duas projeções funcionais distintas, a saber, TP e AgrP, e propõe o movimento curto do verbo no infinitivo, de V para o núcleo da projeção mais próxima do VP, isto é, AgrP. Em seu modelo, somente verbos flexionados sofreriam o movimento longo até a posição de núcleo do TP.⁹²

Um outro tipo de análise para o inglês é, porém, possível (cf. Authier, 1991; Johnson, 1991; Ura, 1993; Koizumi, 1995; Bošković, 1997; Runner, 1998; Lasnik, 1999) na qual se pressupõe o movimento manifesto do objeto (*overt Object Shift*), para uma posição externa ao domínio- θ , entre o VP e o IP (aí incluídas suas projeções cindidas). A hipótese de o verbo se mover para fora do VP já havia sido aventada em Larson (1988:345), a partir da observação de certos fenômenos de coordenação:

⁹² No modelo de Pollock, ao contrário do que estamos acostumados a ver em modelos mais recentes, AgrP é projetada abaixo de TP (Pollock, 1989:383).

- (9) a. Chris ate [the meat slowly] and [the vegetables] quickly.
 o Chris comeu a carne devagar e as verduras rápido
- b. Chris ate_i [_{VP} _{t_i} the meat slowly] and [_{VP} _{t_i} the vegetables quickly]]

Johnson (1991) abraça essa hipótese, pois argumenta que esta seria capaz de explicar o fenômeno das chamadas *particle constructions* (“construções com partícula”), do inglês. Alguns autores (Kayne, 1984; Guéron, 1987) analisam esse tipo de construção como sendo um dos únicos casos da sintaxe do inglês em que uma palavra individual não parece ser mapeada em uma única posição sintática.⁹³ Ou seja, verbos como *look up*, *throw out* e *dust off* seriam “quebrados” pelos seus objetos, como se vê nos exemplos abaixo, em Johnson (1991:590):

- (10) a. Mikey looked the reference up.
 Mikey olhou a referência em cima
 ‘O Mikey procurou a referência.’
- b. Betsy threw the bicycle out.
 Betsy jogou a bicicleta fora
 ‘A Betsy jogou (fora) a bicicleta (fora).’
- c. Chris dusted the counter off.
 Chris espanou o balcão fora
 ‘A/O Chris espanou o balcão.’

A intenção do autor é mostrar que uma construção com partícula é um único item lexical, e, para tanto, lança mão de alguns argumentos (Johnson, 1991:591), entre eles (i) o fato de as exigências seletivas dos verbos com partícula não derivarem das exigências seletivas de suas partes e (ii) o fato de lacunas (*gapping*) tratarem verbo + partícula como um único bloco, o que impossibilita o encaixe de partículas em construções coordenadas – ilustrados, respectivamente, nos exemplos (11) e (12), respectivamente:

- (11) a. We can't make out whether he is lying or not.
 nós não podemos fazer fora se ele está mentindo ou não
 ‘Nós não conseguimos saber se ele está mentindo ou não.’
- b. Fill in whether you are married or not.
 encha em se você é casado ou não
 ‘Preencha se você é casado ou não.’

⁹³ De acordo com as análises em Kayne (1984) e Guéron (1987), verbo e partícula seriam gerados em posições distintas.

- (12) a. Gary looked up Sam's number, and Mittie, my number.
 Gary olhou em cima Sam.gen número, e Mittie, meu número
 'O Gary procurou o número do Sam, e a Mittie, o meu.
- b. *Gary looked up Sam's number, and Mittie, up my number.
- c. *Gary looked Sam's number up, and Mittie, my number up.

Assim, a fim de explicar o fenômeno das construções com partícula, Johnson defende uma abordagem que busque preservar o mapeamento um-para-um de posições sintáticas e itens lexicais, e que “quebre” os itens lexicais ao longo da derivação. O autor (Johnson, 1991:593-594) observa que as construções com partícula seguem o seguinte paradigma:

- (13) a. Mikey looked the reference up.
 b. Mikey looked up the reference.
 'Mikey procurou a referência.'
 c. Betsy threw the bicycle out.
 d. Betsy threw out the bicycle.
 'Betsy jogou (fora) a bicicleta (fora).'
- e. Brent dusted the counter off.
 f. Brent dusted off the counter.
 'Brent espanou o balcão.'
- (14) a. Mikey looked it up.
 b. *Mikey looked up it.
 c. Betsy threw it out.
 d. *Betsy threw out it.
 e. Brent dusted it off.
 f. *Brent dusted off it.

No entanto, o autor lembra haver maneiras de se enfraquecer a restrição sobre o objeto pronominal em (14) se o pronome (i) é focalizado, (ii) está em uma relação de coordenação com outro pronome, ou (iii) tem força dêitica, sendo pronunciado enquanto se aponta para algo ou alguém – situações ilustradas em (15a), (15b) e (15c), respectivamente:

- (15) a. Betsy threw out THEM!
 b. Mikey looked up him and her.
 c. Brent dusted off that.

Vimos, acima, que o autor defende uma análise para as construções com partícula na qual verbo e partícula sejam gerados, como um único item lexical, em V. Como vimos, os fatos em (11) e (12) acima constituem evidência para o movimento do verbo para uma posição mais alta na estrutura sintática. Esse movimento tanto pode ser do verbo + partícula, como do verbo sozinho.⁹⁴ A questão agora é: qual é o processo responsável pelo movimento do objeto e a inserção deste entre o verbo e a partícula? Johnson nota que o paradigma acima apresenta as mesmas propriedades de um fenômeno das línguas escandinavas conhecido como *Object Shift* (Holmberg, 1986; Vikner, 1990), caracterizado da seguinte maneira: “*Object shift is the name given to a case of A-Movement that relocates a structurally Case-marked NP just when the verb assigning Case to that NP has been moved*” (Johnson, 1991:604).⁹⁵ Assim, no islandês, como mostra o exemplo em (16a), o objeto pode se mover por sobre a negação se, e somente se, o verbo que lhe atribui Caso tiver feito o mesmo. Caso contrário, como se vê em (16b), o objeto não pode se mover:

- (16) a. ... að Jón keypti bókina ekki.
 ... que João comprou livro.o não
 ‘... que João não comprou o livro.’
 b. * ... að Jón hefur bókina ekki lesið.
 ... que João tem livro.o não lido
 ‘... que João não tenha lido o livro.’

As propriedades em comum entre os dois fenômenos podem ser resumidas da seguinte maneira: (i) ambos afetam somente NPs, e (ii) ambos fazem distinção entre pronomes “fracos” e NPs plenos. Assim, *Object Shift*, à moda das construções com partícula, é opcional quando o NP marcado com Caso estrutural é pleno, mas obrigatório quando o NP é um pronome, como mostra o contraste entre (17) e (18):

⁹⁴ Não vamos entrar nos detalhes da análise específica desse tipo de construção. Aqui não nos está interessando diretamente saber qual é a força que separa o verbo da partícula, mas sim apresentar evidência a favor do movimento do verbo e do objeto no inglês.

⁹⁵ Tradução livre: “*Object shift* é o nome dado a um caso de Movimento-A que realoca um NP marcado com Caso estrutural quando o verbo que atribui Caso àquele NP foi movido”.

- (17) a. ... að Jón keypti bókina ekki.
 ... que João comprou livro.o não
 ‘... que João não comprou o livro.’
 b. ... að Jón keypti ekki bókina.
 ... que João comprou não livro.o
 ‘... que João não comprou o livro.’
- (18) a. *... að Jón keypti ekki hann.
 ... que João comprou não ele
 ‘... que João não comprou ele.’
 b. ... að Jón keypti hann ekki.
 ... que João comprou ele não
 ‘... que João não comprou ele.’

Além disso, analogamente ao caso das construções com partícula, a restrição sobre os pronomes se enfraquece se há coordenação ou algum tipo de ênfase:

- (19) a. ... að Jón keypti ekki HANN.
 ... que João comprou não ELE
 ‘... que João não comprou ELE.’
 b. ... að Jón heimsótti ekki hana og hann.
 ... que João visitou não ela e ele
 ‘... que João não visitou ela e ele.’

Johnson (1991:606-607) arremata:

The parallelism between the characteristic paradigm and the facts in Scandinavian just reviewed will be explained if it's [sic] Object Shift that is responsible for putting the "object" between the verbal portion of the particle verb and the particle. Indeed, this is precisely what is expected if the (null) hypothesis that Object Shift occurs in English is combined with the previous section's conclusion that the verb in English always moves out of the VP it heads.⁹⁶

Nesta tese, adotamos o pressuposto de que também o PB apresenta um tipo de *Object Shift*, porém restrito, mas adiamos nossa argumentação até a próxima subseção.

Voltemos à questão do movimento do verbo. Em relação ao português, tradicionalmente, tem-se mostrado que o verbo, de modo semelhante ao francês, move-

⁹⁶ Tradução livre: "O paralelismo entre o paradigma característico e os fatos do escandinavo apresentados acima será explicado se o *Object Shift* for o responsável pelo posicionamento do "objeto" entre a porção verbal do verbo com partícula e a partícula. De fato, é isso precisamente que se espera se a hipótese (nula) de que o *Object Shift* ocorre no inglês se combina à conclusão da seção anterior de que o verbo do inglês sempre se move para fora do VP do qual é o núcleo".

se para o âmbito da projeção flexional. De acordo com o modelo que estaremos adotando para essa língua (Costa & Galves, 2002), veremos ser imprescindível a assunção de uma cisão do IP em duas projeções funcionais distintas, isto é, TP e AgrP. Deixaremos de lado a questão central do trabalho de Costa & Galves, que é a de se estabelecer as posições dos sujeitos do PE e do PB, para focalizarmos a questão do alcance do movimento do verbo no português,⁹⁷ também contemplada pela análise dos autores.

De acordo com a proposta dos autores, o verbo do português somente seria capaz de sofrer o movimento curto até o núcleo do TP. Uma característica dessa língua, ausente em línguas como o francês, é a possibilidade de quebra da adjacência, por advérbios,⁹⁸ entre o sujeito e o verbo:⁹⁹

- (20) a. O Pedro provavelmente viu a Maria.
- b. O Pedro viu provavelmente a Maria.

Costa & Galves argumentam ser esse movimento curto do verbo o responsável pela derivação da não-adjacência em questão. Os fatos apresentados poderiam sugerir

⁹⁷ Os autores fazem uma análise do PE e do PB. No decorrer desta tese, entretanto, somente nos interessam os fatos do PB. Nesse trabalho, Costa & Galves defendem a hipótese de que, no PB, o sujeito ocupa uma posição adjunta a AgrSP. Nessas condições, AgrSP tem suas posições de núcleo e de especificador vazias. Sendo assim, de que maneira AgrS se torna visível, se o verbo apenas se move até T? Os autores pressupõem os resultados em Galves (2000), estudo no qual a autora argumenta que AgrS é identificado por meio de traços pronominais que se movem de uma posição argumental co-indexada ao sintagma deslocado à esquerda, como “clíticos escondidos”. Por outro lado, no PE, AgrS pode ser identificado pelo sujeito por meio da concordância especificador-núcleo, já que a hipótese dos autores é a de que, nessa língua, a posição final do sujeito é [Spec, AgrSP].

⁹⁸ Os quantificadores flutuantes estariam, também, de acordo com esses autores, entre os elementos capazes de quebrar a adjacência entre o sujeito e o verbo no português. Essa afirmação, contudo, não é condizente com a proposta desta tese, já que, em nosso modelo, esses elementos não estariam adjungidos à moda dos advérbios. Muito possivelmente, Costa & Galves estejam pressupondo uma análise adverbial para os quantificadores flutuantes, como a de Bobaljik (1995). Para evitar confusões, não incluiremos os exemplos com quantificadores flutuantes desses autores.

⁹⁹ Belletti (1990) notou a possibilidade de não-adjacência entre o sujeito e o verbo também no italiano. No caso do italiano, entretanto, a falta de adjacência pode ser explicada caso se aceite a hipótese de o sujeito necessariamente se deslocar para uma posição na periferia esquerda da sentença, o que pode ser comprovado por meio de um teste com a palavra negativa *nessuno* (“ninguém”). Esse tipo de palavra não pode sofrer deslocamento para a periferia esquerda da sentença (a não ser que carregue um acento de foco); daí a agramaticalidade de (i):

- (i) *Nessuno probabilmente ha sbagliato.
ninguém provavelmente tem falhado
'Ninguém provavelmente falhou.'

Costa & Galves notam, porém, que o mesmo tipo de restrição não ocorre no português, fato que sugere haver uma diferença entre os tipos de não-adjacência entre o sujeito e o verbo do italiano e do português. Costa (1996) argumenta que essa diferença entre as duas línguas pode ser explicada se se pressupõe o movimento curto do verbo no português.

uma possível opcionalidade de movimento de V para I, mas os autores descartam essa hipótese, apresentando evidências fundamentadas na distribuição de certos advérbios. Tomando-se advérbios como “bem” e “atentamente”, observa-se que estes somente ocorrem em posição pós-verbal. Os autores argumentam que, se estivesse em jogo um movimento opcional, então seria de se esperar que esses advérbios ocorressem opcionalmente em posição pré e pós-verbal, o que não ocorre (Costa & Galves, p. 3):¹⁰⁰

- (21) a. O Pedro leu bem / atentamente o livro.
b. *O Pedro bem / atentamente leu o livro.

Outra evidência a favor da hipótese com movimento curto do verbo no português advém da ambigüidade entre duas interpretações, a saber, uma de modo, e a outra orientada para o sujeito, de um advérbio como “inteligentemente”. Segundo Costa & Galves (p. 4), quando esse advérbio se encontra à esquerda do verbo, é favorecida a interpretação orientada para o sujeito; o posicionamento à direita do verbo, por sua vez, favorece a interpretação como advérbio de modo:

- (22) a. O Pedro inteligentemente leu o livro. (orientada para o sujeito / *modo)
b. O Pedro leu inteligentemente o livro. (*orientada para o sujeito / modo)

O contraste acima, de acordo com a argumentação dos autores, depõe contra uma análise com movimento opcional do verbo, pois a opcionalidade acarretaria leituras idênticas para as sentenças em (22). A sentença do francês em (23) (Costa & Galves, p. 4) mostra que, nessa língua, a posição pós-verbal é ambígua entre as duas interpretações:

- (23) Pierre lit intelligemment le livre. (orientada para o sujeito / modo)
O Pedro leu inteligentemente o livro.

Os autores argumentam que a ambigüidade da sentença acima é previsível se se pressupõe que o verbo do francês se move para uma posição mais alta que a do

¹⁰⁰ Heloisa Salles (c.p.), no entanto, questiona a agramaticalidade do exemplo em (21b), com o advérbio “atentamente”, e ainda chama a atenção para a gramaticalidade de sentenças como as seguintes, com o advérbio “atentamente” em posição pré-verbal:

- (i) a. O Pedro atentamente anotou o recado.
b. O Pedro atentamente assistiu à aula.

português. Esse contraste entre o português e o francês é ilustrado (Costa & Galves, p. 4) da seguinte forma:

(24) a. Português:

[AgrSP S [TP AdvOrSuj [TP V [VP AdvModo

b. Francês:

[AgrSP S V [TP AdvOrSuj [TP *t*V [VP AdvModo

Uma observação em Williams (1994, apud Costa & Galves, p. 4-5) fornece evidência independente para a hipótese de que as duas posições disponíveis para advérbios são as mesmas nas duas línguas. Esse autor nota que a inserção da negação desfaz a ambigüidade da sentença:

(25) a. Pierre ne lit intelligemment pas le livre. (orientada para o sujeito / *modo)

b. Pierre ne lit pas intelligemment le livre. (*orientada para o sujeito / modo)

Nesses exemplos, a posição do advérbio – mais alta ou mais baixa – em relação à palavra negativa *pas* determina a interpretação que aquele vai receber – orientada para o sujeito ou de modo, respectivamente. Assim, Costa & Galves argumentam que a ambigüidade observada no francês com o advérbio em posição pós-verbal, em sentenças como (23) – inexistente no português – constitui evidência adicional para a hipótese de que o local de pouso do verbo do português é mais baixo que o de outras línguas românicas.

A essas evidências, os autores acrescentam uma argumentação fundamentada no caráter defectivo de AgrS no PB. Segundo eles, AgrS, no PB, não teria traços V ou D capazes de atrair o verbo ou o sujeito, e isso os leva a concluir que o EPP somente poderia ser satisfeito em [Spec, TP], que também é uma posição de caráter verbal. O fato de AgrS ser defectivo no PB estaria relacionado à pobreza do paradigma verbal nessa língua, o que, segundo alguns autores (Galves, 1987; Duarte, 1995), explicaria o caráter idiossincrático dessa língua no que diz respeito a sujeitos nulos (Galves, 1987; Duarte, 1995; Figueiredo Silva, 1996). Os autores descrevem: “*BP has null subjects, but their behavior indicates that they are no longer identified by the verbal*

agreement”¹⁰¹. Uma das conseqüências dessa observação seria a hipótese do preenchimento de [Spec, TP] pelo pronome, nas construções com redobro do sujeito.

Em resumo, seguindo a análise de Costa e Galves, estamos pressupondo, contrariamente às análises tradicionais para o inglês e para o PB, que o movimento sofrido pelo verbo dessas línguas é curto. Tradicionalmente, o que se diz do inglês é que, nessa língua, o verbo permaneceria na posição em que foi gerado; em relação ao português, a hipótese tradicional é a de que, em se adotando a hipótese do IP-cindido, o verbo se alçaria até AgrS. Estamos pressupondo, também, que o objeto do inglês sofre movimento manifesto para [Spec, AgrOP], e vamos pressupor um tipo restrito de *Object Shift* em relação ao PB, como veremos a seguir.

4.1.2 *Object Shift* restrito no PB

Como vimos, o fenômeno de *Object Shift* foi primeiramente observado nas línguas escandinavas. A evidência mais amplamente divulgada na literatura provém de um fato do islandês, ilustrado em (26). Nessa língua, o fato de o objeto direto (*bækurnar*), preceder a negação, (*ekki*, presumivelmente em AgrNegP), é tradicionalmente utilizado para indicar que o objeto se moveu, de maneira manifesta, para [Spec, AgrOP] (Holmberg & Platzack, 1995; Vikner, 1995; Bošković, 1997; Holmberg, 1999):^{102, 103}

- (26) Halldór las bækurnar_i ekki allar *t_i*
Halldór leu os.livros não todos
‘Halldór não leu todos os livros.’

Um fato do inglês, comumente utilizado como evidência a favor do movimento do objeto é o das construções com elipse *Pseudogapping* (Lasnik, 1999):

- (27) Mary hired John, and Susan will [hire] Bill.
Maria contratou John, e Susana vai [contratar] Gui
‘A Maria contratou o João, e a Susana vai contratar o Gui.’

¹⁰¹ Tradução livre: “O PB tem sujeitos nulos, mas seu comportamento indica que eles não são mais identificados pela concordância verbal”.

¹⁰² Dado extraído de Bošković (2004:714).

¹⁰³ Bošković (2004) observa que, de acordo com a sua generalização de que quantificadores não podem flutuar em posição- θ , a posição final de *bækurnar* não pode ser SpecAgrOP/SpecVP, e sim uma posição ainda mais alta, caso contrário, *allar* ficaria encalhado em uma posição- θ .

A hipótese de Lasnik é a de que a construção acima envolve elipse do VP, mas que o elemento remanescente (*Bill*) se desloca antes, escapando, assim, do local da elipse.

Nenhum dos testes acima funcionaria para o PB, já que, nessa língua, objetos nunca precedem a negação, e tampouco ocorrem construções com elipse *Pseudogapping*. No entanto, notamos que um teste com ligação anafórica parece fornecer evidência para a hipótese de que o movimento do objeto ocorre também no PB. Vejamos, primeiramente, como esses tipos de teste funcionam para o inglês.

Fenômenos de ligação costumam funcionar como diagnóstico de movimento de objeto. Lasnik (1999) observa que sujeitos ECM¹⁰⁴ comportam-se como se estivessem ocupando posições mais altas que as ocupadas por outros elementos da oração mais alta:

- (28) The DA proved [two men to have been at the scene of the crime] during
o promotor provou [dois homens inf.ter estado na cena do crime] durante
each other's trials.
de um e de outro julgamentos

‘O promotor provou que os dois homens estiveram na cena do crime durante os julgamentos de um e de outro/um do outro.’

No exemplo acima, a Condição A, segundo a qual anafóricos devem estar ligados por seu antecedente em seu domínio de ligação, foi satisfeita, e, por isso, a oração é gramatical. Se o sintagma adverbial (i.e., o adjunto *during each other's trials*) contendo o item que tem de ser licenciado (*each other's*) está na oração mais alta, conclui-se que o sujeito ECM (*two men*) também deve encontrar-se na oração mais alta, ocupando uma posição que c-comanda a do sintagma adverbial. Isso porque, se não tiver acontecido esse movimento, não será satisfeito o Princípio A, pelo qual o anafórico *each other* deve ser ligado ao antecedente dentro do domínio de ligação da anáfora (no caso a oração mais alta). Lasnik observa, ainda, que o comportamento dos objetos transitivos é análogo ao dos sujeitos ECM no que se refere ao posicionamento em relação ao sintagma adverbial:

- (29) The DA accused two men during each other's trials

¹⁰⁴ *Exceptional Case Marking* (“Marcação Excepcional de Caso”): casos em que o Caso do sujeito é checado em uma posição externa ao IP que o contém.

Nesse exemplo, a ligação entre o anafórico *each other* e seu antecedente, o objeto *two men*, é possível porque o objeto ocupa uma posição que c-comanda a do anafórico, o que pressupõe o movimento do objeto para uma posição mais alta do que aquela na qual foi gerado. Essa posição mais alta, de onde o c-comando da anáfora é possível, seria [Spec, AgrOP].

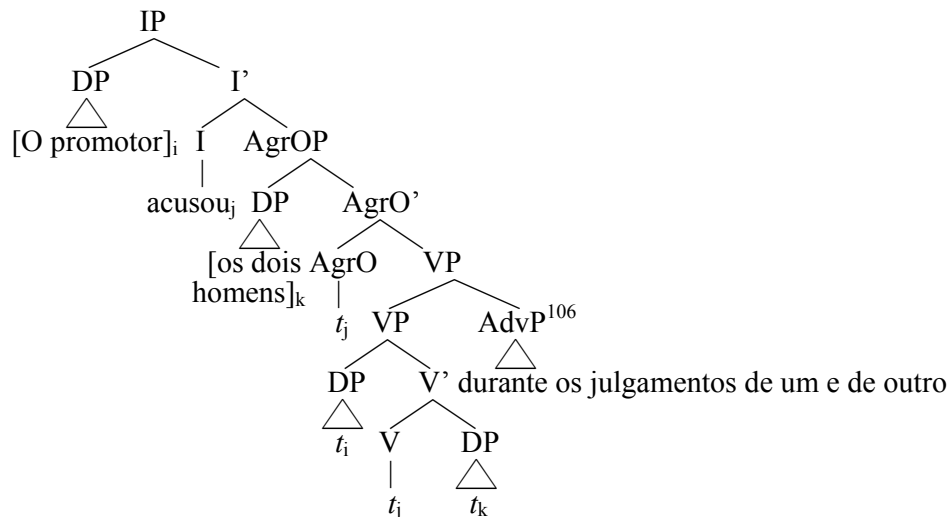
Em relação ao PB, veremos que, também nessa língua, os sujeitos ECM e os objetos devem mover-se para posições mais altas na estrutura, por motivos de ligação anafórica:

(30) O promotor mandou Maria e Joana denunciar o médico durante o julgamento de uma e de outra/uma da outra.¹⁰⁵

(31) O promotor acusou os dois homens durante os julgamentos de um e de outro.

Para que melhor se visualize essa questão da altura dos constituintes, lançamos mão, em (32), da representação arbórea da sentença em (31):

(32) Movimento do objeto, pelo menos em LF



¹⁰⁵ Observe-se, no entanto, que a flexão do infinitivo é uma possibilidade no PB. Caso ocorra a flexão, então não se trata de uma construção ECM, pois o sujeito subordinado seria licenciado em [Spec, IP], pela flexão de infinitivo:

(i) O promotor mandou Maria e Joana denunciarem o médico durante o julgamento de uma e de outra/uma da outra.

¹⁰⁶ Vale ressaltar que não estamos necessariamente adotando uma hipótese de adjunção à direita. Na verdade, preferimos não tomar partido nessa discussão, que, por si só, constituiria o objeto de uma tese.

Como se observa, se o objeto (“os dois homens”) continuasse na posição em que foi gerado, não poderia estabelecer a ligação com o anafórico (de um e de outro / um do outro). Somente o movimento do objeto para uma posição externa ao VP explica a gramaticalidade de sentenças como essas. Entretanto, como esse tipo de evidência é controvertido,^{107, 108} optamos por não utilizá-lo como prova definitiva para o fato de haver o movimento manifesto do objeto no PB.

Para o inglês, a hipótese que estamos adotando é a de que, nessa língua, há, de fato, evidência para tal movimento ocorrer de forma manifesta. Radford (1997:431-432), por exemplo, argumenta que as diferenças sistemáticas entre a posição de CPs-complemento e DPs-complemento do inglês fornecem evidência a favor da hipótese de que DPs objeto, nessa língua, movem-se abertamente para checar Caso:

- (33) a. He admitted to her *that he was guilty*.
 ele admitiu a ela que ele era culpado
 ‘Ele admitiu a/para ela que era culpado.’
- b. He admitted **his guilt** to her.
 ele admitiu sua culpa a ela
 ‘Ele admitiu a ela sua culpa.’ *OU*
 ‘Ele admitiu sua culpa a/para ela.’
- a'. *He admitted that he was guilt to her.
 b'. *He admitted to her his guilt.
- (34) a. He recommended to her *that she should consult Cy Coe*.
 ele recomendou a ela que ela deveria consultar Cy Coe
 ‘Ele recomendou a ela que consultasse Cy Coe.’
- b. He recommended **an analyst** to her.
 ele recomendou um analista a ela
 ‘Ele recomendou a ela um analista.’ *OU*
 ‘Ele recomendou um analista a/para ela.’
- a'. *He recommended that she should consult Cy Coe to her.
 b'. *He recommended to her analyst.

¹⁰⁷ De acordo com Chomsky (e.g. 2001:35, entre outras), o movimento do objeto, pelo menos em construções envolvendo ligação anafórica, não é manifesto: *[T]he intention of binding an anaphor is not part of the mechanism of raising* (“A intenção de ligar uma anáfora não faz parte do mecanismo de alçamento”). Outros autores (e.g. Bošković, 1997; Lasnik, 2000), no entanto, argumentam a favor da hipótese com movimento manifesto.

¹⁰⁸ Lasnik (2000), por exemplo, argumenta que, tipicamente, movimentos encobertos somente envolvem traços formais, o que não criaria nenhuma configuração relevante de ligação.

Como vemos, DPs-complemento, no inglês, ocorrem, necessariamente, adjacentes ao verbo. Por outro lado, parece possível supor que complementos do tipo *that-clause* não carregam Caso acusativo, e, por isso, permanecem *in-situ*. Radford observa que esse tipo de construção nunca ocorre como complemento de preposições transitivas como as seguintes, em negrito:

- (35) a. *I was sure **of** *that she'd come*.
 eu estava certo de que ela iria vir
 'Eu estava certo de que ela viria.'
- b. *There isn't time **for** *that we have a meal*.
 haver não tempo para que nós tenhamos uma refeição
 'Não há tempo para que façamos uma refeição.'

Esse tipo de evidência apresentado por Radford (além de *Pseudogapping*, em Lasnik (1999)) tampouco serve para o PB, já que, nessa língua, as posições ocupadas por DPs-complemento e CPs-complemento não são tão fixas assim, como se pode constatar nas glosas em (34). Além disso, como se pode ver nas glosas em (35), construções do tipo *that-clause* podem ocorrer como complemento de preposição transitiva no PB.

Outra língua que, como o inglês, apresenta *Object Shift* manifesto é o romeno. Em muitos casos, para que se tenha certeza de o movimento ter ocorrido na sintaxe aberta, é preciso que o elemento movido tenha deixado alguma pista palpável pelo caminho, como material encajado, por exemplo, e é exatamente isso que ocorre nessa língua. O exemplo em Alboiu (1999:19) mostra que, no romeno, o quantificador flutuante aparece em uma posição mais baixa que a do objeto:

- (36) [IP [Elevii] au luat notã mare [VP [SPEC toți t_S] t_V t_O]]
 alunos.os têm tirado nota alta todos
 '(Todos) os alunos tiraram (todos) notas altas.'

Pressupondo-se que um quantificador flutuante associado ao sujeito encontra-se adjacente ao vestígio desse sujeito (Sportiche, 1988), a autora conclui que, no exemplo acima, o objeto deve ter se deslocado por sobre a posição na qual o sujeito foi gerado.

Apesar de, como visto no capítulo 3, o PB e o romeno apresentarem características em comum, observa-se que esse tipo de evidência com quantificador

flutuante não pode ser estendido para o PB, pelo fato de a contraparte de (36) ser agramatical nessa língua:¹⁰⁹

(37) *Os alunos tiraram notas altas todos.

Em resumo: os testes normalmente aplicados para se diagnosticar a presença do movimento manifesto do objeto, a saber, (i) objeto mais alto que a negação, (ii) possibilidade de *Pseudogapping*, (iii) adjacência obrigatória do DP-complemento em relação ao verbo, e (iv) objeto mais alto que o quantificador flutuante, dão todos resultado negativo para o PB. Estaremos pressupondo, então, que o objeto do PB não se move na sintaxe aberta, ao contrário do que acontece em outras línguas, como o islandês, o inglês, e o romeno. Parece-nos sensato dizer que o teste com ligação anafórica apenas nos mostra que o objeto se move em LF.

Notaremos, contudo, um fato curioso em relação ao PB. Enquanto os diagnósticos para os testes de (i) a (iv) são negativos, observaremos que certos fatos do PB nos levam a lançar a hipótese de que complementos de verbos passivos e inacusativos – ao contrário dos que estaremos chamando de “objetos de fato”, ou seja, complementos de verbos transitivos na voz ativa – sofrem movimentos intermediários, manifestos, para [Spec, AgrOP] antes de aterrissarem em sua posição final, no âmbito do sintagma flexional. Tomemos uma construção passiva, com ocorrência de Q-float:

(38) [_{IP} [Os votos]_j] foram [todos _{t_j}]_i contados_{S_k} [_{VP} [_{V'} _{t_k} _{t_i}]]].

No exemplo acima, a pista palpável é o fato de o quantificador ficar encalhado, adjacente ao vestígio do complemento do verbo na passiva, que, antes de aterrissar em [Spec, IP], deve sofrer deslocamento intermediário para [Spec, AgrOP]. Esse dado do PB parece confirmar a hipótese de Radford (1997), segundo a qual o sujeito da passiva das línguas em geral sofreria um deslocamento intermediário para [Spec, AgrOP], pelo fato de apresentar características em comum com objetos. Argumentação adicional a favor desse tipo de deslocamento é fornecida por Kayne (1989), em estudo no qual

¹⁰⁹ Heloisa Sales (c.p.), no entanto, observa que a sentença pode vir a ser aceitável em um contexto bem marcado, como: A duvida, e B afirma com toda ênfase: “ – É verdade, os alunos tiraram notas altas todos, neste prova... foi um verdadeiro fenômeno! Ou eles colaram todos, ou então a prova foi muito fácil.” Para Acrísio Pires (c.p), por outro lado, esse tipo de sentença somente pode ser melhorado caso haja algum tipo de modificador adjacente a “todos”:

(i) ?Os alunos tiraram notas altas todos nesta prova.

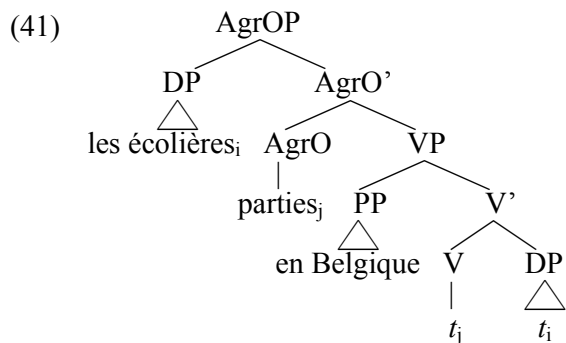
observa que o verbo da passiva no francês concorda com o sujeito da superfície (o que justificaria o movimento do verbo para o núcleo da projeção AgrOP) (Kayne, 1989 apud Radford, 1997:454):

- (39) La décision a été prise par le sénat.
 a decisão tem sido tomada por o senado
 ‘A decisão foi tomada pelo senado.’

Observando-se a glosa, notaremos que o mesmo argumento pode ser estendido ao PB.

Ainda dentro desse raciocínio, Radford lembra a observação em Burzio (1986) de que os sujeitos das inacusativas e os objetos em geral compartilham algumas características. Radford (1997:455) argumenta que uma maneira de se captar essas características é supor que, em um momento da derivação, o sujeito das inacusativas se move para [Spec, AgrOP], como ilustra (41) (representando (40)) a seguir:

- (40) Les écolières sont parties en Belgique.
 as estudantes.fem são partidas em Bélgica
 ‘As estudantes partiram para a Bélgica.’



Assim, o autor argumenta que a concordância observada entre o DP *les écolières* e o participípio inacusativo *parties* é um reflexo da relação de concordância especificador-núcleo interna a AgrOP. Podemos estender esse raciocínio para os dados do PB, dizendo que ele capta os fatos de concordância observados nas passivas (rever a glosa do exemplo em (39)) e nas inacusativas (e.g. “Chegadas as cartas, a Maria chorou”, “Cozidas as batatas, sentamos para almoçar”) dessa língua.

Sendo assim, a partir de agora, estamos trabalhando com mais dois pressupostos em relação ao PB: (i) “objetos de fato”, ou seja, complementos de verbos transitivos, apenas se movem em LF, e (ii) complementos de verbos passivos e inacusativos sofrem

movimento intermediário na sintaxe aberta. Assim, quando utilizarmos a expressão “*Object Shift* restrito”, estaremos nos referindo ao movimento sofrido pelos complementos de verbos passivos e inacusativos, a caminho de suas posições finais, no âmbito do sintagma flexional.

4.2 Análise das sentenças do PB

O fato de o inglês barrar, categoricamente, a derivação de sentenças com *all* em posição pós-verbal, em final de sentença, é a diferença mais marcante observada entre aquela língua e o PB:

- (42) a. *The girls have telephoned all.
b.* They've read the magazine all.
c. *The magicians disappeared all.
d. *The votes have been counted all.
- a'. As meninas telefonaram todas.
b'. *Eles leram a revista todos.
c'. Os mágicos desapareceram todos.
d'. OK/?/*Os votos foram contados todos.

Nos quatro tipos de construções do inglês, acima – inergativa, transitiva, inacusativa e passiva, respectivamente –, não é permitida a presença do quantificador “todos” em posição pós-verbal, no final da oração. No PB, como se vê, a proibição não é categórica, vigorando apenas para as construções transitivas. Em relação às construções passivas, é importante mencionar que esse tipo de dado foi testado junto a pelo menos trinta informantes, e recebe julgamentos variados: alguns falantes julgam-no gramatical, outros, marginal, e outros, ainda, totalmente agramatical. Curiosamente, o julgamento de uma sentença por parte de um mesmo falante, não raro, pode variar de ocasião para ocasião.¹¹⁰ Estaremos pressupondo a gramaticalidade desse tipo de construção, mas estamos cientes do fato de haver, no caso específico da passiva, uma preferência pelo uso do quantificador entre o verbo auxiliar e o verbo principal:

¹¹⁰ McCloskey parece enfrentar o mesmo tipo de problema em relação a certos dados do inglês de West Ulster (rever a subseção 2.3.4).

(43) Os votos foram todos contados.

A seguir, passamos à análise das sentenças que nos propusemos examinar. Notaremos que, em princípio, no que tange às construções-problema de Sportiche, a proposta de Bošković parece ser bem-sucedida. Isto é, de acordo com a nossa análise, nesses tipos de construção (inacusativa e passiva)¹¹¹, o quantificador apenas aparentemente se encontra em posição- θ , hipótese que confirmaria a validade da generalização de Bošković, segundo a qual quantificadores não teriam permissão para flutuar nesse tipo de posição. Ao examinarmos outros tipos de orações, a saber, transitivas e inergativas, notaremos, contudo, que, devido às restrições impostas pelo sistema gramatical do PB concernentes à mobilidade do verbo e do objeto, essa língua permite a derivação de sentenças contendo quantificadores encaixados em posição- θ .

4.2.1 Sentenças inacusativas

Conforme visto nos capítulos 2 e 3, as sentenças inacusativas do inglês constituem um dos problemas da proposta de Sportiche (1988). De acordo com a proposta desse autor, o vestígio de um DP movido licencia a presença de um quantificador flutuante como “todos”, adjacente, à esquerda desse vestígio. Ora, se se pressupõe que o sujeito de uma oração inacusativa é um complemento movido do verbo, então “todos” deveria poder flutuar em posição pós-verbal, o que não é possível com verbos inacusativos no inglês (e.g. **The magicians disappeared all*, o correspondente de (44) em inglês). Por conta desse e de outros problemas é que Bošković (2004), não descartando a idéia inicial daquele autor, decide expandi-la, lançando mão da generalização de que quantificadores não podem flutuar em posição- θ . A proposta de Sportiche, por outro lado, parece boa para o PB, já que, nessa língua, é perfeitamente possível a ocorrência de “todos” em frases inacusativas, na posição pós-verbal, adjacente ao vestígio do complemento do verbo, que se move para fora do âmbito do VP:

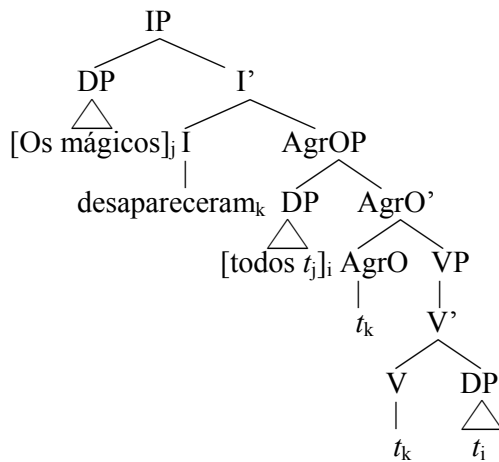
(44) [Os mágicos]_i desapareceram todos t_i .

¹¹¹ Além do que já havia sido notado em relação às construções com aparente flutuação a partir do movimento do DP objeto.

A generalização de Sportiche, entretanto, é problemática, por não cobrir boa parte dos fatos do inglês, e a solução fornecida pelo autor para o problema das inacusativas e passivas sempre foi – e, acreditamos, com toda a razão – severamente criticada na literatura sobre Q-float. A título de recordação, o autor defende a hipótese de que os sujeitos das passivas e inacusativas do inglês seriam gerados em [Spec, VP], daí a inexistência de vestígios pós-verbais nesses tipos de construções.

Vejamos se, por outro lado, a proposta de Bošković prevê a geração de sentenças como (44). À primeira vista a resposta é negativa, pois, como temos defendido, o quantificador “todos” é gerado no âmbito- θ , formando um constituinte com o DP que modifica. Assim, de acordo com o nosso modelo, “todos” é gerado com o DP “os mágicos” na posição de complemento do verbo, e fica encajado depois de o DP se mover para a posição de sujeito. Entretanto, se tudo o que estivermos pressupondo até agora estiver correto, “todos” é, de fato, gerado em posição- θ , mas se move para uma posição não- θ antes de ficar encajado em virtude do movimento do DP para uma posição mais alta ainda. Crucial para essa nossa análise é a hipótese de que “complementos do verbo” (*à la* Radford (1997)) se movem abertamente para uma posição acima do âmbito do VP, mais especificamente, [Spec, AgrOP]:

(45) a. *Sentença inacusativa*¹¹²



Sendo assim, pelo menos até agora, feitas as devidas adaptações,¹¹³ podemos dizer que a análise de Bošković prevê corretamente os fatos do PB: nessa língua, no caso mais

¹¹² Apenas cindiremos o IP quando essa informação se mostrar relevante.

específico das inacusativas, somente aparentemente o quantificador fica encajado em posição- θ . Na verdade, de acordo com o modelo que estamos propondo, o quantificador é gerado em posição- θ , mas não fica encajado nessa posição após o movimento do DP que modifica. O complexo [todos os mágicos] é *pied-piped* para uma posição mais alta que pode abrigar complementos do verbo (no caso, inacusativo) movidos; posteriormente, o DP se move para a posição de sujeito, deixando o quantificador encajado em uma posição não- θ .

Seguiremos examinando outras construções do PB a fim de verificarmos se a proposta de Bošković é realmente capaz de explicar todas as ocorrências do quantificador “todos” nessa língua.

4.2.2 Sentenças passivas

Observamos que as sentenças passivas do inglês, analogamente às inacusativas dessa mesma língua, constituem um problema para a proposta de Sportiche (1988). Afinal, se há um vestígio na posição de complemento do V, então, de acordo com a proposta do autor, deveria haver a possibilidade de essa posição abrigar um quantificador “todos” encajado. Sentenças com essa configuração, entretanto, não são licenciadas no inglês. Por outro lado, essa proposta parece prever a derivação de sentenças passivas como (42d’), do PB, repetida abaixo, já que, nessa língua, é permitido, nesse tipo de construção – mesmo que de modo não tão produtivo – o encaje do quantificador na posição de complemento do V, adjacente ao vestígio do DP movido para o âmbito flexional:

(46) [Os votos]_i foram contados todos *t_i*.

Porém, pelo motivo exposto na subseção anterior, ou seja, pelo fato de a generalização desse autor não cobrir boa parte dos fatos do inglês, e ainda recorrer a uma hipótese *ad hoc* a fim de solucionar o problema das passivas e inacusativas dessa língua, não vamos adotá-la na íntegra nesta tese.¹¹³ Seguiremos, então, examinando a abrangência da generalização de Bošković (2004). Em nossa análise, notamos que o tipo unanimemente

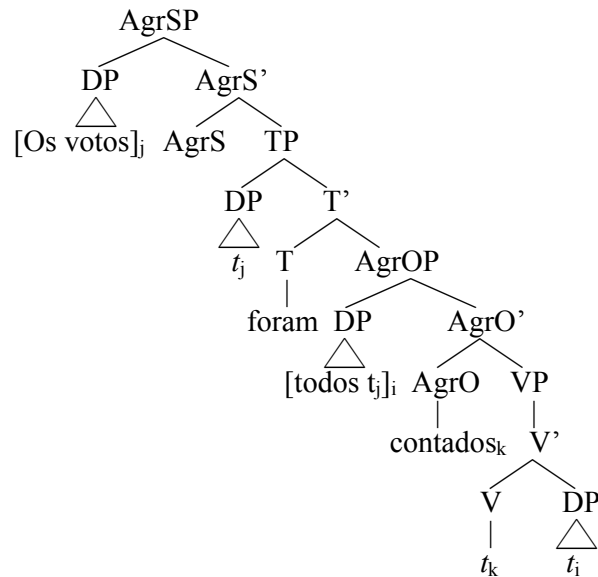
¹¹³ Que, de acordo com a nossa análise, seriam: (i) o quantificador que flutua pode estar em relação de complementação e, por isso, pode ser inserido em posição temática e (ii) o quantificador pode flutuar em uma posição mais alta do que aquela em que é originalmente inserido na sintaxe.

¹¹⁴ Mantemos, contudo, o espírito da proposta, segundo a qual é o DP modificado pelo quantificador que se move para a esquerda, deixando o quantificador encajado na posição em que foi gerado.

aceito de construção passiva com quantificador encajado do PB, ilustrado em (47), parece ser previsto pela proposta desse autor. A representação, em (48), para a sentença em questão, mostra que o quantificador é gerado em posição- θ , mas sofre um movimento para uma posição não- θ antes de ficar encajado:

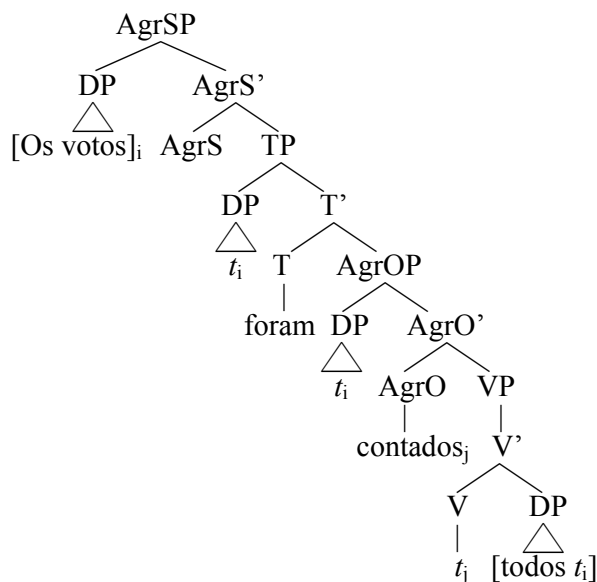
(47) Os votos foram todos contados.

(48) *Sentença passiva (1)*



Quando se trata da construção gramatical, porém não aceita unanimemente, do tipo de (46), observamos uma situação distinta. Intuitivamente, uma explicação para o fato de o quantificador ficar encajado na posição- θ seria a “falta de espaço” para realizar operações de movimento.

(49) *Sentença passiva (2)*



Essa constatação depende diretamente do pressuposto, em Costa & Galves (2002), de que o verbo do português somente se move até T. De acordo com os autores, essa hipótese explicaria a possibilidade de se quebrar a adjacência entre o sujeito e o verbo por meio da inserção de um advérbio, por exemplo, além de outros fatores, como (i) a ocorrência, bastante produtiva, em TP ([Spec, TP]), tanto em orações principais como em encaixadas, do pronome resumitivo, como em “O Pedro ele telefonou” e “Eu acho que o povo brasileiro ele tem uma grave doença” (ambos citados em Costa & Galves, p. 5), e (ii) o caráter defectivo do AgrS do PB, correlacionado à pobreza do paradigma verbal dessa língua. Ou seja, se o alcance do movimento do verbo do português fosse maior, (i.e., se (i) e (ii) acima não estivessem sendo levados em consideração), muito provavelmente a generalização de Bošković também se aplicasse às construções passivas dessa língua: o verbo lexical se deslocaria até T, o verbo auxiliar seria inserido em AgrS, e o complemento verbal seria *pied-piped* até [Spec, AgrOP].¹¹⁵ Em seguida, o DP se moveria para a posição de sujeito, e o quantificador ficaria encajado em uma posição não- θ . No entanto, a cisão do IP em duas projeções distintas (TP e AgrSP)¹¹⁶

¹¹⁵ Estamos alerta para a seguinte peculiaridade: no exemplo em (48), ocorre o *pied-piping* da projeção nominal inteira, isto é, “todos os votos”; no exemplo em (49), nota-se que “todos” fica encajado, “os votos” se move sozinho. Uma explicação pode estar ligada a foco. Os movimentos do PB ocorreriam de modo a sempre deixar o elemento a ser focalizado na posição mais à direita na sentença. Assim, em (48), focaliza-se a ação de contar; em (49), a quantidade contada (isto é, 100%, “todos”).

¹¹⁶ A título de recordação, Bošković (2004) defende um retorno ao modelo com IP-cindido, a fim de “abrir espaço” para operações de movimento que impediriam o encaje do quantificador em uma posição- θ .

não se mostra útil no caso específico de Q-float no PB, já que o verbo dessa língua, de qualquer maneira, parece não alcançar posições mais altas do que T na estrutura. Essa hipótese, indiscutivelmente, restringe, mais do que em outras línguas, a movimentação do complemento verbal.¹¹⁷

Como a sentença com o quantificador flutuando em posição- θ nas construções passivas é justamente aquela que, a nosso ver, é gramatical, porém causa estranheza em alguns falantes do PB, vamos conceder o benefício da dúvida à generalização de Bošković e passar às construções restantes que nos propusemos a examinar: as transitivas e as inergativas.

4.2.3 Sentenças transitivas

Como vimos em (42b'), que repetimos aqui como (50), são agramaticais sentenças transitivas nas quais o quantificador ocupa uma posição mais baixa que a do objeto direto:

(50) *Eles / Os alunos leram a revista todos.

De acordo com os pressupostos adotados nesta tese, a derivação desse tipo de sentença é barrada no PB, dada a nossa hipótese de não haver movimento manifesto do que estamos chamando de “objetos de fato”. Para que fosse possível derivar esse tipo de sentença no PB, o objeto teria de ser capaz de mover-se, na sintaxe aberta, por sobre o quantificador modificador do sujeito, em [Spec, VP], em uma situação bem parecida com a do romeno.

Lembramos que construções como (50), agramaticais no PB, são gramaticais no romeno (Herdan, 2005:83):

(51) Studenții au rezolvat problema toți
alunos.os têm resolvido problema.o todos
*Os alunos resolveram o problema todos.
'Os alunos resolveram todos o problema.'

¹¹⁷ Veremos, mais adiante, que é o longo alcance do movimento do verbo no romeno, e, conseqüentemente, do objeto, que propicia o encaixe do quantificador em uma posição não- θ em sentenças transitivas (Herdan, 2005).

Herdan (2005) é uma tentativa de se explorarem as conseqüências de se adotar o que ela chama de “*the θ -sensitive stranding analysis*” ¹¹⁸(Herdan, 2005:83), ou seja, uma tentativa de examinar as implicações da análise em Bošković (2004), segundo a qual posições- θ seriam sensíveis à presença de um quantificador flutuante. Nesse trabalho, a autora pressupõe que o verbo do romeno se alça a posições bem altas na estrutura, possibilitando aos objetos, pelo menos às vezes, sofrer dois movimentos a partir da posição em que são gerados. Não vamos contemplar essa análise em detalhes, pois o que é relevante para nós é mencionar que a autora pressupõe análises como Cornilescu (2000), na qual se defende que os verbos do romeno são capazes de se mover até a posição flexional mais alta, rotulada de M^0 (para *mood*, “modo”). Daí a possibilidade de o quantificador “escapar” do encaixe em uma posição- θ . No romeno, de acordo com essas análises (Cornilescu, 2000; Herdan, 2003, 2005) a estrutura sintagmática necessita atingir a seguinte complexidade:

(52) [MP [M' M [AgrSP [AgrS' AgrS [TP [T' T [AspP [Asp' Asp [AgrOP [AgrO' AgrO [VP [V'V ...]]]]]]]]]]

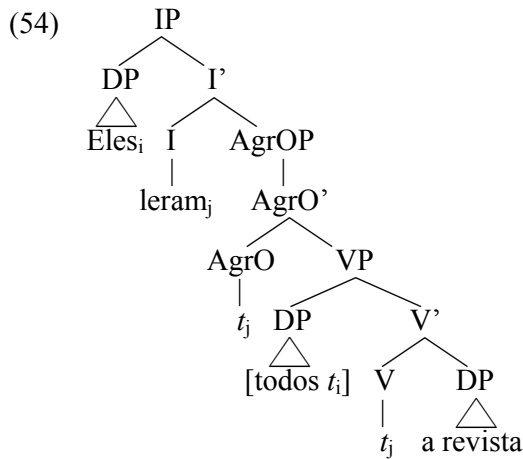
Desse modo, não é de se estranhar que os elementos do romeno exibam uma grande flexibilidade de movimentação.¹¹⁹

Voltemos ao PB. Observando-se a representação de (53), em (54), notamos que a análise de Bošković (2004) tampouco prevê a gramaticalidade da construção transitiva com Q-float, permitida no PB:

(53) Os meninos leram todos a revista.

¹¹⁸ Tradução livre: “A análise com encaixe sensível a posições- θ ”.

¹¹⁹ Obviamente, a autora apresenta motivações independentes para tais movimentos.

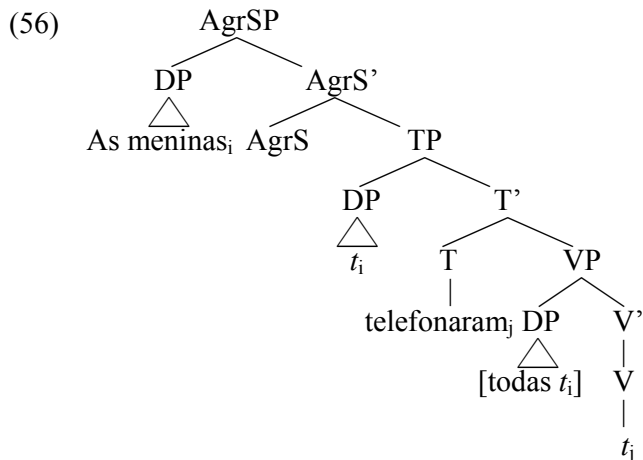


Assim, o quantificador fica, por hipótese, encaixado em posição- θ , contrariando a proposta, em Bošković (2004), de que quantificadores não podem flutuar (isto é, estar encaixados) nesse tipo de posição. Vale salientar que a construção em (53) é aceita por 100% dos falantes questionados. Veremos, a seguir, que as sentenças inergativas também constituem um problema sério para a análise de Bošković.

4.2.4 Sentenças inergativas

A derivação de sentenças inergativas com quantificador flutuante em posição pós-verbal é permitida no PB. A representação para (42a'), repetida aqui como (55), está em (56):

(55) As meninas telefonaram todas.



Esse tipo de derivação é o mais enxuto possível, pois, não havendo a projeção de um DP complemento de V, tampouco há a projeção de uma posição de objeto externa ao VP. Como se vê, esse tipo de construção constitui mais um problema para a proposta de Bošković, já que, de acordo com a nossa hipótese, o quantificador está encaixado em uma posição- θ , mas, apesar disso, a sentença é perfeitamente gramatical, de acordo com os julgamentos dos falantes do PB.

Esse tipo de construção também é gramatical no romeno:

(57) Fetele au sunat toate.
meninas.as têm telefonado todas
'As meninas telefonaram todas.'

Como Herdan (2005) adota a generalização de que quantificadores não podem flutuar em posições temáticas, então ela necessita fornecer uma explicação para o fato de (57) ser gramatical. A autora não contempla as construções inergativas em seu trabalho, mas, com base na potencial estrutura sintagmática do romeno, vista em (52), pode-se prever que também o sujeito do romeno possa se mover umas tantas vezes (o mesmo se dando em relação ao objeto, como havíamos visto) na estrutura. Sendo assim, já que a autora está adotando os pressupostos em Bošković (2004), ela pode dizer que o sujeito se move para uma posição não- θ , e, ali, o quantificador se adjunge a ele. O sujeito se move mais uma vez (ou mais), deixando o quantificador encaixado em uma posição não- θ , da forma desejada. Crucial para nossa análise dos dados do PB é o pressuposto em Costa & Galves (2002), de que o verbo do português se move apenas até T. Na análise que estamos defendendo, não há espaço, na estrutura sintagmática do PB, para o tipo de análise em Herdan. Em primeiro lugar, estamos pressupondo que o quantificador é gerado em posição- θ , não havendo, portanto, a possibilidade de ser inserido tardiamente na derivação de uma estrutura.¹²⁰ Em segundo lugar, mesmo que estivéssemos adotando a hipótese com adjunção, não haveria, na estrutura do PB, a possibilidade de verbos, objetos e sujeitos serem alocados a posições mais altas, como acontece no romeno.

¹²⁰ Na análise de Herdan (2005), à maneira de Bošković (2004), o quantificador é inserido diretamente em sua posição de superfície. Esse pressuposto leva a autora a adotar, também, a hipótese de que quantificadores podem ser inseridos aciclicamente, isto é, tardiamente, em uma derivação.

4.2.5 Construções remanescentes

Ainda nos resta investigar o tipo de sentença a que os proponentes de análises adverbiais costumam recorrer para explicar o caráter adverbial do quantificador “todos” no inglês. Ou seja, aquelas sentenças em que, mesmo no inglês, é permitida a ocorrência do quantificador em posição pós-verbal, mas que exigem a presença de um constituinte à direita de Q:

- (58) a. The magicians disappeared all at the same time.
os mágicos desapareceram todos ao mesmo tempo
'Os mágicos desapareceram todos ao mesmo tempo.'
- b. The votes were cast all in alphabetical order.
os votos foram registrados todos em alfabética ordem
'Os votos foram registrados todos em ordem alfabética.'

Segundo a análise de Bobaljik (1995, ver a seção 2.3.1) para o inglês, quantificadores flutuantes se comportam como advérbios, sendo gerados na base como advérbios adjungidos à margem de um predicado XP. De acordo com esse raciocínio, se não houver um predicado disponível no qual o quantificador possa se apoiar, então a sentença é mal-formada:

- (59) a. *The magicians disappeared all.
os mágicos desapareceram todos
'Os mágicos desapareceram todos.'
- b. *The votes were cast all.
os votos foram registrados todos
'Os votos foram registrados todos.'

Sabemos que o mesmo não se dá em relação ao PB. Nessa língua, são licenciadas construções com o quantificador em posições bem baixas, sem que para isso Q precise estar apoiado em algum elemento à sua direita. Por outro lado, curiosamente, uma construção totalmente ruim, como a transitiva com quantificador pós-objeto, como (50), repetida aqui em (60), passa a ser totalmente boa caso a sentença apresente material posterior a esse quantificador:

- (60) a. *Eles leram a revista todos.
a'. Eles leram a revista todos ao mesmo tempo.

Um trabalho que contempla essa questão de o PB licenciar construções como (60a') é Kato & Nascimento (1993). Segundo os autores, esse fato do PB poderia representar um problema para a teoria de Sportiche (1988). A fim de legitimar a análise de Sportiche, que os autores consideram boa,¹²¹ Kato & Nascimento propõem-se explicar a gramaticalidade de (60a') sem macular a proposta clássica com encalhe daquele autor. A proposta dos autores, basicamente, fundamenta-se na seguinte questão: se, em uma sentença como (61), o quantificador está adjungido ao sintagma preposicional que o segue, então “[c]omo [é que] nessa posição o quantificador é interpretado como quantificador se ele aparentemente não liga nenhuma variável?” (Kato & Nascimento, 1993:954).¹²²

(61) As mulheres comeram lagosta todas com as mãos.

Os autores propõem, então, que “todos” ligaria um PRO, sujeito da mini-orção [PRO com as mãos], e que, assim, em lugar de (62a'), teríamos (62b'):

- (62) a'. (PP todas (PP com as mãos))
b'. (PP todas (PP PRO_i (P' com as mãos))

Kato & Nascimento argumentam que, sendo, reconhecidamente, um pronome e um anafórico, PRO estaria ligado a um antecedente, isto é, o próprio quantificador, e seria co-referente ao DP sujeito de I, atendendo às exigências de sua natureza dupla.

Julgamos convincente o argumento dos autores e, portanto, aceitamos a hipótese de que “todos” ligaria um PRO, sujeito de uma mini-orção, tal qual ilustrado em (62b'). Para tanto, tendo em vista tudo o que foi dito até agora, e, principalmente, tendo em vista a hipótese de que os objetos do PB não se movem na sintaxe aberta, teremos de pressupor o movimento dessa mini-orção para a direita, passando por sobre o objeto (e.g. “lagosta”), a fim de se obter a linearização em (61). Na verdade, Kato & Nascimento (1993:952) já haviam aventado tal hipótese, ao afirmar: “[P]arece-nos lícita

¹²¹ Kato e Nascimento, no entanto, nada mencionam acerca das problemáticas construções passivas e inacusativas do inglês.

¹²² Os autores pressupõem que “[u]m quantificador do tipo de ‘todos’ tem natureza de um operador como o interrogativo *qu-*, e pode nascer adjungido a um predicado em posição baixa na estrutura, mas ser alçado e a adjungir-se a predicados mais altos, ligando variáveis em posições mais baixas” (Kato & Nascimento, 1993:953).

a posposição quando o DP quantificado tem como escopo o predicado de uma mini-oração”.

Empiricamente – ou mesmo, intuitivamente – falando, acreditamos na possibilidade de o movimento para a direita ser independentemente motivado pela necessidade, ainda que pequena, de se fazer uma pausa entre o objeto e o material que o segue:

- (64) a. [As mulheres comeram a lagosta] [todas com as mãos]
a'. *[As mulheres comeram a lagosta todas] [com as mãos]

Além disso, notamos que, nesses casos, o termo [todos + com as mãos] sempre forma um constituinte, devendo mover-se em bloco:

- (65) a. [As mulheres comeram a lagosta] [todas com as mãos]
b. ??[As mulheres comeram todas a lagosta] [com as mãos]

Não vamos sugerir nada definitivo nesse sentido, ou seja, não vamos rotular o tipo de movimento para a direita envolvido – *Heavy NP Shift*, adjunção à direita... – preferindo adotar a designação mais genérica, também utilizada por Kato & Nascimento, de “posposição”. Estamos cientes ainda de que a adoção da noção de PRO traz implicações (em geral, negativas) para uma análise que tenta, na medida do possível, ater-se ao ideal Minimalista,¹²³ mas entendemos, também, que o problema está longe de ser resolvido. Há propostas no sentido de se eliminar PRO da teoria, mas estas são ainda bastante controvertidas.¹²⁴

4.3 Uma análise alternativa

Tendo notado que a generalização de Bošković não pode ser estendida ao PB, já que, por hipótese, essa língua permite a derivação de sentenças com o quantificador “todos” em posição temática, vamos sugerir, nesta subseção, uma análise alternativa

¹²³ Lembramos que o artigo de Kato & Nascimento foi publicado em 1993, ano em que o Programa Minimalista dava seus primeiros passos.

¹²⁴ Ver, por exemplo, a famosa disputa, em *Linguistic Inquiry*, entre Hornstein (1999), Boeckx & Hornstein (2003), de um lado, e Culicover & Jackendoff (2001), Landau (2003), de outro; aqueles advogando a favor da redução de PRO a uma operação de movimento, e estes últimos apresentando os

para explicar os contrastes entre o PB e o inglês que motivaram a realização deste trabalho. Lançamos a explicação para esse contraste sob a forma de uma generalização, a saber, a de que línguas cujos quantificadores formam constituinte com os DPs que quantificam, permitem que aqueles fiquem encalhados em posição pós-verbo-lexical na estrutura sintagmática, sejam essas posições internas ou externas ao âmbito- θ .

4.3.1 Inadequação da proposta de Bošković

Neste ponto do trabalho, somos levados a concluir que a generalização segundo a qual quantificadores não podem flutuar em posições- θ não pode ser mantida. Sendo assim, a explicação para as sentenças em (66) serem agramaticais no inglês não pode estar relacionada à hipótese de o quantificador estar ocupando uma posição- θ :

- (66) a. *The letters arrived all.
as cartas chegaram todas
- b. *The students were failed all.
os alunos foram reprovados todos
- c. *John read the books all.
o João leu os livros todos

É importante lembrar que não estamos questionando a hipótese de o quantificador, nesses exemplos, estar encalhado em uma posição- θ . Apenas não podemos atribuir a agramaticalidade dessas construções a esse fato ou hipótese. Para que fosse válida, a generalização deveria ser capaz de cobrir, também, todos os fatos do PB, o que, contrariamente às expectativas em Bošković (2004), não ocorre. Nas sentenças abaixo, gramaticais, temos por hipótese que o quantificador se encontra encalhado em posição- θ :

- (67) a. *Sentença inergativa com encalhe do quantificador*
As crianças brincaram todas.
- b. *Sentença transitiva com encalhe do quantificador*
As mulheres comeram todas a lagosta.

pontos desfavoráveis à proposta reducionista. Para o PB, e a favor da análise com movimento, ver os estudos de Pires (2001) e Rodrigues (2004).

Como se vê, as construções do PB que põem em xeque a generalização de Bošković não são, curiosamente, as passivas, inacusativas, ou aquelas que apresentam o objeto quantificado, mas as transitivas e inergativas. No caso das passivas e inacusativas, notamos que os complementos do verbo, futuros sujeitos das sentenças, passam, juntamente com o quantificador que os modifica, pela posição de [Spec, AgrOP], externa ao âmbito temático, possibilitando o encalhe dos quantificadores em posição não- θ . No caso das transitivas e inergativas, para que o quantificador não ficasse encalhado em posição- θ , seria necessário que a estrutura sintagmática do PB fosse semelhante à estrutura sintagmática do romeno, na qual o sujeito e o verbo podem ir se alçando a posições cada vez mais altas, o que, de certa forma, ao que parece, possibilita o movimento do “objeto de fato” para posições mais altas, externas ao âmbito temático. Em outras palavras, para que uma análise como a de Herdan pudesse ser adotada no PB, seria crucial que o verbo e os argumentos tivessem posições intermediárias suficientes para onde se movimentar, sendo possível gerar a ordem com flutuação em casos como (67), ao mesmo tempo em que fosse possível postular que o quantificador flutua em posição não- θ .

4.3.2 Mais uma vez a assimetria entre o PB e o inglês

Assim, uma possível explicação para a existência dos contrastes entre o inglês e o PB, e mesmo entre o PB e o romeno, em relação ao posicionamento de quantificadores flutuantes, e a que iremos adotar, está diretamente relacionada a razões que dizem respeito ao alcance do movimento do sujeito e do verbo e à possibilidade ou à impossibilidade de movimento do objeto na sintaxe aberta.

Outro fator crucial em nosso trabalho é a hipótese de o quantificador do PB (e, como vimos, o do romeno), ao contrário do quantificador do inglês, ter, necessariamente, de ser inserido junto ao DP que quantifica. Optamos por não julgar a validade da hipótese com a inserção tardia do quantificador de Bošković, mas, temos de reconhecer que, de fato, há a *possibilidade* de o quantificador do inglês ser inserido tardiamente na derivação. Para o PB, tendo em mente os testes apresentados no capítulo 3 quanto à formação de constituinte entre Q e DP, observamos que a inserção tardia é totalmente inviável. Isso, em parte, explicaria o fato de línguas como o PB (vide também o romeno) admitirem a presença do quantificador em posições tão baixas na estrutura.

Apesar de estarmos concedendo o benefício da dúvida a Bošković nesse aspecto específico da inserção tardia do quantificador, julgamos frágil a sua explicação para os fatos do inglês e de outras línguas calcada na hipótese de que quantificadores não podem flutuar em posições- θ . A nosso ver, esse tipo de proposta sobrecarrega o âmbito temático e, na melhor das hipóteses, é apenas descritiva, pois o autor não explica por que razão seria problemática a flutuação de quantificadores em posições- θ . Outro problema na análise de Bošković é o fato de o autor não explorar a estrutura interna do DP, o que, acreditamos, é uma contribuição importante de nosso capítulo 3. Além disso, mesmo que o trabalho de Bošković seja, em grande parte, uma investigação de como as possibilidades adicionais de movimento do verbo e do objeto em diferentes línguas podem contribuir para explicar os casos possíveis de flutuação, os dados do PB não podem ser explicados adequadamente com os pressupostos adotados na análise. Acreditamos que a nossa contribuição neste capítulo seja, em parte, a observação desse problema. Fazemos uma breve recapitulação do que observamos em relação à estrutura do DP e ao tipo de movimento sofrido por verbos e objetos nas línguas.

Em primeiro lugar, notamos ser imprescindível um exame da estrutura do DP da língua que se quer analisar. Pressupondo-se uma análise derivacional, e de acordo com a nossa argumentação ao longo da tese, é a estrutura do DP que vai definir se o quantificador tem, ou não, a possibilidade de ser inserido tardiamente. Os testes realizados nas duas línguas em questão mostram que, no PB, mas não necessariamente no inglês, o quantificador tem de ser gerado junto com o DP que quantifica. Isso explicaria, em princípio, o fato de o quantificador do PB poder ocupar uma posição tão baixa na estrutura sintagmática. Como vimos, o mesmo não acontece em relação ao inglês, que barra a derivação de sentenças com quantificadores flutuantes ocupando a posição final de uma sentença.

Em segundo lugar, é crucial uma verificação do tipo de movimento sofrido pelo verbo na língua sob análise. Algumas análises nem mesmo aceitam a ocorrência do movimento do verbo no inglês, mas, pressupondo-se a existência de tal movimento, como estamos fazendo, temos de ter em mente que este é, na melhor das hipóteses, muito curto. Curiosamente, nota-se que o movimento do verbo no PB é, por hipótese, tão curto quanto o do inglês. Sendo assim, um dos fatores que parecem determinar a possível localização pós-verbo-lexical do quantificador no PB é a sua obrigatoriedade de geração junto com o DP que quantifica, no âmbito temático – isto é, em uma posição

bem baixa na estrutura. Um percalço para a proposta de Bošković é o pressuposto, em Costa & Galves (2002), de que os verbos lexicais do PB apenas se movem até T. A generalização segundo a qual quantificadores não podem estar encalhados em posições- θ poderia ser mantida caso o verbo se movesse até AgrS, já que, dessa forma, o quantificador poderia, juntamente com o DP, sofrer movimento intermediário até [Spec, TP], e então ficar encalhado nessa posição, fora do âmbito temático. A argumentação em Costa & Galves, no entanto, veta essa possibilidade, já que a posição de [Spec, TP] deve abrigar pronomes resumitivos, presentes nas construções com redobro de sujeito, e o verbo lexical nunca pode encontrar-se acima desse elemento pronominal:

- (68) a. Os alunos eles leram a revista.
 b. *Os alunos leram eles a revista.

Assim, de acordo com esses pressupostos, em exemplos como (69) a seguir, o quantificador, por hipótese, encontra-se na posição em que foi gerado, isto é, uma posição- θ :

- (69) [_{AgrSP} [Os alunos]_i [_{TP} (eles) [leram]_j [_{VP} todos t_i t_j a revista]]]]

A representação acima ilustra a impossibilidade de movimento do verbo lexical até AgrS, e o encalhe obrigatório do quantificador em uma posição- θ . Além disso, se a sentença “*Os alunos leram a revista todos” é agramatical, isso significa, tendo em mente o pressuposto de que o verbo do PB somente se move até T, que é proibido o movimento do objeto (no caso, “a revista”) para uma posição fora do âmbito- θ . Como vimos, essa é uma das disparidades entre o inglês e o PB.

Sem observar todos esses fatores, Bošković poderia muito bem incluir o PB em seu rol de línguas¹²⁵ que observam a generalização segundo a qual quantificadores não podem flutuar em posições- θ . Nossa conclusão, no entanto, é a de que os fatos relativos ao PB contemplados nesta tese invalidam a manutenção dessa generalização.

¹²⁵ Na seção 2.3.5, Bošković apresenta dados das seguintes línguas: francês, italiano, coreano, japonês, sueco e espanhol. De acordo com o autor, todas observariam a generalização segundo a qual quantificadores não podem flutuar em posições- θ .

4.3.3 Uma generalização

Pelo que vimos, as línguas que permitem o encalhe do quantificador em posição pós-verbo-lexical dividem-se em dois tipos: (i) aquelas nas quais o quantificador pode estar encajado em posição- θ , como o PB, e (ii) aquelas nas quais o quantificador não está encajado em posição- θ , como o romeno. Notamos, em relação a este último tipo de língua, que o quantificador *poderia* estar encajado em posição- θ , não fossem os inúmeros movimentos sofridos pelos elementos da sentença. Inversamente, haveria a possibilidade de o quantificador do PB estar encajado fora do âmbito- θ , não fossem tão restritos os movimentos sofridos pelos elementos da sentença nessa língua. Desse modo, parece que o não-encalhamento em posição- θ decorre apenas do pressuposto de que certas línguas admitem mais movimentos do que outras. Assim, voltamos a enfatizar que uma explicação para os contrastes entre o inglês e o PB, ou seja, aqueles contrastes que motivaram a realização da presente análise, nada têm a ver com posições- θ , mas com propriedades peculiares de cada uma das línguas, a saber, alcance do movimento do verbo (e sujeito e objeto), mas, principalmente, a estrutura do DP.

À *la* Bošković, optamos por resumir nossa proposta de análise para os quantificadores flutuantes em uma generalização, em (70), a saber:

- (70) Línguas cujos quantificadores formam constituintes com os DPs que quantificam permitem que aqueles estejam encajados em posição pós-verbo-lexical na estrutura sintagmática, sejam essas posições temáticas ou não-temáticas.

Em resumo, nossa argumentação é no sentido de que é uma propriedade do DP que define se uma determinada língua vai licenciar, ou não, o encalhe do quantificador em uma posição pós-verbo-lexical. Essa propriedade é o fato de Q e DP formarem um constituinte, o que ficou demonstrado em exemplos do tipo de “As crianças resolveram os problemas todos”, e a contraparte do romeno, *Copiii au rezolvat problemele toate*. Nessas línguas, por hipótese, em exemplos como esses, o movimento do DP para a posição anterior ao Q é interno à projeção nominal que os contém. É, portanto, essa propriedade do DP do PB e do romeno que define a possibilidade de o quantificador ocorrer após o verbo lexical, ao contrário do que ocorre no inglês, língua na qual está ausente a propriedade descrita acima.

4.3.4 Justificando os movimentos

Neste ponto, faz-se necessário justificar, já que estamos adotando pressupostos Minimalistas, o que torna possível (e, portanto, obrigatório) o movimento do DP que resulta nos diferentes posicionamentos do quantificador “todos” em uma sentença. Não incluiremos neste ponto os exemplos com movimento do DP interno à projeção nominal, por estes já terem sido abordados no capítulo 3, mas aqueles que apresentam o movimento no nível oracional. As possibilidades, dividindo-as em quatro grupos, de acordo com os tipos de construções que nos propusemos analisar, são as seguintes:

(71) *Inacusativas*

- a. **Todos** os mágicos desapareceram.
- b. Os mágicos desapareceram **todos**.
- c. Desapareceram **todos** os mágicos.

(72) *Passivas*

- a. **Todos** os votos foram contados.
- b. Os votos foram **todos** contados.
- c. Os votos foram contados **todos**.
- d. Foram contados **todos** os votos.

(73) *Transitivas*

- a. **Todos** os alunos leram a revista.
- b. Os alunos leram **todos** a revista.
- c. Leram a revista **todos** os alunos.

(74) *Inergativas*

- a. **Todas** as meninas telefonaram.
- b. As meninas telefonaram **todas**.
- c. Telefonaram **todas** as meninas.

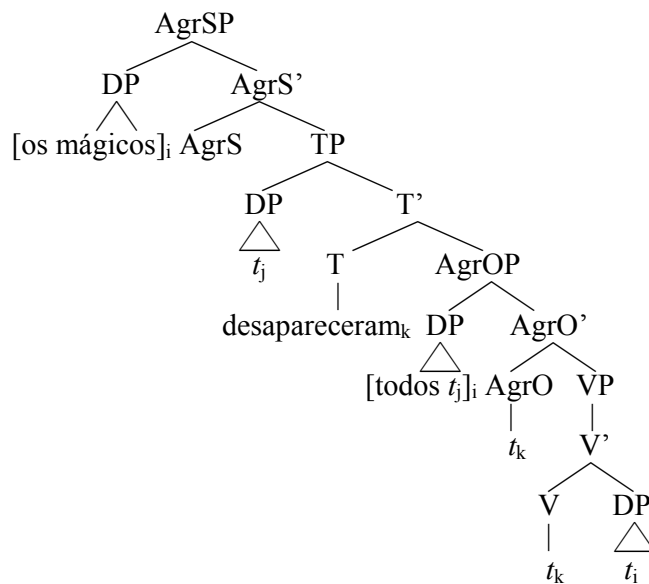
De acordo com pressupostos minimalistas, cada um desses movimentos tem uma justificativa, e resulta em interpretações diferentes. Sugerimos que essas diferenças de interpretação dizem respeito ao foco da sentença, não havendo outras diferenças significativas no significado da sentença. Afirmamos, portanto, que os movimentos vão ocorrendo até que o elemento a ser focalizado se encontre na posição mais à direita da

sentença.¹²⁶ Assim, em um exemplo como (71a), o foco é a ação de desaparecer; em (71b), fato de 100% dos mágicos terem desaparecido; em (71c), o fato de “os mágicos” terem desaparecido, e não “os trapezistas”, por exemplo. Arriscamos dizer que, em (71c), “todos” também pode ser focalizado, e isso teria a ver com a nossa hipótese de, nessa posição, “todos” + DP formarem um só constituinte.

Dividiremos os objetos de nossa exposição em dois grupos: (i) o grupo das construções nas quais o DP é capaz de se mover três vezes na estrutura, a saber, as construções passivas e inacusativas, e (ii) o grupo das construções nas quais o DP é capaz de se mover duas vezes na estrutura, a saber, as construções transitivas e inergativas. Por motivos de exposição, vamos utilizar as construções com o quantificador encaixado na posição pós-verbo-lexical.

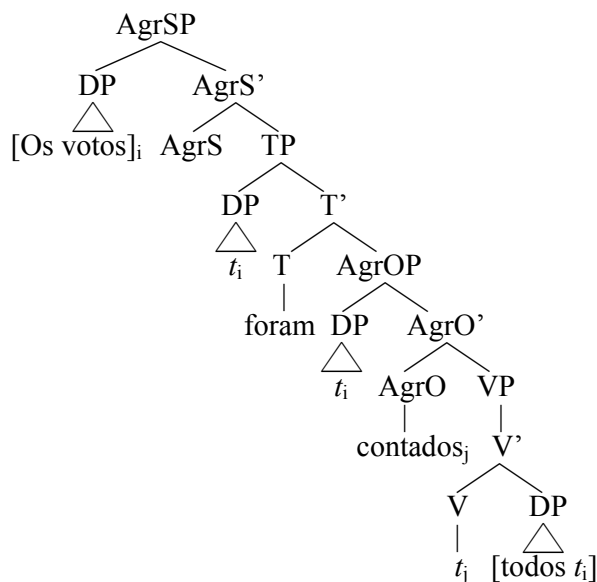
Passemos à análise do primeiro grupo. Recordando, abaixo, as derivações propostas anteriormente para as sentenças inacusativas e passivas, notamos que o DP quantificado pode, ao todo, sofrer três movimentos:

(75) a. *Sentença inacusativa*



¹²⁶ De acordo com comentário feito por Acrísio Pires (c.p.), uma proposta bem específica nesse sentido foi feita por Cinque (1993), que postulou uma regra de foco nuclear começando à direita da sentença, e dependente da estrutura oracional.

(76) *Sentença passiva*



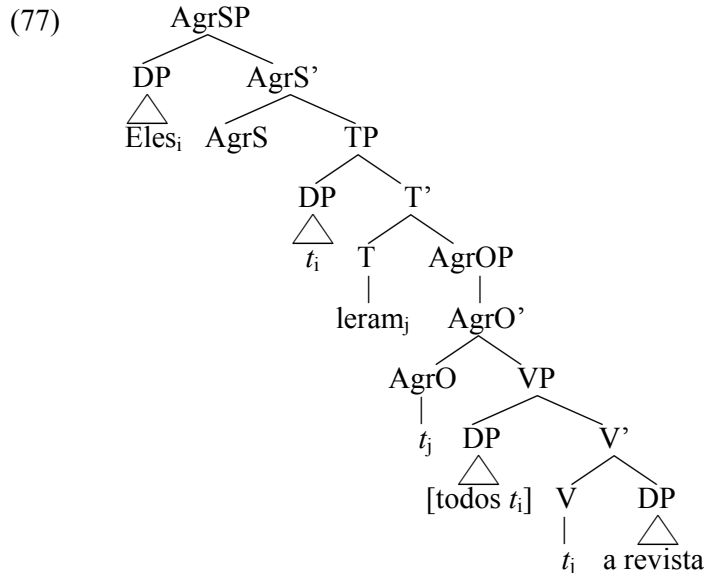
Notamos, em ambos os tipos de construção, que o DP é gerado em posição de complemento verbal, no âmbito- θ , sofrendo um primeiro movimento para [Spec, AgrOP]. Vimos que esse movimento intermediário se justifica pelo fato de os sujeitos das passivas e inacusativas apresentarem algumas características semelhantes às dos objetos em geral. Em seguida, o DP se move para [Spec, TP], mas não permanece nessa posição, reservada aos pronomes resumitivos em geral. Por fim, sofre mais um deslocamento que, tanto pode ser para [Spec, AgrSP], como está ilustrado, como para uma posição adjungida a essa projeção, se se pressupõe a análise de Costa & Galves (2002).¹²⁷ Como havíamos dito anteriormente, não tomaremos partido em relação à questão da posição exata do sujeito no PB. A questão que se coloca, então, é: o que, no sistema computacional, justifica esses movimentos todos, e o que torna o DP ativo para o movimento?

Em termos minimalistas, um traço não-interpretável em um núcleo atua como sonda em busca de um outro traço, por sua vez interpretável – um gol – em posição de complemento da sonda. Conforme resumo apresentado no capítulo 1, segundo os avanços mais recentes da teoria, *Agree* pode estabelecer-se, sem que para isso seja necessário o movimento. Nesse novo modelo, é somente um traço-EPP, não-interpretável, na sonda, que é capaz de provocar um movimento e determinar a projeção

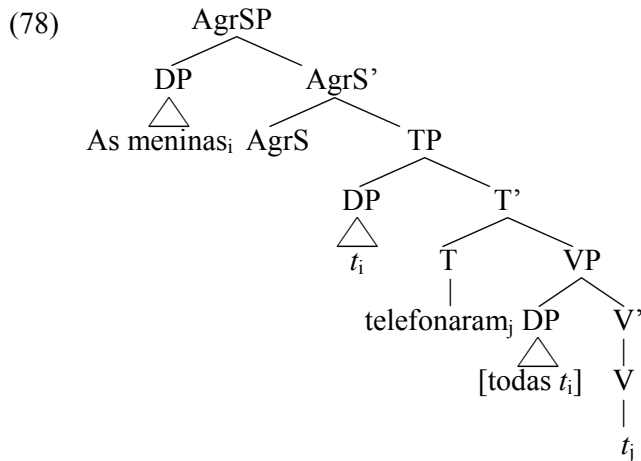
de uma posição de especificador para abrigar o elemento movido. Em relação ao caso específico das inacusativas e passivas ilustradas em (75) e (76), diremos, então, que todas as sondas dos núcleos (a saber, AgrO, T e AgrS) para cujos especificadores o DP se move possuem tal traço não-interpretável, forçando o movimento do DP. E o que torna o DP ativo para o movimento é o traço de Caso estrutural, portanto, não-interpretável, portado por esse elemento. Segundo o modelo de Chomsky (1995 em diante), entretanto, uma vez que o sistema computacional tenha se livrado dos traços não-interpretáveis indesejáveis, não é possível acioná-los novamente. Como justificar, então, o movimento cíclico do DP nos exemplos em questão? Em primeiro lugar, é plausível dizer que o DP em questão tem dois tipos de traços não-interpretáveis a serem checados/valorados, já que seu destino final lhe garante o status de sujeito, mas, que, ao mesmo tempo, apresenta características de objeto. Por considerarmos arriscado dizer que o DP tem dois tipos diferentes de traço de Caso estrutural a serem checados/valorados, diremos que o primeiro movimento ocorre a fim de seja checado/valorado algum tipo de traço não-interpretável que reconhece e estabelece, nesse DP, uma semelhança com objetos em geral. O objetivo do segundo movimento, este sim, dar-se-ia pela necessidade de se checar/valorar o traço não-interpretável de Caso do DP, nominativo. O que dizer do terceiro movimento? O que permite que o DP continue se movendo, se, como foi dito anteriormente, de acordo com Chomsky (1995 em diante), uma vez que o sistema computacional tenha se livrado dos traços não-interpretáveis indesejáveis, não é possível acioná-los novamente? Aqui se encaixa a idéia em Pesetsky & Torrego (2004) de haver a possibilidade de certos traços continuarem ativos, isto é, acessíveis a processos subseqüentes, ao longo de uma derivação. No modelo proposto pelos autores, cria-se uma nova instância de traço valorado, que pode servir de gol para uma posterior operação de *Agree*, acionada por uma instância não-valorada, em posição mais alta, atuando como uma nova sonda. Em outras palavras, mesmo já valorado, o traço de Caso estrutural em [Spec, TP], pode continuar ativo para entrar em uma relação de *Agree* com o núcleo posteriormente projetado, AgrS. O movimento propriamente dito se dá em função de a nova sonda possuir um traço-EPP, não-interpretável, que projeta [Spec, AgrSP] e requer o movimento do elemento em [Spec, TP] para aquela posição.

¹²⁷ Se, por outro lado, tomarmos ao pé da letra a hipótese de Costa & Galves para o PB (e de outros autores, como Figueiredo Silva (1996), por exemplo), segundo a qual o sujeito dessa língua é adjungido, após sofrer movimento, então não teríamos que justificar esse último movimento para [Spec, AgrSP].

Passemos à análise do segundo grupo em questão, a saber, o das construções transitivas e inergativas, nas quais o DP sofre dois movimentos. O que difere esse grupo do primeiro é o fato de os sujeitos das transitivas e inergativas nada terem em comum com objetos. No caso mais específico das inergativas, AgrO nem é mesmo projetado, devido à ausência, nessas construções, de argumentos internos para o verbo. No caso mais específico das transitivas, por outro lado, AgrO é projetado e serve de local de pouso para o verbo, que ainda se move até T, mas, de acordo com a nossa hipótese de que o objeto direto não se move (pelo menos não abertamente) no PB, a posição de [Spec, AgrOP] nem mesmo é projetada, ou, ainda, na melhor das hipóteses, se for projetada, apenas recebe a visita do objeto em LF.¹²⁸ Retomemos as representações para as construções em análise:



¹²⁸ A escolha por uma ou outra opção vai depender do modelo que se está pressupondo: (i) o de que há movimentos encobertos, em LF, pós-*Spell-Out*, ou (ii) o de que todo e qualquer movimento somente ocorre na sintaxe aberta, antes de *Spell-Out*, como proposto, por exemplo, em Kayne (1998).



Nessas construções, notamos que o primeiro movimento do DP quantificado ocorre de [Spec, VP] para [Spec, TP], posição reservada aos pronomes resumitivos em geral. O traço-EPP do gol em T força o movimento do DP, ativo pela necessidade de checar/valorar seu traço não-interpretável de Caso estrutural, e determina a projeção de uma posição de especificador para abrigar o elemento movido. Como esse elemento não pode permanecer ali, pois, de acordo com os pressupostos adotados (Costa & Galves, 2002), aquela é uma posição destinada a pronomes resumitivos, há um novo deslocamento, desta vez para o âmbito de AgrSP. AgrS, nesse caso, apresenta um traço-EPP no gol, exigindo o movimento, lícito, se se aceita o pressuposto em Pesetsky & Torrego (2004) de que certos traços podem continuar ativos, isto é, acessíveis a processos subseqüentes em uma derivação.

4.3.5 Algumas especulações translingüísticas

Observamos que línguas contempladas nesta tese que permitem o encaixe do quantificador na posição pós-verbo-lexical, situação ilustrada pelos dados do PB, em (79), permitem também a derivação de sentenças como as em (80); os exemplos em (80a''-d'') mostram que o inglês barra esse tipo de construção, e (81), que o inglês licencia um tipo parecido de construção, mas sob condições muito especiais:

- (79) a. As cartas chegaram todas.
 b. Os votos foram contados todos.
 c. As crianças sorriram todas.
 d. As crianças leram todas a revista.

- (80) a. Chegaram todas as cartas.
 b. Foram contados todos os votos.
 c. Sorriram todas as crianças.
 d. Leram a revista todas as crianças.

*No romeno*¹²⁹

- a'. Au ajuns toate scrisorile.
 têm chegado todas cartas.as
 'Chegaram todas as cartas.'
- b'. Au fost numărate toate voturile.
 têm sido contadas todas votos.as
 'Foram contados todos os votos.'
- c'. Au zâmbit toți copiii.
 têm sorrido todos crianças.os
 'Sorriram todas as crianças.'
- d'. Au citit revista toți copiii
 têm lido revista.a todos crianças.os
 'Leram a revista todas as crianças.'

No inglês

- a''). *Arrived all the letters.
 b''). *Were counted all the votes.
 c''). *Smiled all the children.
 d''). *Read the magazine all the children.

(81) *Contextos restritos do inglês*

- a. Into the basket fell all the letters.
 dentro-de o cesto caíram todas as cartas
 'Dentro do cesto caíram todas as cartas.'
- b. Once upon a time there lived a king named Lir who had four children.¹³⁰
 uma-vez em-um tempo EXPL vivia um rei chamado Lir que tinha quatro filhos
 'Era uma vez um rei chamado Lir que tinha quatro filhos.'

Assim, observamos que o romeno, língua que, como o PB, admite o encalhe do quantificador em posição pós-verbo-lexical, também admite a ordenação em (80a'-d'). Aliás, segundo a literatura sobre o romeno e o testemunho de nossas informantes, a

¹²⁹ Exemplos fornecidos por S. Herdan e N. Bateman (c.p.).

¹³⁰ Extraído de Carroll, Y. (1997) *Irish Legends for Children*. Dublin: Gill & Macmillan.

ordem com o sujeito pós-verbal é, na realidade, a canônica. Nessa língua, um sujeito pré-verbal costuma ser o tópico ou o foco da sentença. Faz-se necessária uma explicação sobre (79d). Como é agramatical a sentença do PB “*As crianças leram a revista todas”, isso, em princípio, poderia depor contra o que vimos argumentando. Estamos pressupondo, portanto, tendo em mente que o exemplo bom é “As crianças leram todas a revista”, que o DP (“todas as crianças”) nasce à esquerda do verbo, em [Spec, VP], mas, após o movimento do verbo para I, aparece, na superfície, à esquerda, adjacente ao objeto, sofrendo, posteriormente, a posposição que resulta em “Leram a revista todas as crianças”, algo parecido com o que foi dito em relação a “As mulheres comeram a lagosta todas com as mãos”. Tentativamente, diremos que a posposição ocorre como um tipo de *Heavy-NP-Shift*, já que o mesmo tipo de exemplo, porém, desprovido da palavra “todos”, não fica tão natural:

- (82) a. ??/*Leram a revista as crianças.
 b. Leram a revista todas as crianças.
 c. Leram a revista (todas) as crianças da 5ª série.

Acima, em (82a), temos a construção ruim, com o DP, digamos, “leve”; a sentença em (82b), devidamente contextualizada,¹³¹ é gramatical, e o mesmo pode ser dito sobre (82c), ambas com o DP “pesado”. As construções em (81) mostram que os contextos do inglês que aceitam esse tipo de configuração são bastante restritos. Em geral, os verbos são inacusativos e inergativos, e esse tipo de inversão tem sido chamado de *locative inversion* na literatura. Algumas análises do fenômeno chegam a tratar o PP no início da sentença como um tipo de sujeito (ver, por exemplo, Bresnan & Kanerva, 1989, para uma análise do inglês e do chichewã; para uma análise do fenômeno no PB, ver Pilati, 2006).

Em resumo, de acordo com a nossa argumentação, é plausível dizer ser o tipo de DP, também, um dos responsáveis pelo licenciamento de construções como as ilustradas em (80), no PB e no romeno, e do não-licenciamento de suas contrapartes no inglês.

¹³¹ Uma das informantes do romeno afirmou o mesmo em relação a esse tipo de dado nessa língua.

4.4 Conclusões parciais

A partir das conclusões a que chegamos no capítulo anterior, descartamos as análises para o fenômeno de Q-float com uma abordagem adverbial. Assim, nos propusemos a verificar a validade de análises com encalhe, como as de Sportiche (1988) e Bošković (2004), em relação aos fatos do PB.

Seguimos adotando o espírito da proposta de Sportiche, segundo a qual é o DP modificado pelo quantificador que se move, deixando este último encahado em uma posição mais baixa. No entanto, optamos por não aceitar a proposta na íntegra, pelo fato de esta não prever fatos cruciais do inglês, tais como a agramaticalidade de sentenças passivas e inacusativas com quantificador encahado em posição pós-verbal – falha apontada pelo próprio Sportiche – e tampouco a agramaticalidade de sentenças com *Object Shift* (por hipótese, manifesto, no inglês) com quantificador encahado em posição pós-nominal – falha adicional apontada por Bošković.

Em seguida, partimos para um exame da análise de Bošković, que propõe solucionar os problemas da análise com encalhe de Sportiche – bem sucedida na essência, de acordo com Bošković. Esse (Bošković, 2004:684) deixa bem claro o objetivo de sua análise: [T]o *resolve the problem and explore theoretical and empirical consequences of the proposed solution*.¹³² A proposta de Bošković, que se fundamenta na constatação empírica de que, em várias línguas, quantificadores não podem flutuar (isto é, encontrar-se encahados) em posição- θ , apenas em princípio prevê corretamente os diferentes fatos do PB. Vimos, por exemplo, que, no capítulo 3, destinado à investigação da posição do quantificador no DP do PB, a generalização do autor parece prever os fatos dessa língua em relação a essa projeção nominal. Ou seja, de acordo com a nossa hipótese, nessa língua, o quantificador nasce em posição- θ , mas, em exemplos como “A Maria odeia os alunos todos”, nunca fica encahado nessa posição. Ao contrário, o movimento do DP “os alunos” é interno à projeção nominal, o que impede, nesses casos, uma situação de encalhe. A explicação do autor para a agramaticalidade da contraparte de uma sentença como essa no inglês, **Mary hates the students all*, seria o fato de o quantificador, partindo-se do pressuposto de que o inglês apresenta *Object*

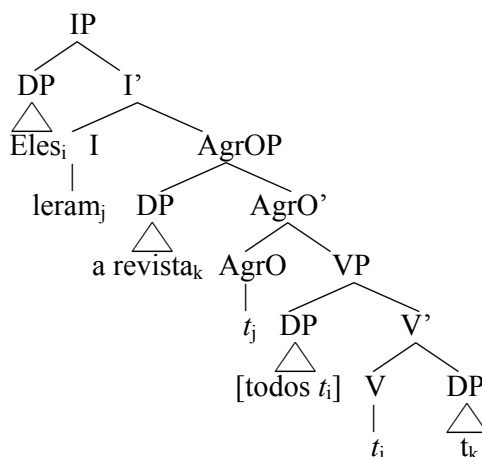
¹³² Tradução livre: “Resolver o problema e explorar as conseqüências teóricas e empíricas da solução proposta”.

Shift manifesto, ficar enclachado em posição- θ , o que, de acordo com a sua generalização, seria proibido.

No presente capítulo, ao examinarmos a estrutura oracional como um todo, verificamos que a generalização de Bošković poderia, também, pelo menos aparentemente, prever certos fatos do PB, como (i) a gramaticalidade de sentenças inacusativas como “Os mágicos desapareceram todos”, na qual, apenas aparentemente, o quantificador se encontra enclachado em posição- θ , e (ii) a preferência, por parte de alguns falantes, por sentenças passivas do tipo de “Os votos foram todos contados”, em detrimento de sentenças do tipo de “Os votos foram contados todos”, na qual o quantificador se encontra enclachado em posição- θ . Outros fatos importantes, contudo, não são previstos pela proposta do autor, a partir do momento em que entram em jogo parâmetros como movimento de objeto e movimento de verbo. Acreditamos ter apresentado evidência suficiente para as hipóteses de (i) o PB apresentar apenas uma versão mais branda de *Object Shift*, por nós denominada “*Object Shift* restrito”, a qual restringe o movimento para [Spec, AgrOP] a complementos de verbos passivos e inacusativos, e (ii) o verbo do PB sofrer movimento curto até T, o que captaria vários fatos do PB, como, redobro de sujeito, possibilidade da quebra da adjacência, por advérbios, entre o sujeito e o verbo, o padrão de concordância dessa língua, e o fato de o sujeito, externo (isto é, adjungido a IP (AgrSP)), do PB, não poder ser equiparado ao sujeito, também externo (e.g., adjungido a CP), de uma língua como o italiano (Costa & Galves, 2002). Isso basicamente equivale a dizer que, se não fosse por esses detalhes (ou “percalços”, dependendo do ponto de vista), a generalização de Bošković poderia estender-se ao PB.

Caso, por exemplo, o PB apresentasse o tipo “mais genuíno” de *Object Shift*, a generalização de que quantificadores não podem flutuar em posição- θ seria capaz de prever a agramaticalidade da sentença transitiva “*Eles leram a revista todos”. Nesse caso, a derivação de uma sentença como essa transcorreria da seguinte forma, e a agramaticalidade dessa construção se daria pelo fato de o quantificador estar enclachado em uma posição- θ :

(78) *Sentença transitiva agramatical: representação que estamos descartando*



Como vimos, no entanto, é plausível dizer que objetos do PB se movem apenas em LF, então, isso, por si só, já é suficiente para barrar a derivação do tipo de construção acima. Além disso, se não estivéssemos adotando o pressuposto de que o verbo do PB se move apenas até T, a generalização de Bošković seria capaz de prever a derivação da sentença gramatical “Eles leram todos a revista”. Conforme visto em (54), a derivação desse tipo de sentença, gramatical, envolve o encaixe do quantificador em posição- θ , fato que depõe contra a generalização de que quantificadores não podem estar encaixados nessa posição. Se, contudo, o verbo do PB fosse capaz de se mover até AgrS, “todos eles” poderia mover-se, a partir de [Spec, VP], até [Spec, TP], de onde “eles” se deslocaria para a posição de sujeito, no âmbito de AgrSP, deixando “todos” encaixado em [Spec, TP], uma posição não- θ .¹³³ Em relação às inergativas (rever a representação em (56) para sentenças do tipo de “As meninas telefonaram todas”), aconteceria algo parecido, com o verbo se movendo até AgrS e o quantificador ficando encaixado em [Spec, TP], após o movimento de “As meninas” para a posição final de sujeito.

Vimos, porém, que, tendo em vista os pressupostos adotados em relação ao PB, essas hipóteses são inviáveis, o que nos levou a questionar a validade da generalização de Bošković, segundo a qual quantificadores não podem flutuar em posições- θ . Pondo em xeque a análise de Bošković, lançamos uma proposta fundamentada em parâmetros como (i) tipo de estrutura interna do DP (ii) alcance do movimento do verbo e do sujeito e (iii) possibilidade de movimento do objeto. A partir de nossas observações, sugerimos a generalização segundo a qual línguas cujos quantificadores formam constituinte com

¹³³ Mas aqui seria indiferente se o objeto sofresse, ou não, movimento manifesto.

os DPs que quantificam, permitem que aqueles estejam encaixados em posição pós-verbo-lexical na estrutura sintagmática, sejam essas posições temáticas ou não-temáticas.

Considerações finais

Iniciamos a nossa análise como o intuito de verificar que tipo de análise seria capaz de explicar os fatos do PB – uma análise adverbial, nos moldes de Bobaljik (1995), por exemplo, ou uma análise derivacional com encaixe do quantificador, nos moldes de Sportiche (1988). Tendo notado, logo no início, em relação aos fatos do PB, a superioridade desta (Sportiche, 1988) sobre aquela (Bobaljik, 1995), propusemo-nos avaliar a sua validade como um todo, dentro do que fora estabelecido como objetivo geral desta tese, ou seja, o exame dos fatos do PB frente aos fatos do inglês. Para ser bem-sucedida, portanto, a proposta deveria ser capaz de prever, simultaneamente, os fatos das duas línguas em questão. Entretanto, como apontam vários autores, entre eles o próprio Sportiche, a proposta apresenta um problema muito sério quando estendida ao inglês, mais especificamente aos dados relativos às construções inacusativas e passivas dessa língua. A solução *ad hoc* proposta por Sportiche não convence os outros estudiosos do fenômeno de Q-float, e os leva a sugerir análises alternativas para o mesmo. Autores que aceitam Sportiche (1988) em sua plenitude são, em geral, aqueles que não levam em consideração o problema trazido pelas passivas e inacusativas do inglês, a saber, por exemplo, McCloskey (2000) e Kato & Nascimento (1993).

Em um estudo bastante recente, contudo, Bošković (2004) se propõe solucionar o problema da análise para o que ele considera “*the otherwise very successful stranding analysis of Q-float*”¹³⁴ (Bošković, 2004:682-683). Desse modo, admitindo a falha em Sportiche (1988), fomos levados a testar a possibilidade de se adotar Bošković (2004) em detalhe, considerando diferentes classes de verbos no português, e múltiplas possibilidades de flutuação, e chegamos a acreditar, com base em evidência empírica do PB, estarmos diante da análise capaz de fazer as previsões corretas nas duas línguas. No capítulo 3, por exemplo, notamos a existência de uma assimetria estrutural entre as duas línguas que, por hipótese, explicaria o contraste entre **Mary hates the students all* e “A Maria odeia os alunos todos”. Notamos que a hipótese de o quantificador não estar encaixado nesses casos – pois o DP “os alunos” teria sofrido apenas um movimento curto interno à projeção nominal em que está contido – estaria de acordo e até mesmo

¹³⁴ Tradução livre: “a análise, quanto ao mais bem-sucedida, com encaixe de Q-float”.

corroboraria a generalização de Bošković segundo a qual quantificadores não podem estar enclhados em posições- Θ . Ao final do capítulo, cogitamos a hipótese de a análise do autor vir a apresentar problemas quando do exame de “todos” no âmbito oracional do PB, já que, nessa língua, são gramaticais as contrapartes das construções passivas e inacusativas, agramaticais, do inglês, a saber, construções como “Os votos foram contados todos” e “Os meninos vieram todos”, nas quais, de acordo com a nossa análise, “todos” estaria enclhado em posição temática. Ao mesmo tempo, porém, reconhecemos que a proposta de Bošković é importante, a partir do momento em que boa parte de nosso estudo foi motivada por sua análise.

A análise apresentada no capítulo 4, entretanto, colocou-nos diante de um dado curioso. As passivas e inacusativas, por apresentarem, de acordo com os nossos pressupostos, um tipo de *Object Shift* restrito, admitindo a passagem do complemento do verbo lexical por [Spec, AgrOP], causam o enclhe do quantificador nessa posição, externa ao âmbito temático. Tal constatação nos leva a crer que a generalização de Bošković também poderia ser estendida ao nível oracional do PB. Uma análise de outras construções do PB, como as transitivas e inergativas, por outro lado, levou-nos a crer haver muito mais em jogo do que uma restrição associada a posições temáticas. Em construções como “Os meninos leram todos a revista” e “As meninas sorriram todas”, notamos, com base em pressupostos relacionados ao alcance do movimento do verbo no PB, e à ausência de *Object Shift* em sua manifestação mais genuína – com movimento manifesto do DP objeto –, que o quantificador encontra-se enclhado em posição- Θ . O fato de essas sentenças com o quantificador enclhado em posição- Θ serem gramaticais nos levou a pôr em xeque a generalização de que quantificadores não podem estar enclhados em posições temáticas, e a lançar uma proposta calcada em parâmetros relacionados ao alcance do movimento do verbo e do sujeito e à possibilidade de movimento do objeto, além dos fatos cruciais apontados em relação à estrutura interna do DP. Seguindo o exemplo de Bošković, resumimos nossa proposta em uma generalização, a saber, a de que línguas cujos quantificadores formam constituintes com os DPs que quantificam, permitem que aqueles estejam enclhados em posições pós-verbos-lexicais na estrutura sintagmática, sejam essas posições internas ou externas ao âmbito- θ . Assim, línguas como o PB e o romeno, que permitem movimento de DP interno à projeção em que está contido, permitem, também, o enclhe do quantificador em posição pós-verbo-lexical, sem que para isso precise se apoiar em algum elemento à

sua direita, como se observa em certos casos do inglês. De acordo com a nossa argumentação, é uma qualidade do DP que define a possibilidade de o quantificador ocorrer ou não na posição mais à direita da sentença. Acreditamos que nossa generalização pode permitir caracterizar mais claramente a variação entre as diferentes línguas do ponto de vista paramétrico, especialmente adotando-se a hipótese de que a especificação de um parâmetro tem mais de uma consequência na estrutura da gramática de uma língua individual.

Referências bibliográficas

- ABNEY, S. (1987) *The Noun Phrase in its Sentential Aspect*. PhD dissertation. Cambridge, Mass.: MIT.
- ALBOIU, G. (1999) (De)-Focusing and Object Raising in Romanian. *Canadian Journal of Linguistics*, 44:1-22.
- ANDRADE, A. L. V. (2005) A Interface Sintaxe/Fonologia na Caracterização do *cê* como Clítico Nominativo. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da Abralín, fevereiro/2005.
- AUTHIER, J.-M. (1991) V-governed Expletives, Case Theory, and the Projection Principle. *Linguistic Inquiry*, 22:721–742.
- BAKER, M. (1988) *Incorporation*. University of Chicago Press.
- BALTIN, M. R. (1995) Floating Quantifiers, PRO and Predication. *Linguistic Inquiry* 26.2:199-248.
- BELLETTI, A. (1990) *Generalized Verb Movement: aspects of verb syntax*. Turin: Rosenberg and Sellier.
- BENMAMOUN, E. (1999) The Syntax of Quantifiers and Quantifier Float. *Linguistic Inquiry*, 30:621-642.
- BERNSTEIN, J. (2001) Focusing the 'Right' Way in Romance Determiner Phrases. *Probus*, 13:1-29.
- BOBALJIK, J. D. (1995) *Morphosyntax: The Syntax of Verbal Inflection*. PhD dissertation. Cambridge, Mass.: MIT.
- BOECKX, C. & N. Hornstein. (2003) Reply to Control is not Movement. *Linguistic Inquiry*, 34:269-280.
- BOŠKOVIĆ, Ž. (1997) *The Syntax of Nonfinite Complementation: An Economy Approach*. Cambridge, MA: MIT Press.
- _____. (2004) Be Careful Where You Float Your Quantifiers. *Natural Language & Linguistic Theory* 22: 681–742.
- BRESNAN, J. & J. Kanerva (1989) Locative Inversion in Chicheŵa: a case study of factorization in grammar. *Linguistic Inquiry*, 20.1:1-50.

- BROOKS, P., M. Braine, G. Jia & M. Dias. (2001) Early Representations for All, Each, and their counterparts in Mandarin Chinese and Portuguese. In: M. Bowerman & S. Levinson (eds.). *Language Acquisition and Conceptual Development*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CALLOUH, D. & C. R. LOPES (orgs.)(1993) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro*. Vol. 2. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ.
- CARDINALETTI, A. & M. Starke (1999) The Typology of Structural Deficiency: a case study of three classes of pronouns. In: H. van Riemsdijk (ed.) *Clitics in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- CHOMSKY, N (1970) Remarks on Nominalization. In: R. Jacobs & P. S. Rosenbaum (orgs.). *English Transformational Grammar*. Waltham, Mass.: Ginn.
- _____. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Foris, Dordrecht.
- _____. (1982) Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding. Cambridge, MA: MIT Press.
- _____. (1986) *Barriers*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (1995) *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (2000) Minimalist Inquiries. In: R. Martin, D. Michaels & J. Uriagereka (eds.) *Step by Step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (2001) Derivation by Phase. In: M. Kenstowicz (ed.). *Ken Hale, a life in language*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (2002) *On Nature and Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (2004) Beyond Explanatory Adequacy. In: A. Belletti (ed.). *The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 3. Oxford: Oxford University Press.
- _____. (2005) Three Factors in Language Design. *Linguistic Inquiry*, 36:1-22.
- CINQUE, G. (1993) A Null Theory of Phrase and Compound Stress. *Linguistic Inquiry*, 24:239-267.
- COSTA, J. (1996) Positions for Subjects in European Portuguese. In: *WCCFL XV Proceedings*. CSLI: Stanford.

- COSTA, J. & C. M. C. Galves (2002) Peripheral Subjects in Two Varieties of Portuguese: evidence for a non-unified analysis. In: C. Beyssade, R. Bok-Bennema, F. Drijkoningen & P. Monachesi (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory*. Utrecht: John Benjamins. http://www.ime.usp.br/~tycho/papers/costa_cgalves.pdf (em 30/12/05).
- CULICOVER, P. & R. Jackendoff (2001) Control is not Movement. *Linguistic Inquiry*, 32:493-511.
- CYRINO, S. (1996) Observações sobre a Mudança Diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: I. Roberts (ed.). *Português Brasileiro*. Campinas: Editora da Unicamp.
- DUARTE, M. E. L. (1989) Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil. UFRJ, Ms.
- _____. (1995) *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de doutorado, Unicamp.
- EMONDS, J. (1978) The Verb Complex V-V' in French. *Linguistic Inquiry*, 9:151-175.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1999) *A Posição Sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp.
- GALVES, C. (1997) La syntaxe pronominale du Portugais Brésilien. In: A. Zribi-Hertz (org.). *Les Pronoms*. Saint-Denis, France.
- _____. (2000) Agreement, Predication and Pronouns in the History of Portuguese. http://www.ime.usp.br/~tycho/papers/cgalves_2001.pdf (em 05/02/06).
- GROHMANN, K. K., J. Drury & J. C. Castillo (2000) No More EPP. *WCCFL 19 Proceedings*, pp. 153-166.
- GUÉRON, J. (1987) Clause Union and the Verb-particle Construction in English. In: *Proceedings of the 17th Conference of the North Eastern Linguistics Society (NELS 17)*.
- HERDAN, S. (2005) Floating Quantifiers and the Structure of Romanian. *University of Connecticut Working Papers in Linguistics*, 13:79-118.
- HOLMBERG, A. (1986) Word Order and Syntactic Features. PhD dissertation, University of Stockholm.

- _____. (1999) The True Nature of Holmberg Generalization. *Studia Linguistica*, 53:1-39).
- HOLMBERG, A. & C. Platzack (1995) *The Role of Inflection in Scandinavian Syntax*. Oxford: Oxford University Press.
- HORNSTEIN, N. (1999) Movement and Control. *Linguistic Inquiry*, 30:69-96.
- JACKENDOFF, R. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- JOHNSON, K. (1991) Object Positions, *Natural Language and Linguistic Theory*, 9:577-636.
- KATO, M. A. (1996) The Morpho-phonology of Strong and Weak Pronouns and the Pro-drop Parameter. Comunicação apresentada no Seminário de Morfologia, USC.
- KATO, M. A. & M. do Nascimento (1993) A Representação da Estrutura Sentencial do Português e a Posição dos Aspectuais e Quantificadores. *Boletim da Anpoll*, 19:944-966.
- KAYNE, R. (1973) *French Syntax: The Transformational Cycle*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (1984) Principles of Particle Constructions. In: J. Guéron et al. (eds.). *Grammatical Representation*. Dordrecht: Foris Publication.
- _____. (1989) Facets of Romance Past Participle Agreement. In: P. Benincà (org.). *Dialect Variation on the Theory of Grammar*. Dordrecht: Foris.
- _____. (1998) Overt vs. Covert Movement. *Syntax*, 1:128-191.
- KOIZUMI, M. (1995) *Phrase Structure in Minimalist Syntax*. Ph.D. dissertation, MIT.
- KOOPMAN, H. (1999) The Internal and External Distribution of Pronominal DPs. In: K. Johnson & I. Roberts (eds.) *Beyond Principles and Parameters*. Netherlands: Kluwer.
- KOOPMAN, H. & D. Sportiche (1991) The Position of Subjects. *Lingua*, 85:211-258.
- LANDAU, I. (2003) Movement Out of Control. *Linguistic Inquiry*, 34:471-498.
- LARSON, R. (1988) On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, 19:335-391.
- _____. (1991) The Projection of DP (and DegP). Stony Brook University, Ms.
- _____. (em preparação) The Projection of DP. Stony Brook University, Ms.

- LASNIK, H. (1999) *Minimalist Analysis*. Oxford: Blackwell.
- _____. (2000) Subjects, Objects, and the Extended Projection Principle. Stanford Linguistic Colloquium. <http://www.stanford.edu/dept/linguistics/colloq/> (em 01/02/06).
- LEBEAUX, D. (1988) *Language Acquisition and the Form of the Grammar*. PhD dissertation. Cambridge, Mass.: MIT.
- MALING, J. (1976) Notes on Quantifier-Postposing. *Linguistic Inquiry*, 7:708-718.
- MCCAWLEY, J. D. (1993) *Everything that Linguists Have Always Wanted to Know About Logic (but were ashamed to ask)*. Chicago: The University of Chicago Press (2 ed.).
- MCCLOSKEY, J. (2000) Quantifier Float and wh-movement in an Irish English. *Linguistic Inquiry*, 31:57-84.
- NUNES, J. (1994) Nominative Pronoun Reduction in Brazilian Portuguese. University of Maryland, Ms.
- _____. (1996) Direção de Cliticização, Objeto Nulo e Pronome Tônico na Posição de Objeto em Português Brasileiro. In: I. Roberts (ed.). *Português Brasileiro*. Campinas: Editora da Unicamp.
- PAGOTTO, E. (1996) Clíticos, Mudança e Seleção Natural. In: I. Roberts (ed.). *Português Brasileiro*. Campinas: Editora da Unicamp.
- PESETSKY, D. & E. Torrego (2004) The Syntax of Valuation and the Interpretability of Features. MIT/UMass, Boston, Ms.
- PILATI, E. (2006) Aspectos Sintáticos e Semânticos das Orações com Ordem Verbo-Sujeito no Português do Brasil. Tese de doutorado em Linguística, UnB.
- PINTO, I. I. (1996) A Variação entre *tudo* e *todo(a)(s)* do Português Informal Carioca. Dissertação de mestrado em Linguística, UFRJ.
- PIRES, A. (2001) The Syntax of Gerunds and Infinitives: subjects, Case and control. PhD dissertation, University of Maryland.
- POLLOCK, J.-Y. (1989) Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20:365-424.

- POSTAL, P. M. (1974) *On Raising: One Rule of English Grammar and Its Theoretical Implications*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- RADFORD, A. (1997) *Syntactic Theory and the Structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RAMOS, J. (1997) O Uso das Formas Você, Ocê e Cê no Dialeto Mineiro. In: D. da Hora (Org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia.
- RIZZI, L. (1990) *Relativized Minimality*. Linguistic Inquiry Monograph 16. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- RODRIGUES, C. (2004) Impoverished Morphology and A-movement out of Case Domains. PhD dissertation, University of Maryland.
- RUNNER, J. (1998). Noun Phrase Licensing and Interpretation. New York: Garland.
- SCHERRE, M. M. P. (1988) Reanálise da concordância nominal em português. Tese de doutorado em Lingüística, UFRJ.
- SHLONSKY, U. (1991) Quantifiers as Funcional Heads: A Study of Quantifier Float in Hebrew. *Lingua* 84:159-180.
- SPORTICHE, D. (1987) Unifying Movement Theory. University of Southern California, Ms.
- _____. (1988) A Theory of Floating Quantifiers and Its Corollaries for Constituent Structure. *Linguistic Inquiry*, 19.3:425-449.
- STOWELL, T. (1982) The Tense of Infinitives. *Linguistic Inquiry*, 13:561-570.
- TORREGO, E. (1996) On Quantifier Float in Control Clauses. *Linguistic Inquiry*, 27.1:111-126.
- URA, H. (1993) L-Relatedness and its Parametric Variation, *MIT Working Papers in Linguistics*, 19:377-399.
- URIAGEREKA, J. (1999) Multiple Spell-Out. In: S. Epstein & N. Hornstein (eds.). *Working Minimalism*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- VICENTE, H. (2003) A Alternância na Ordem do Quantificador Universal Coletivo dentro do SN no Português Informal Carioca: caso de variação lingüística ou distribuição complementar? Universidade de Brasília, Ms.

VIKNER, S. (1990) Verb Movement and the Licensing of NP-positions in the Germanic Languages. PhD dissertation, Université of Genève.

_____. (1995) *Verb Movement and Expletive Subjects in the Germanic Languages*. Oxford: Oxford University Press.

VITRAL, L. (1996) A Forma *cê* e a Noção de Gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, ano 5(4):115-124.